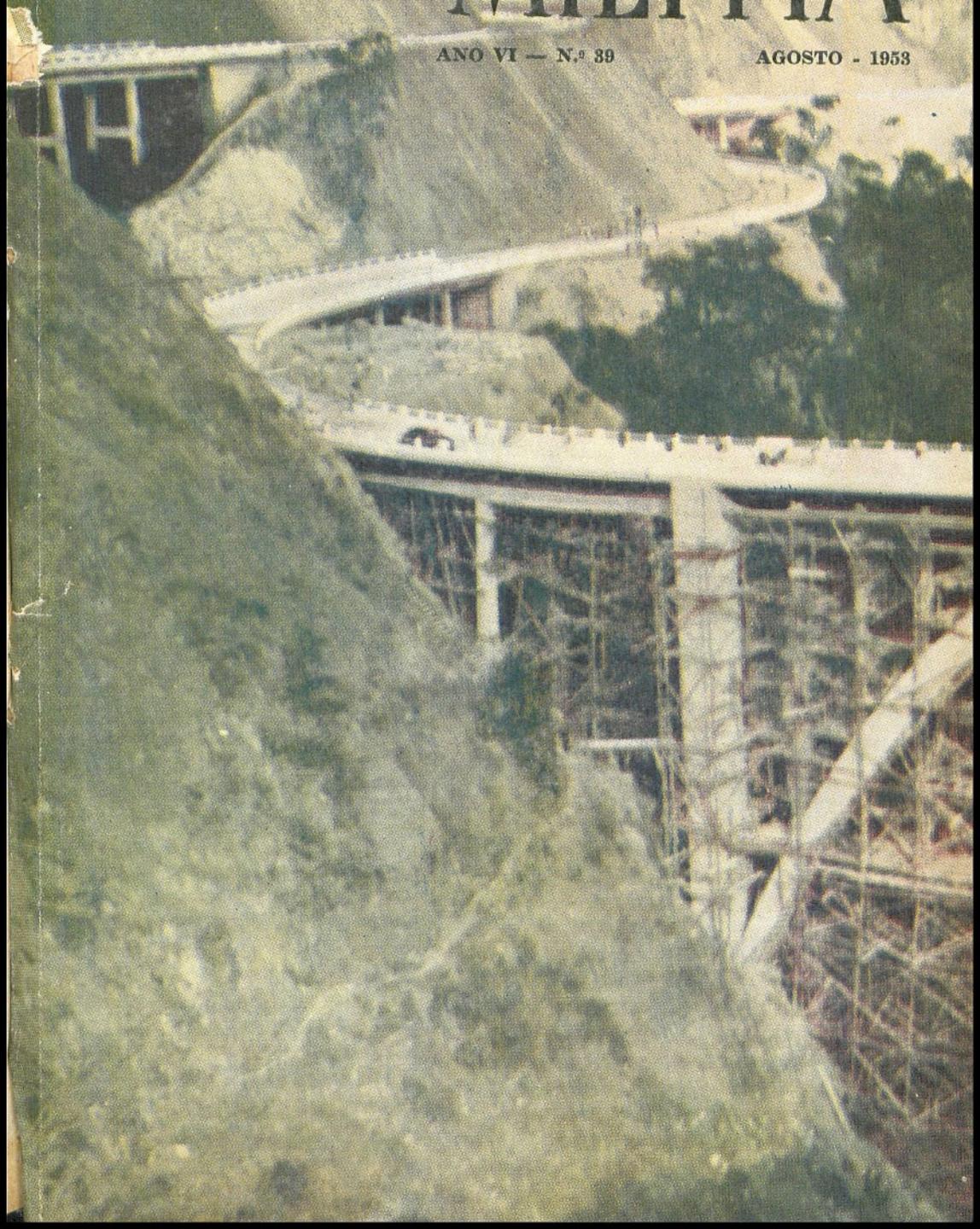


MILITIA

ANNO VI — N.º 39

AGOSTO - 1953

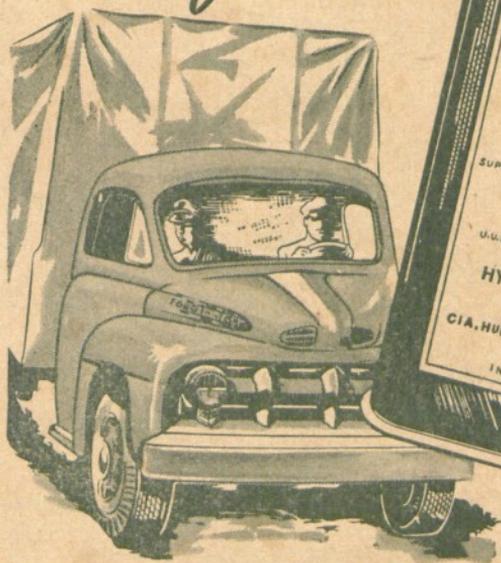


SUMÁRIO

NOSSA CAPA	98
EDITORIAL	5
DIVERSOS	
A Psicología da Disciplina - Cap. Sérgio Rodrigues Caldas	6
O Clima Espiritual no Ambiente Militar - Agnello Camargo Penteado ..	8
Coisas da Fôrça Pública - Cel. Anchieta Torres	14
Ainda o Trânsito - Gumercindo Fleury	18
Comentando - Ten. Hildebrando Chagas	19
Antes da P.M.D.F., os Quadrilheiros - Major Darcí Fontenelle de Castro	20
A Banda da Fôrça Pública - Cel. Tenório de Brito	22
Dois Lutadores - Cap. Monte Serrat Filho	24
O Grande Inventor - Cap. Sérgio R. Caldas	26
144.º Aniversário da Fundação da P.M. do D. Federal - Ministro N. Lima	28
O Quartel do Lendário 4.º Batalhão - Cel. Antônio Pietscher	32
Viagem ao Sul - Ilza das Neves	34
Secção Feminina - Rita de Cássia	36
Duque de Caxias - Soldado Aníbal Pinto Ribeiro	69
NOTICIÁRIO	
O cel. João de Quadros visitou o 6.º B.C.	42
21.º Aniversário de Falecimento do gen. Júlio Marcondes Salgado	44
Inaugurado no Hospital Militar o Serviço de Radioterapia	49
Posse do sr. Nicolau Tuma	51
Falecimentos	52
Homo Homini Lupus - Ten. Diomar de Melo Torquato	54
Novo Diretor para o Serviço de Abrigo e Triagem de Menores	62
Brigadiano - D'Ávila Flores	64
Outro Herói Que Tomba No Cumprimento Do Dever	66
Decisões	67
Caixa Beneficente da Fôrça Pública	68
Aula Demonstração no R.C. - Instituto de Idiomas Yázigi	70
General de Exército Eleuthério Brum Ferlich	73
NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS	
Amazonas e Bahia	73
Ceará	74
Distrito Federal (Policia Militar)	75
Distrito Federal (Corpo de Bombeiros' e Espírito Santo)	76
Minas Gerais e Pará	77
Paraíba e Pernambuco	78
Rio de Janeiro	79
Rio Grande do Norte	80
Rio Grande do Sul	81
Santa Catarina	82
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	
Ecos de Uma Visita à Escola de Educação Física	83
Campeonato de Desportos Coletivos	85
Prova "Cap. Alcides Teodoro"	87
Hipismo - Cap. Plínio D. Monteiro	90
Prova "Capitão Scheffer"	93
RECREAÇÃO	
Secção de Édipo	96

MAIOR SEGURANÇA

— nos freios —



“HUDSON HIDRAULIC BRAKE FLUID-HEAVY DUTY”

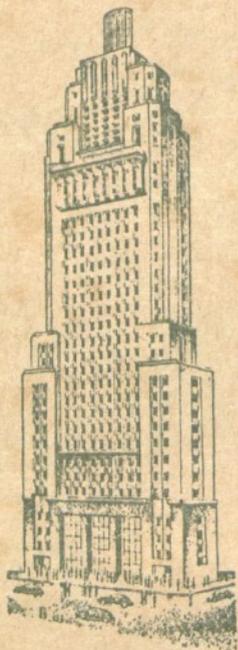
O óleo pesado para breke HUDSON, lançado agora pela primeira vez no Brasil, virá satisfazer plenamente às Companhias de Transportes Rodoviários, às Empresas de Ônibus e Terraplenagens, como também aos donos de Tratores e Máquinas Agrícolas, proporcionando-lhes um produto indispensável para a maior durabilidade e eficiência dos breques de veículos pesados e sujeitos a altas temperaturas.

A CIA. HUDSON DISTRIBUIDORA DO BRASIL, a maior fabricante de óleos para freios da América Latina, graças à sua aparelhagem de enlatamento mecânico, está apta a fornecer este produto, com pregos especiais para revendedores.

COMPANHIA HUDSON DISTRIBUIDORA DO BRASIL S. A.

Rua Faustolo, 666/676 - Tel. 5-0905 - Telg. Otilur - S. Paulo

Banco do Estado de S. Paulo S. A.



oferece aos dignos membros das nossas gloriosas forças policiais e militares brasileiras um

SERVIÇO BANCÁRIO

RAPIDO

EFICIENTE

SEGURO.

O nosso

DEPARTAMENTO DE DEPÓSITOS,

possuidor de perfeita organização, e dotado das mais modernas máquinas existentes, está habilitado a

RECEBER DEPÓSITOS

ou

PAGAR CHEQUES

dentro de poucos minutos e sem a menor espera !

M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

72 agências no interior do Estado de São Paulo, bem como nas cidades de: Rio de Janeiro (D. F.), Goiânia (Goiás), Campo Grande (Mato Grosso) e Uberlândia (Minas Gerais).

Dois vagas impreenchíveis se abriram nas fileiras da Força Pública de São Paulo.

Uma perpetuará a fibra e o destemor, a energia e a candura, o idealismo e a vontade, o espirito criador e a perseverança, o brio e a honra de um velho soldado de Piratininga. Inscreverá, para sempre, no Panteon da Milicia Paulista, o nome do coronel Pedro Dias de Campos que por si só retrata um periodo fulguroso da história da Corporação.

Outra, indelévelmente, lembrará o dinamismo, o caráter nobre e ilibado, o espirito público e a capacidade, a lealdade e a franqueza, a honestidade pura e a excepcional coragem moral de um líder da nova geração de oficiais da Força Pública. Reviverá o capitão Sérgio Rodrigues Caldas como estuante e variegada atividade na trincheira do bem público e da corporação.

Ambos viveram, antes e acima de tudo, exercitando ações só condizentes com o aprimoramento da instituição — de que foram astros incomparáveis — de modo a torná-la fator seguro de uma sociedade melhor.

Dois símbolos e dois exemplos para os milicianos do Brasil.

A Psicologia da Disciplina

CAPÍTULO III

A seleção objetiva, especializada e rigorosa

Nos capítulos precedentes, analisamos a disciplina como verdadeiro fato social de um grupo bem definido.

Considerámo-la como prato já preparado ao «ser individual» que se alista, mas produto duma necessidade psicológica do «ser social», isto é, homem transformado pela corporação numa entidade do «grupo», no policial consciente e integrado à classe.

Dissemos também que só obteremos tal desiderato, com uma seleção rigorosa.

Com efeito, ao construirmos um motor, a qualidade do material é fator primacial na vida e funcionamento da máquina. A colocação duma peça de alumínio, onde por exemplo se faz mister um bloco de aço temperado, tem conseqüências desastrosas.

Imaginemos então no complexo mecanismo policial, um desajuste semelhante.

Quando tratamos do voluntário consciente, referimo-nos aos males que acusam à Fôrça Pública os desajustados.

Pois bem, temos à nossa disposição um meio de reduzir a limites

baixos o êxodo anual, com a seleção rigorosa.

Até, bem pouco tempo se discutia na Fôrça Pública o valor das provas psicotécnicas. Discutia-se por desconhecimento, por falta duma noção básica da ciência psicológica.

As experiências levadas a cabo por um grupo de valorosos oficiais fêz triunfar o que considero a nossa mais preciosa arma de aperfeiçoamento da corporação.

Estamos ainda numa fase embrionária, tateando, a braços com dificuldades enormes. Estamos, porém, no caminho certo.

Vejamos o que é a seleção.

Em primeiro lugar, difusão, por tôda parte, do que somos, do que fazemos, do que temos a oferecer aos jovens.

Precisamos difundir entre os jovens de S. Paulo, tudo o que temos realizado, tôdas as possibilidades que aqui oferecemos a eles. Precisamos, em última análise, interessar pelo serviço policial bons elementos, moços cheios de esperanças e de fé.

Ficar à espera de voluntários, à mercê dos que fracassaram na vida

civil, para depois pensar na farda humilde do policial, seria um suicídio lento.

Receberíamos, se assim fôsse feito, a escória da sociedade e fariamos alistamento em massa nas sargentas.

Selecionar nas sobras seria missão árdua ainda que fizéssemos cursos no F.B.I. ou na Sourbonne.

Tão precário seria o estado de nossos voluntários, sob o aspecto «formação moral», e com tantos vícios viriam êles, que seria pueril pensar-se em recuperá-los.

Selecionar não é escolher espécimes perfeitos, é separar no que há o que houver de melhor.

Se êste «o que há» for bom, a seleção será «excelente».

Isto não é retórica, é matemática.

Vejam agora o que compete aos selecionados.

Pouca coisa e, no entanto, é tudo.

Em primeiro lugar, apura-se o nível mental.

Não precisamos, na polícia militar, de cérebros privilegiados, nem de «Sherlocks».

Esquecer, porém, do nível mental mínimo (deve na realidade ser elevado) é arriscarmo-nos ao alistamento duma portentosa toupeira, com bons dentes e músculos possantes, mas como policial... bem fraco.

Nos primeiros tempos em que funcionou o Gabinete Psitcotécnico, apurávamos apenas o nível mental. Eramos simples curiosos, de boa vontade e com fé inabalável nos destinos da Fôrça Pública. Apoiados pela administração, enfrentando incompreensões, trabalhando valentemente,

os oficiais que ali permaneceram são hoje técnicos profundos, altamente credenciados.

Vejam um resultado. Um só, mas que fala por si, em defesa de nossa tese. Em 1951, apurando-se apenas o nível mental, através do gabinete, com o objetivo de melhorar a Fôrça, tivemos um índice 29 para as deserções no primeiro ano de alistamento. Em 1952, após um período regular em que se estendeu a seleção à personalidade, tendências, capacidades, etc. o índice baixava, espetacularmente, para 3.

Houve, portanto, menor desajustamento individual.

Neste artigo não pretendemos estudar métodos e processos de seleção. Pertencemos, como acima dissemos, àquela equipe de curiosos e sobre a matéria poderão falar os nossos moços técnicos da D.G.I.

Estamos apenas procurando mostrar a seleção como fator decisivo de disciplina.

Quantas personalidades perigosas podem ser afastadas «in limine», sem que mais tarde sejamos obrigados a fazê-lo quando então já vestirem a nossa farda.

O selecionador assegura-nos homens normais, perfeitamente capazes de receber a consciência da disciplina.

Com êles teremos um sadio espírito de corpo, num «ser social» moldado pela Fôrça Pública, integrando o nosso grupo, amando-lhe as glórias e aceitando facilmente os deveres por mais pesados que sejam.

A seleção como fator de disciplina é tão importante que sem ela poderemos desistir, hoje mesmo, de ter não só uma boa polícia, mas qualquer polícia.

O CLIMA ESPIRITUAL NO AMBIENTE MILITAR

(Traduzido e condensado de um capítulo do "Ensaio de Psicologia e Psiquiatria Jurídico-militar", do dr. Rodolfo Brabanti Jáuregui, premiado com medalha de ouro pela Faculdade de Ciências Médicas de Buenos Aires).

O PONTO principal, o embasamento da máquina militar, é a disciplina, que poderia ser definida como a doutrina que regula sua vida, sua organização, as regras a que devem se ajustar os homens nesse imenso conglomerado que constitui a força armada.

O cumprimento estrito dessa doutrina objetiva o dever. A disciplina existe como norma e se põe em execução, se exterioriza nos deveres militares: a subordinação e a obediência para todos e o exercício da autoridade para o superior. Faz parte também dos deveres, a honra.

O espírito militar é a qualidade adquirida no quartel que induz ou impulsiona para o cumprimento do dever, espécie de energia latente criada mediante a educação, o exemplo e a instrução militar. Não é uma norma, é uma força: não é a bússola que assinala o caminho do dever, é o flúido magnético que impele a seguir este mesmo caminho, no dizer de Mariano Rubio y Belivé (Dicionário de Ciências Militares).

A conduta é a forma de dar cumprimento aos deveres; a rota seguida para aquêle fim. Para apreciar e medir a correção ou não do proceder

Agnello Camargo, Penteado

(Juiz Auditor Suplente da Justiça Militar do Estado de S. Paulo).

continuo, se põe em jôgo a justiça, que dá a cada um o que lhe corresponde, premiando o bom e castigando o mau.

O cumprimento absoluto de todos os deveres mediante a boa conduta, realiza o «substractum» da moral militar.

Analisemos mais detalhadamente alguns dêsses conceitos.

A disciplina, dissemos, é a doutrina, a norma, as regras que permitem o funcionamento da máquina militar, dando às peças que a compõem o lugar que a cada uma é destinado; por isso a ela estão sujeitas a organização militar, a hierarquia do pessoal, a relação entre os seus integrantes, impondo a si mesma deveres que a sustentam.

Freqüentemente se confundem a disciplina com a sua exteriorização, com os meios para satisfazê-la, que seria o mesmo que confundir um fenômeno com a sua causa. A obe-

diência, a subordinação, o respeito ao superior etc., na realidade são simplesmente manifestações desse esteio crucial, alma e coração da organização militar: alma, porque nela se aclaram, se determinam quais devem ser os deveres a cumprir; coração, porque sem ele a organização militar não teria vida, não poderia subsistir.

Outras vezes é ela considerada como uma forma de julgar os fatos cometidos pelo militar com um rigor especial, com um rigor exagerado, confundindo-se, assim, o conjunto de princípios abstratos que constituem a doutrina, com o braço executor, a justiça.

Na realidade, a disciplina é uma norma de caráter jurídico, moral, que rege o ambiente militar, onde o homem é uma parte do todo, e só criando as relações entre seus componentes, que estabelece, equilibrando direitos e deveres, se pode dar forma e ordem a essa comunidade; por isso neste apanhado de conceitos gerais sobre o clima espiritual, todos os elementos que temos citado devem ser considerados como dependentes da disciplina, o dever, a conduta, a honra, a justiça mesmo, que serve para sustentá-la. Não existe nenhuma outra instituição em que as relações entre seus membros estejam tão claramente definidas e determinadas, como aí, que, quando se deseja expressar que em qualquer núcleo social existe ordem, regime de trabalho ou atividade regulada exemplar, se diz que tem uma disciplina militar.

Do que foi dito anteriormente, poder-se-á supor que a organização teria sido antecedente à disciplina como doutrina, mas, verdadeiramente, si bem pensamos, esta última prece-

deu a organização, ou, pelo menos estão intimamente unidas entre si de tal forma que é impossível diferenciá-las ou separá-las, pois se a organização agrupa os homens colocando-os sob a autoridade de outros, de acordo com as necessidades táticas e como força destinada à guerra, para que se possa dar realidade à essa hierarquização, requer-se a subordinação e a obediência por uma parte e aquela função de autoridade por outra.

Entre os deveres que deve cumprir o militar, se têm assinalado como primordiais a fidelidade à Pátria, a submissão à Constituição, ao regime de suas instituições, à autoridade por aquela estabelecida, a obediência ao superior em autoridade, respeito ao superior em grau, observância da ética profissional, exercício honesto da autoridade e sujeição ao regime de serviço, mas para o rosso objetivo basta nos referirmos em particular, à subordinação, à obediência, à autoridade e à honra.

A subordinação não é uma vasalagem, não é uma servidão; é a situação do homem dentro da organização militar que ocupa um lugar inferior, um grau menor que outro que é o superior e essa situação hierárquica leva inerente a obediência às ordens daqueles emanadas. A subordinação é coisa digna e impessoal, escreveu o capitão Gavet (*A arte de comandar*). Entre o superior que fala e o inferior que escuta, ha sempre uma terceira pessoa, um intermediário invisível, que se chama geralmente o serviço e que, em suma, é o dever militar. O chefe e o subalterno estão ambos em serviço, no dever militar comum e este dever

sempre presente se manifesta, por uma parte, na autoridade e, por outra, na obediência.

A obediência é o cumprimento estrito das ordens recebidas e das que regem a organização militar, em seus regulamentos e leis militares.

A autoridade é a faculdade que tem o superior de ordenar ao subalterno. A respeito das condições que deve demonstrar o superior no seu manejo, escapa ao presente objetivo.

E' difícil encontrar uma fórmula que defina com justeza o que se deve entender por honra, apesar de ser um dos elementos essenciais da moral militar, pelo que reproduziremos, dentro do muito que se tem escrito, alguns conceitos que permitam entender a sua natureza.

«A honra é a maior riqueza que pode possuir um militar. Mantê-la sem mancha e sem mácula, é o dever mais sagrado de todo membro da Organização Militar. Observar em todo o momento uma conduta exemplar, é a melhor defesa da própria honra.» (Reg. dos Tribunais de Honra, R.R.M. 70).

«A honra é a consciência, mas a consciência exaltada. E' o respeito a si mesmo e é beleza da vida, conduzindo até à mais pura elevação e até à paixão mais ardente... A honra é o pudor viril.» (Alfredo Victor, Conde de Vigny: *Servidão e grandeza militar*).

«E' uma qualidade moral que nos leva ao mais severo cumprimento de nossos deveres para com o próximo e a nós mesmos. Trata-se de um sentimento de índole complexa, em que entra de um lado o amor próprio, a consideração ou a estima dos de-

mais, do outro, o conceito da dignidade pessoal.» (Espasa - Calpe: *Enciclopédia*).

«A honra pessoal, que por certo não é exclusiva dos militares, não é outra coisa, em summa, que a expressão direta de nossa personalidade moral sólida... A honra profissional tem a sua raiz na honra pessoal; é a honra pessoal aplicada às atribuições da função. A honra militar, individual ou coletiva, é a afirmação soberana do valor moral do soldado e do regimento. A fidelidade à Nação e à Bandeira, o arrôjo e a disciplina, são os principais elementos especiais da honra militar.» (Cap. D. André Gaget: *A arte de comandar*).

«O sentimento da honra é uma dádiva do céu, inata no homem... E' tal a sua delicadeza, que a menor mancha a empana; com ela não é bastante ser inocente perante a lei; é preciso sê-lo segundo a moral, assim a perfídia, a ingratidão, a intemperança, a libertinagem, a injustiça e a mentira, não são castigadas pelas leis, mas são afastadas pela honra. A honra militar é a mais delicada e mais exigente de tôdas as honras; consiste, sobretudo, em abnegação, adesão e desinteresse; mais ainda, exige que se viva sem exprobações; assim é que, manter religiosamente seu juramento, ter ambição aos grandes serviços e aos grandes perigos, tratar de merecer mais do que de obter, respeitar a propriedade e a desgraça, não tocar nos despojos dos mortos sem necessidade, permanecer sereno diante do perigo, afrontá-lo no interesse de sua pátria e saber morrer, se é necessário, pela glória e saúde de todos, são os grandes deveres que ao militar lhe im-

põe.» (Cap. Desbordeliers: Livro dos deveres do soldado).

Com respeito ao espírito militar, não há hùvida de que a sua importância é capital em relação à conduta na tropa. Uma vez formado, se converte em uma tendência natural e espontânea em agir sempre corretamente e com honra em tôdas as circunstâncias e situações e sua exteriorização compreende desde o gesto, aprumo ou garbo militar, até a abnegação ou o sacrificio da própria vida em holocausto da Pátria. E' natural que o homem de moral elevada, terá grandemente facilitado esse processo de formação do espírito militar, pois não necessitará sinão girar o prisma de seus princípios éticos, para dar satisfação aos do militar.

Em outra ordem de idéias, o uniforme, que usa o militar, também é um elemento peculiar do meio e sua influência psicológica não é desprezível. E' o símbolo de sua investidura, o emblema de sua dignidade primeiramente e do lugar que ocupa entre seus camaradas, de sua hierarquia, depois. «As bandeiras, as insígnias do posto, o uniforme, têm por efeito patentear públicamente que o regimento, o oficial e o soldado são dignos de sua função; que seu valor moral enquanto militares, é seguro e não deve ser suspeitado e aos homens que não saibam cumprir os deveres que lhes impõe a honra militar, se lhes arrancam êsses signos convencionais de honra.» (Cap. D. André Gavet: obra cit.).

As exigências impostas ao militar, conseqüência dos fatores sumariamente expostos, somados a outros estranhos à moral mesma, levam

concomitantemente uma série de posições, circunstâncias ou momentos que são puramente da vida conventual, assemelhando-se a de uma ordem monástica, regida por normas próprias e destinada a elevados ideais, que conformam e estruturam o clima espiritual do ambiente militar. Com efeito é difícil separar o sentido moral da atividade mística, ou sentimento religioso. Em forma similar ou análoga, a tôda religião que se exterioriza pelo rito e se fundamenta no dogma, na milícia, o primeiro é representado pelo culto que poderíamos chamar militar, religião que venera a Pátria e seus símbolos, a seus heróis, verdadeiros santos da espada e que como dogma preceitua o cumprimento de deveres mediante as mais excelsas virtudes: a abnegação, a honra, a lealdade, o companheirismo, a fé, o valor, o heroísmo, condições tôdas cujo conjunto se pode encontrar em homens alheios à organização militar, mas cuja inexistência não é concebível nas mesmas. O tempo dêsse culto é o quartel.

Tal sacerdócio, acarreta, para o militar, sacrificios, trabalhos e sabores. Deve êle renunciar a uma série de tendências que são caras para o homem; a liberdade em proceder por si mesmo, a fortuna, a permanência no lugar, estão condicionados a um imperativo supremo: o cumprimento do dever. As trocas obrigatórias de residências, as comissões inesperadas, o afastamento da amada, as ordens que devem ser cumpridas sem considerar se estão, ou não, conformes com o próprio modo de pensar, os esforços físicos e mentais, a falta de comodidade e até de higiene que, si provocam na guerra

verdadeiros padecimentos, extenuação e tédio, não deixam tampouco de se mostrarem nos exercícios finais e manobras, são todos sacrifícios anônimos, penúrias comuns da vida militar, que só o militar experimenta, e que deve suportar silenciosa, mansa e resignadamente, como uma oferta, a mais que lhe exige a carreira que abraçou ou que a lei impõe ao cidadão.

Esse clima espiritual cria nas pessoas que devem cumprir iguais deveres e obrigações, que devem responder a uma mesma disciplina, que vestem o mesmo uniforme e estão expostas aos mesmos sacrifícios, um sentimento de amizade particular, que une a seus membros: a **camaradagem**, da qual é inseparável, o **espírito coletivo**. Entre a camaradagem e a amizade há diferenças essenciais que se reconhecem facilmente pela reflexão. Sem dúvida alguma que a camaradagem precede geralmente à amizade e é, talvez, o único ponto que existe de comum. A camaradagem nasce para a vida em grupo; a amizade, pelo contrário, resulta de uma certa simpatia bem pessoal entre os indivíduos, como também de uma conformidade de gostos, de temperamentos, de sentimentos. Pode-se ter muitos camaradas; tem-se, raramente, mais de um amigo. O espírito coletivo surge da camaradagem, do clima espiritual do quartel, por intermédio daquela. É um sentimento comum aos indivíduos que constituem um núcleo social determinado, uma corporação, que converte o múltiplo, o número na unidade, o heterogêneo no homogêneo, e mediante o qual se juntam e se unem esforços para sua prosperida-

de, seu êxito, para o destaque entre seus similares, para a obtenção de triunfos que são para todos, sofrendo e suportando também o núcleo ou coletividade, ao mesmo tempo, as derrotas ou fracassos em tôdas as situações em que exponha seu prestígio.

A atmosfera especial que reina no ambiente militar, exerce sua influência em outros aspectos da afetividade e imprime um modo de ser e de sentir particular ao militar, como ainda de pensar e resolver os problemas da sua vida. «É' que o costume é uma segunda natureza e não menos poderosa que a natureza em si», disse Montaigne (*Ensaíes*) e o servir iguais obrigações e deveres, termina ao final de certo tempo, por dar ao homem que se incorpora à organização militar, que se assimila com seus sentimentos, virtudes e aspirações, que se forja em seu molde, uma personalidade distinta a da de outras atividades ou profissões, que caracteriza a **forma emocional e também intelectual do militar**.

O hábito de responder a ordens e de mandar, o torna reservado e pouco expansivo, lacônico, conformando-se com o expressar o necessário para ser compreendido. Acostumado o superior a sustentar sua autoridade, seu gesto é sério, rispido, como inerente a quem exerce uma autoridade sobre outros homens, exigindo-lhe produzir também sempre em forma enérgica, considerada e respeitada, mas desprovido de falsa cortesia, de afetação, aparentando ser para quem é alheio à milícia, homem de modos bruscos, arrebatado ou impulsivo, completando-se o quadro com a liberdade de maneiras, a lha-

neza e sinceridade de procedimento, que levam paralelamente a camaradagem e a convivência com a tropa.

Convencido que o mundo se rege pela pureza de costumes que reina em seu meio, prevista nos regulamentos sua atividade profissional, ainda em seus mínimos detalhes, mostra-se desconcertado, surpreso ou enganado, quando as circunstâncias o colocam em situação de atuar fora do campo a que está habituado e onde entram em jôgo paixões, intrigas, duplicidades e desconfianças que lhe são estranhas.

O manter erguida a figura, o andar elegante, próprios do homem de armas, faz presumi-lo orgulhoso, arrogante ou presunçoso. O uniforme, mesmo, atua inconscientemente em seus modos, em seu proceder,

mantendo-lhe viva a lembrança de sua situação, do conceito que deve sustentar perante a sociedade.

A obrigação do serviço como norte para todos os seus atos, o qual às vêzes escravisa profundos e arraigados sentimentos, tem dado motivo a que injustamente se o tenha como pouco apegado aos seus, indiferente ou ingrato.

Os fundamentos da moral militar que consideramos, são princípios abstratos que induzem a um determinado proceder, o cumprimento da doutrina, porém é a justiça militar que o valoriza, mede e pesa, classificando de correto ou incorreto e materializando, por assim dizer, essa classificação, no castigo que aplica ou no prêmio que concede.

COOPERATIVAS REGIONAIS:

Aguai — Cachoeira Paulista — Guaratinguetá — Jacarei — Lorena — Paraibuna — Pindamonhangaba — Roseira — Santa Branca — Santa Izabel — São Bento do Sapucaí — São José dos Campos — Taubaté.

COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S.A. sob n.º 47



Escritório e sede central: (Diretoria 9-2658
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones (S. Comercial .. 9-2659
SÃO PAULO (S. Técnica 9-2681

Coisas da Força Pública

Cel Anchieta Torres

PATRONO E PADROEIRA

O patrono da Força Pública, embora extra-oficialmente, é o general Júlio Marcondes Salgado. Sua padroeira é Nossa Senhora, antigamente, do Carmo, hoje, da Conceição, também extra-oficialmente.

Ignoramos e não queremos entrar em indagações sobre o critério adotado na escolha do patrono. A indicação do nome escolhido deve ter sido tarefa difícil para quem a levou a cabo, considerando-se que a tropa de Piratininga é rica em vultos do passado, tão dignos quanto o distinguido.

De momento lembramo-nos do cel. José Pedro de Oliveira, o herói de Canudos, o primeiro oficial nosso que depois da reorganização de 1892 e em momento difícil para a vida da corporação, conseguiu chegar ao seu comando supremo; do cel. Antônio Baptista da Luz, sob cujo comando a Força Pública atingiu o climax de sua eficiência técnica, do seu preparo policial e do seu prestígio, que ultrapassou os limites do Estado e as fronteiras do Brasil; do cel. Pedro Arbues Rodrigues Xavier, o bravo de Pirapitinguy, o velho soldado que preferiu morrer lutando, por achar que seria deshonroso para a farda que voltava a envergar, depois de refor-

mado, cair vivo nas mãos do inimigo do momento.

Quando, em 1950, o almanaque estampou fotografia do seu patrono, juntamente com o patrono das polícias civis e militares, houve certa estranheza nas fileiras. Foi uma surpresa, porque se ignorava qualquer ato oficial que homologasse a escolha. Com o tempo veio o hábito e, hoje, com ou sem ato oficial, com ou sem o consenso geral, é Júlio Marcondes Salgado o patrono da Força Pública.

Assim também sua padroeira, cuja adoção data de 1842.

Era sub-comandante do Corpo de Municipais Permanentes, Pedro da Silva Gomes. Certo dia, lá pelo meiado do ano, lembrou-se êle de que o corpo fôra fundado em 15 de dezembro de 1831; de que já contava mais de 10 anos e de que ninguém cogitára ainda de festejar a magna data. O próximo dia 15 de dezembro não passaria sem festa. Conversou, o que foi o seu mal, com um sargento, com um cabo, com um ou outro soldado, e daí, a idéia das festividades se corporificou.

O dia da fundação da corporação a que pertenciam, seria festivamente comemorado. Qual, porém, o pro-

grama das festas ? Uma formatura ? Impossível. Pelo regulamento a tropa só poderia sair do quartel mediante ordem do govérno. Seria, então uma festa religiosa, muito do agrado na época. Alguém lembrou a conveniência de escolher-se, então, uma padroeira, o que foi aceito. E a padroeira ? Neste ponto não houve divergência. O convento do Carmo não os abrigava ? Logo a padroeira seria a santa sob cuja égide o convento fôra erguido — Nossa Senhora do Carmo.

Mas, sem dinheiro não pode haver festa. Recorreu-se a uma subscrição. Só depois de arrecadada a importância destinada às festividades lembrou-se o tenente Silva Gomes de um fato importante: o Corpo de Municipais Permanente tinha um comandante, o maj. Joaquim Antônio Fernandes, o qual não poderia ficar de fora.

Este, soldado traquejado na vida militar, ao tomar conhecimento do caso, exigiu, preliminarmente, uma lista com os nomes e as importâncias arrecadadas, alertando seu subordinado, em seguida, de que tais manifestações públicas só poderiam ser realizadas com autorização do govérno. Assim rezava o regulamento.

O comandante, parece, era contrário à festa. Pudera ! Não fôra idéia sua...

Recebeu a lista com a importância de setenta e três mil réis e... silenciou sôbre o caso.

O tempo corria e nada de providências. O dia 15 de dezembro chegou e com êle, bumba ! O subcomandante fêz realizar a festa, prescindindo de qualquer autorização !

Sentindo-se, e muito justamente, melindrado com o ato de indisciplina de seu imediato, o comandante Fernandes comunicou o fato ao presidente da Província, o qual, já no dia seguinte, assim despachou o officio recebido:

«Inteirado pelo officio do sr. maj. commandante do Corpo de Municipais Permanentes de haver o segundo commandante do mesmo corpo, Pedro da Silva Gomes, sem intervenção nem consentimento seu, promovido pelas praças do corpo uma subscrição para celebrar uma festa, a qual teve lugar hontem, apesar da recommendação prohibitiva, feita anteriormente pelo sr. major commandante ao mencionado tenente, sem que disse fosse sciente êste Govérno logo que soubera de semelhante subscrição; e importando numa falta de disciplina, que muito sensurável se torna ao mesmo tenente, e sendo de mais a mais semelhantes actos de religião, no presente caso, pouco significativos de verdadeira devoção religiosa aos que para êlle concorrem, antes fazendo supor que não são contribuições realmente voluntárias as que por tal forma são feitas, devo declarar ao referido senhor major que bem desagradavelmente me foi o conhecimento de semelhante fato, e que deverá extranhal-o em termos bem significativos ao dito segundo commandante por parte dêste Govérno, que espera que se não reproduzam outros semelhantes por modo tal, os quaes só servirão de accusar falta de subordinação e disciplina da parte dos seus commandados, e de lançar pesar sôbre o Corpo, no qual o 1.º commandante deve fazer rigorosamente todo o respeito que lhe é de-

vido para que possa o mesmo Corpo merecer a confiança dêste Govêrno.»

Como vemos o tenente foi repreendido mas também o comandante levou chumbo...

Pelos modos parece ter sido liquidado com o despacho citado o caso da padroeira. Tal, porém, não aconteceu. Paulista é sinônimo de teimoso e os paulistas do Corpo de Permanentes teimaram em que Nossa Senhora do Carmo fôsse sua padroeira. E foi, pela fôrça do hábito.

Festejaram-na, daí por diante, todos os anos, agora devidamente autorizados, ampliando o programa, que passou a contar, a partir de 1862, com uma procissão pelas ruas da cidade, além da missa solene e sermão do primitivo programa.

Com o advento da República foi a Igreja separada do Estado. Ao mesmo tempo coincidiu a mudança do Corpo de Municipais Permanentes para aquartelamento próprio, ficando a padroeira esquecida.

Mais tarde, já em nossos dias, foi criada a Capelania Militar da Fôrça Pública e o capelão designado para dirigi-la, por ignorar a adoção da antiga padroeira ou por já ter santa de sua devoção, pleiteou fôsse à nova Capelania colocada sôbre a proteção de Nossa Senhora da Conceição, que se tornou, automaticamente, a padroeira da Fôrça Pública.

Teria sido esquecida a antiga padroeira? Achamos que não. Do Monte Carmelo ou da Conceição, a santa é uma só e, assim, a padroeira da Fôrça Pública é: NOSSA SENHORA.

Consumir

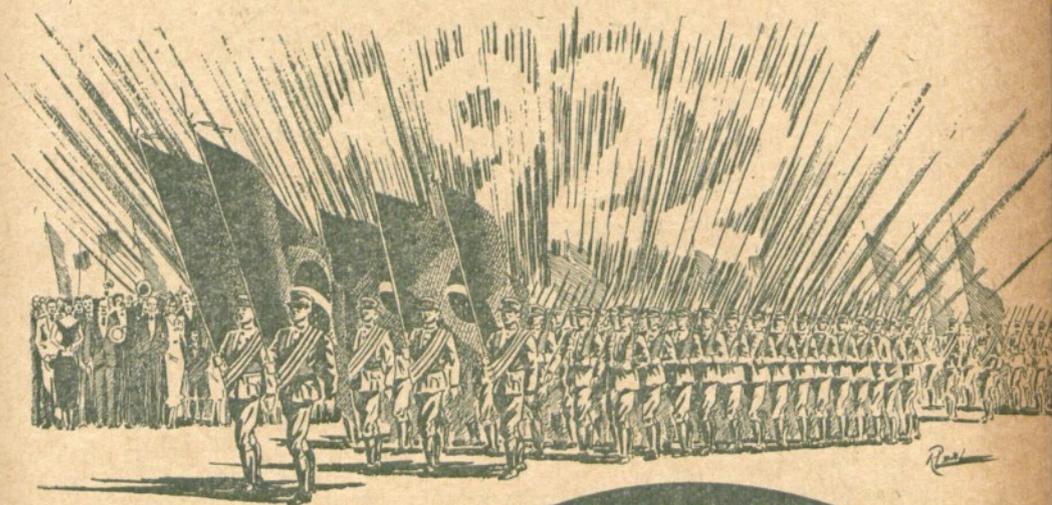
É um dever de patriotismo.

Produtos

É contribuir para o
desenvolvimento da
nossa produção

Nacionais

É ajudar a libertação
econômica do Brasil.



O REFRIGERANTE
TRADICIONAL

SODA
Simonada
ESPECIAL

Nas grandiosas festividades da comemoração do centenário da independência do Brasil, já era o refrigerante mais consumido e...

...hoje, como naquele longínquo tempo, o inconfundível **REFRIGERANTE TRADICIONAL** continua a ser o preferido por todos.

UM PRODUTO **ANTARCTICA**



AINDA O TRÂNSITO

GUMERCINDO FLEURY

Ouvi que está em trânsito pelas comissões técnicas da Câmara dos deputados um projeto de lei que afastará, si aprovado, do serviço do policiamento do tráfego, os soldados da Fôrça Pública. Não compreendo a razão dêsse projeto, uma vez que é insuficiente o número de guardas civis para o exercício dessa fiscalização. Por outro lado sabem os paulistanos que o corpo de milicianos da Fôrça Pública, preparados para êsse mister com rigorosa disciplina, tem provado magnificamente e vem prestando os melhores serviços à cidade no setor da circulação. Atentos e enérgicos, indiferentes à qualidade dos condutores, sobretudo educados no trato com o público, os soldados conquistaram logo as simpatias gerais. Tôdas as manhãs sou forçado a pessar pelo cruzamento São João-Timbiras, onde atuam dois soldados. Observo, e ao motorista que guia o carro, que tomo ao acaso na avenida Agua Branca, a atenção e a correção dos dois homens. Não se descuidam no cumprimento da obrigação e procuram acertar a distribuição das viaturas de modo a que nunca se processe um congestionamento. Acredito que ao invés de impedir a continuação dêsse trabalho, que é, aliás, cançativo e requer dos que o executam um alerta continuado dos cinco sentidos, devem as autoridades aumentar o corpo de guardas de trânsito, tirados da F.P. Cooperam êles com segurança pelo bom tráfego. Nada ficam a dever aos especializados guardas civis da Divisão de Trânsito. Conhecem o regulamento geral (aliás arcaico como o Código Nacional de Trânsito, velharia cuja reforma é imposição natural) e fazem cumprir as suas disposições sabendo, como sabem, que a disciplina, em tudo, é necessidade. O número dos guardas, somados os elementos da Fôrça Pública com os da Guarda Civil, é pequeno demais para o policiamento do tráfego cittadino. Precisa e deve ser ampliado. O mundo mecânico que roda pelas rúas acanhadas da cidade, desarticuladamente, provoca congestionamentos sucessivos não apenas nos pontos centrais mas, também, em muitos cruzamentos nos bairros mais densamente povoados. Ora, como a Fôrça Pública tem dado a sua útil colaboração ao Trânsito seria oportuno que o govêrno cuidasse de preparar maior número de soldados para êsse mister difícil, tendo em conta, principalmente, o exemplo que os atuais soldados, servindo nesse setor, vêm dando. Quero acreditar que o assunto mereça a atenção dos deputados e que êstes, ao invés de tomar conhecimento de qualquer projeto contrário, assumam atitude outra como, por exemplo, a de incentivar a colaboração dos homens de nossa gloriosa milícia, com a Guarda Civil, no que tange ao policiamento do trânsito. Será êrro afastar do trabalho quem o executa com rigôr, cumprindo e fazendo cumprir o que é exigido pelo regulamento.

(Transcrito de "A Gazeta" de 19-8-53)

Comentando...

por HILDEBRANDO CHAGAS

O que não se discute, pelo menos, é a presença de Pietro Ubaldi, corpo e alma, em terras do Brasil. Sim, porque realmente aqui está ele, em São Vicente, por certo cogitando pouco da vastidão imensurável do mar e da displicência intelectual dos homens — ambas monótonas e inofensivas aos que se dedicam às coisas do pensamento — mas inteiramente voltado à conclusão da obra que vem realizando há 22 anos.

Ubaldi é um verdadeiro “caso” mundial. E por que não, se dos seus pronunciamentos resulta uma eclosão de pontos de vista que se chocam, que se repelem, que se emaranham até constituírem-se em uma espécie de ideogenia convulsa?

Dai naturalmente, a existência dos que não o aceitam senão como autêntico charlatão com roupagem de enviado de Deus, místico visionário, eremita lunático que, em instantes de confusão interior, se dá ao prazer doentio de profetizar.

Outros, porém, o sentem altamente espiritualizado; soberbo na fé que o conduz à realização de uma obra superior e redentora; profundo na interpretação dos homens e das coisas; elevado em seus propósitos; sincero para consigo mesmo e para com a humanidade; sereno, puro em seu ascetismo, consciente da sua missão e das suas responsabilidades.

Eis, pois, mais um homem face à cultura, confundindo-a. Pietro Ubaldi é como um problema a desafiar a capacidade interpretativa do homem, menos para jogá-la na arena das discussões estereis, quanto para exigir-lhe de imediato um pronunciamento definitivo.

Creemos, no entanto, que a isso não assistiremos. O tempo, repetimos, é quem afirmará ou negará a obra cujo fundamento, diz Ubaldi, “não está no conhecimento fragmentário que nos oferece a ciência e a filosofia. Antes, repousa em nova forma de consciência que não vem de estudos, mas da maturação da dor”.

“A Grande Síntese” aí está. Profundo. Não analisável às vezes, substancia, sempre, a afirmação de que não surgiu somente de interpretações científicas ou filosóficas, mas também de um poder de intuição realmente impressionante. E Ubaldi, então, em vôos longos, revoluciona teorias, aborda problemas sociais e sociológicos, invade o campo fértil das cogitações filosóficas, disseca a vida em seus mistérios, anda no passado, vive o presente e se projeta no futuro com tal impetuosidade que provoca dúvidas.

Respeitemos Pietro Ubaldi. Se não quisermos acreditar que ele ouviu “Sua Voz” em “um colóquio profundo, íntimo, indescritível, um desses colóquios que não se podem esquecer, eternidade afora”, acreditem ao menos em Einstein. Na página 134 de “A Grande Síntese” — reconhece o maior dos matemáticos vivos — Ubaldi formulou, filosoficamente, dezoito anos antes da demonstração matemática, a “teoria da gravitação generalizada e do campo unificado”.

Aceitemos Ubaldi. Senão por estar concluindo a sua monumental obra em nossas plagas — e isso seria uma prova de gratidão — pelo menos por ter afirmado, tão bondosamente, que “o Brasil será o berço da Nova Civilização do III Milênio, da civilização do espírito”.

Antes da P. M. D. F., os Quadrilheiros

O POLICIAMENTO NO BRASIL-COLÔNIA

Do comêço do século XVII até a vinda do Príncipe D. João ao Brasil, isto é, durante a época dos vice-reis, o policiamento era feito pelos corpos de linha (Exército) e milicianos (organizações iguais aos corpos de linha mas de caráter regional), bem como pelos quadrilheiros, ou seja o pessoal arrolado, compulsoriamente, nas quadrilhas ou quarteirões dos lugares para servir na jurisdição da respectiva quadrilha.

Organização dos quadrilheiros

Recrutamento

Consoante o Livro 1.º das Ordenações do Reino, os juizes e vereadores, em tôdas as cidades, vilas e seus têrmos, reuniam-se e faziam, no âmbito de sua jurisdição, o recenseamento dos moradores, dentre os quais nomeavam um, em cada quadrilha ou quarteirão, para exercer as funções de quadrilheiro. Este ficava inscrito em livro da Câmara para servir por três anos, recebendo como auxiliares vinte pessoas, também compulsadas na quadrilha pelo mesmo prazo, cuja relação lhe era entregue no momento em que fizesse o juramento de bem e fielmente cumprir as ordens legais sôbre o serviço.

Em vez de militares, eram civis, auxiliares inferiores da justiça, encarregados da repressão aos infratores da lei e da ordem, dentro do quarteirão ou fora, conforme as necessidades da ronda ou diligência.

Armamento

Como todos os moradores, eram obrigados os quadrilheiros e seus auxiliares a possuir lanças de 18 ou mais palmos ou, pelo menos meia lança, por cuja falta pagariam cinquenta réis ao Meirinho, cada vez que êste os acusasse de não disporem de tal arma.

Segundo Moreira de Azevedo, em trecho de seu livro «O Rio de Janeiro», transcrito à página 7 da «História da Polícia Militar do Distrito Federal». 1.º volume, os quadrilheiros se armavam também de espada, carregando-a debaixo do braço. Entretanto, o regulamento só consigna o uso da lança ou vara, como denomina em certa passagem.

Fardamento: não havia.

Prescrições sôbre serviço

Impunha-se aos quadrilheiros ter conhecimento de tudo que se passasse no âmbito de sua quadrilha, isto é, se aí se cometiam furtos, crimes

etc.; se perambulavam homens vadios, de má fama ou estrangeiros; se havia casas de alcoice ou de tavolagem ou em que se recolhessem furtos, amasiados casados, alcoviteiras, feiticieras, mulheres prostitutas ou infamadas de prostituírem outras ou em suspeito estado de gestação.

Pela ausência de repressão aos vadios, estrangeiros etc., pagariam os **quadrilheiros** trezentos réis ao Meirinho ou Alcaide que os acusasse, além de se responsabilizarem pelos danos que tais infratores cometessem.

A exceção de determinadas casas que gozavam de imunidade atribuída à Igreja, por direito, poderiam entrar os **quadrilheiros**, para prender alguém, nas residências, inclusive dos «poderosos» (sic) duques, marqueses, condes, arcebispos, abades e priores de mosteiro, bispos, senhores de terra e fidalgos principais, não podendo ninguém, por conseguinte, se opor à ação policial, sob pena de responder criminalmente perante a justiça.

Dos juizes, perante os tabeliões, recebiam os **quadrilheiros** a relação das pessoas que deveriam ser presas por acusações ou faltas acabadas de apurar, e sofriam pena de multa no valor de quinhentos réis se olvidassem ou relaxassem tal ordem de prisão.

Ainda sobre os **quadrilheiros**, além dos meirinhos e alcaldes, estavam os juizes e corregedores, que exerciam fiscalização de âmbito geral, no lugar.

Na tentativa de efetuar uma prisão, poderiam os **quadrilheiros** recorrer ao pessoal das quadrilhas vizinhas e até mesmo aos moradores, se fôsse necessário, ante o apêlo ou

ordem: «prendeí foão da parte del-Rei nosso Senhor».

E' de imaginar-se a situação a-flitiva de um vadio, estrangeiro sem identificação ou de qualquer infrator da lei e da ordem a correr, trazendo atrás de sí quantos **quadrilheiros**, auxiliares ou moradores envolvidos pelo chamamento, empunhando todos suas lanças de 18 palmos.

Vencimentos

Não havia vencimentos; ao contrário, estavam os **quadrilheiros** e seus auxiliares sujeitos a multas pela falta de exação no cumprimento dos deveres. Podiam, entretanto, obter para sí as armas que tomassem dos ladrões e nas brigas, bem como as que encontrassem perdidas.

Tempo de existência dos

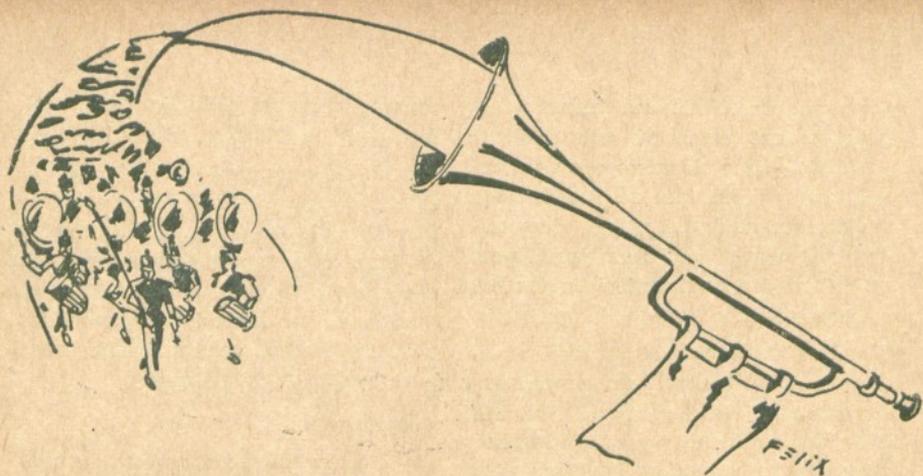
quadrilheiros

Tiveram existência os **quadrilheiros** a partir do ano de 1603, quando fôram criados em Lisbôa, até fins de 1700.

Antes de 1800, isto é, em 1760, foi instituída na metrópole portuguesa a Intendência Geral de Polícia, com amplos poderes municipais, policiais e judiciais, modificando-se a forma de policiamento.

Só em 1802, porém, com a criação da Guarda Real de Polícia, desapareceram por completo, em Lisbôa, os **quadrilheiros**.

Estes, no entanto, perduraram no Brasil até 1809, quando fôram extintos em consequência da criação da Intendência Geral de Polícia (1808) e da Divisão Militar de Guarda Real de Polícia (1809), que foi a organização original da Polícia Militar do Distrito Federal.



Cel. Tenório de Brito

A Banda da Fôrça Pública

GRATAS reminiscências traz ao espírito a leitura de «História da Banda da Fôrça Pública». A quantos tenham formado nas fileiras da centenária corporação fundada pelo brigadeiro Tobias de Aguiar, prendem as páginas do livro de d. Laura Della Mônica, com as suas sugestivas narrações em que se entrelaçam história, biografia, folclore. A exemplo do que fez o jovem escritor Carlos Penteado de Rezende em «Dois Meninos Prodígios de Outrora», sôbre assunto correlato e onde aquela São Paulo boêmia de há cem anos passados aparece aos olhos do leitor em muitos dos seus aspectos mais pitorescos, soube a autora percorrer com graça, emoção e interêsse, os ásperos caminhos trilhados pela brava gente piratiningana através de tradições caríssimas de que é tão rica a nossa cidade — até o momento que

passa, dentro do programa que se traçou.

Prefacia-lhe a obra o coronel Pedro Dias de Campos — êsse moço de 80 anos cuja fulgurante imaginação deslumbra no seu recente trabalho — «O Incola e o Bandeirante na História de São Paulo». — Nesse proêmio cintilante, em relêvo aparecem tôdas as brilhantes qualidades de intelectual e de artista da corajosa pesquisadora e penegerista da grande entidade musical do Estado pela qual tanto se afeiçoou.

Quanto a mim confesso o meu fraco pela banda em apreço. Acompanho-lhe a trajetória retumbante desde o ano de 1908 ao tempo em que pelos amplos e acolhedores portões do velho Corpo de Bombeiros entrei na Fôrça Pública. Sob seus compassos harmoniosos desfilei garboso nas brilhantes e famosas para-

das do Prado da Móoca quando ela atroava os ares com as notas grandiloquentes daquelas magníficas «marchas» com que a Missão Francesa enriqueceu o seu repertório.

Aprazia-me ouvir-lhe os majestuosos concertos do antigo largo do Palácio da Cidade quando, aos domingos, mandava o presidente do Estado que cedessem os gradís prateados que o circundavam, permitindo o ingresso do público que afluía em massa ao tradicional logradouro paulistano. Mestre Antão Fernandes, no fastígio de sua carreira artística, dirigia o soberbo conjunto. No seu uniforme em «grande gala», transfigurava-se a meus olhos, empunhando a batuta mágica a que obedeciam, suspensos, aquelas dezenas de homens fanatizados aos gestos do insigne regente. Era o meu passatempo predileto. Levei-o em 1912 para Campi-

nas, ao ser designado para o comando em comissão do Corpo Municipal de Bombeiros da gloriosa cidade. Freqüentava, lá como aqui, os concertos da Italo-Brasileira — a qual, como a sua congênere paulistana, desfrutava nos centros artísticos locais, de imenso prestígio. Lá, como aqui, embevecidos ouviam os amantes da boa música as belas sinfonias do Guarani, da Carmem, do Rigoletto e quantas outras obras primas de grandes compositores de fama universal. Era um deslumbramento. Comovida, lembra d. Laura Della Mônica as figuras de Antão Fernandes, Lorena, Machado, envoltas já pelo véu da morte, enquanto vibrante e entusiasmada faz desfilar sob os olhos do leitor os sucessores dos vultos desaparecidos: Chiareli, Giuliani, Barbaris. Romeu, Cunha, que empunham com dignidade a batuta que lhes legaram os mortos saudosos.

Se você deseja obter qualquer das fotos insertas nesta revista, procure:

FOTO

"DUQUE DE CAXIAS"

Especialista em reportagens fotográficas militares, policiais e esportivas.

Rua Libero Badaró, 651

— 2.º andar

— São Paulo

DOIS LUTADORES

Monte Serrat F.º

Acaba a Corporação de perder dois lutadores: o cel. Pedro Dias de Campos e o cap. Sérgio Rodrigues Caldas.

O primeiro foi comandante da Fôrça Pública em época de esplendor para a Milícia e projetou-se no cenário dos acontecimentos nacionais, nos movimentos revolucionários que eclodiram a partir da segunda década do presente século.

Portador de quatro condecorações estrangeiras e sete nacionais, destacou-se nos cursos militares feitos na França, Itália e Alemanha, em cujos idiomas se expressava corretamente. É maior nossa admiração, quando lembramos que tal chefe extraordinário verificou praça, semi-analfabeto, como simples aprendiz de ferreiro.

De excepcional robustez física e mental, já octogenário, ainda o vimos em plena atividade nas funções de presidente da Federação Paulista de Escoteiros e de membro do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo, tendo publicado em princípios do corrente ano, sua última obra histórica, «O Incolá e o Bandeirante na História de S. Paulo».

Em tôdas as suas atividades sempre teve os olhos voltados para a Instituição que o recebera adolescente e que sob o seu comando atingiu período aureo de prestígio, como

tropa militar, pelos inestimáveis serviços prestados a São Paulo e ao Brasil.

O segundo, vítima de brutal atentado, na plenitude dos trintas anos, era positiva esperança de reabilitação da Fôrça Pública: no cumprimento da sua tarefa principal, o policiamento, dentro de um padrão de dignidade. Assim, foi um dos fundadores do Gabinete Psicotécnico, que, cientificamente, vem assegurando o alistamento de elementos plenamente capazes ao exercício da difícil função policial. Foi, também, um dos autores da série de artigos publicados no segundo semestre de 1952, pela «Fôlha da Manhã», sob a epígrafe, «O Que Fazer para Aperfeiçoar a Fôrça Pública», os quais, sem dúvida, inspiraram ao deputado Ruy Batista Pereira a apresentação do Projeto de Lei n.º 838.

Leitor constante de Camões, Cervantes e dos classicos franceses e italianos, era, singelamente, portador de invejável cultura literária. O que, no entanto, impressionava no jovem capitão, era o seu espírito combativo a serviço da dignificação funcional dos seus camaradas, quando no exercício de atividades policiais. A retidão de atitudes, sempre sobranceiras, grangeou-lhe inúmeros admiradores entre os colegas, prontos a acompanharem-no nos últimos

movimentos que têm visado colocar a Fôrça Pública na posição que lhe cabe, por direito, dentro da máquina policial do Estado. A êste propósito, presenciamos o seguinte diálogo, que bem demonstra o alto conceito em que era tido pelos colegas, quando certo tenente colhia assinaturas de oficiais, em um memorial de apóio à campanha iniciada pela «Fôlha da Manhã»:

— ...

— Quem é que está à frente desse movimento ?

— O capitão Sérvio, o...

— Chega ! Para mim o Sérvio é uma bandeira. Onde êle estiver eu estarei de corpo e alma.

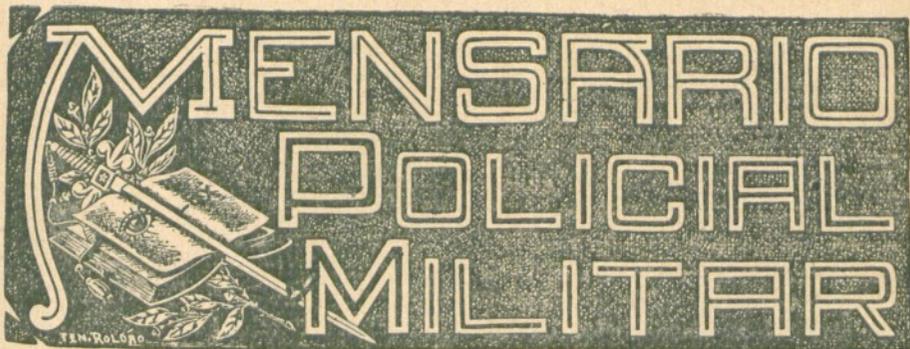
Quando alguém, menos forte de ânimo, duvidava do êxito do empreendimento, lá vinha a frase definidora da sua índole independente e ativa: «E' meglio vivere un giorno da leoni che cent'anni da pecore». Companheiro, é melhor viver um dia

de leão do que cem anos de carneiro. Viveu como leão o camarada que, embora fôsse disciplinadíssimo, e, talvez por isso mesmo, sempre se recusou a ser carneiro. Momentos antes de sofrer o traiçoeiro atentado, leu para os oficiais e sargentos do Departamento de Policiamento Econômico da COAP, incisivo artigo escrito em apóio ao projeto do deputado Ruy Batista Pereira, e que se destinava a um dos nossos diários.

Há muito a ser feito em prol do soerguimento da Fôrça Pública, no desempenho da sua missão primeira, o policiamento.

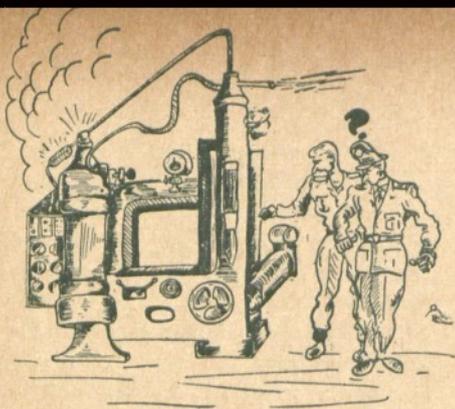
Cairam dois valorosos lutadores, mas os seus exemplos de amor à Fôrça, frutificarão como a boa semente de que fala o Mestre, levantando centenas de companheiros, porventura ainda indiferentes, para o bom combate. para a campanha de dignificação do nosso desempenho como policiais que somos e queremos ser.

— // —



Recebemos o número de maio do "Mensário Policial Militar", órgão do Club da co-irmã do Distrito Federal, que ressurge para gáudio da família miliciana do Brasil.

Felicitemos a seus Diretores e auguramos que a revista se projete e se difunda pelos mais longínquos rincões da Pátria, constituindo, destarte, mais um elo de união entre os elementos das Polícias-Militares.



O GRANDE INVENTOR

Cap. SÉRVIO R. CALDAS
(Colaboração póstuma)

O velho quartel do 5.º era uma coisa horrorosa. Amontoados nas salinhas mal ajustadas, os soldados trabalhavam num ambiente de incrível promiscuidade.

Os dois tenentes da 2.ª Companhia só entravam na reserva por escala; não cabiam os três no cubículo de táboas que ostentava o nome de Gabinete do Comandante de Companhia, desde que lá estivesse o velho capitão Ferraz.

Havia, porém, no pavilhão do rancho, aquele pardieiro sujo da rua Visconde do Rio Branco, um quartinho esquecido onde se instalara o laboratório do sargento Pacheco.

Ali, preocupado com problemas de profundidade tremenda, o Pacheco montava um maquinismo estranho.

Ninguém entrava naquela dependência misteriosa, onde ruídos estranhos faziam tremer os supersticiosos sentinelas do pavilhão.

Aos poucos fui conquistando a confiança do Pacheco, que, afinal, veio chegando de mansinho e me fez um convite amável.

— «Seo» tenente, o senhor quer ver a minha máquina ?

— Máquina p'ra quê, Pacheco ?

— Deixa estar, «seo» tenente, venha ver !

Entrei com o Pacheco no poeirento santuário.

Uma estante, com a bibliografia técnica, alinhando velhos R.D., manuseados até o fio, o RISG, o R. CONT. e o R.G.A. aberto na página 15; teias de aranha e ferramentas por toda parte.

No centro, sobre um banco de madeira, estava presa uma aparelhagem estranha, cheia de roldanas, molas, fios e hélices.

— «Seo» tenente, o senhor sabe que eu sou homem dado ao trabalho; levei anos meditando, rebuscando alfarrábios e afinal hoje venci. O senhor vai assistir à demonstração da minha máquina.

O silêncio do quartinho abafado, era apenas quebrado pela respiração ofegante e excitada do Pacheco. Abaixou-se, puchou um fio, ligou uma chave... e desabou o céu.

Assobios violentos, explosões súbitas, uma ventania infernal, óleo respigando por todo lado. As pernas cambaias do banco dansavam um frevo alarmante, enquanto eu me protegia, com a estante de livros.

E o Pacheco, entusiasmado, gritou no meio da tormenta:

— «Seo» tenente !!! dá 5.000 rotações por segundo !!!

— Éh, Pacheco, p'ra que serve isso ?

— «Seo» tenente, é só o que está faltando eu descobrir !

Miliciano,

a

SEC. REEMBOLSÁVEL DO S. I.

(Quartel do S. I. — Rua Alfredo Maia, 194)

defende os seus interêsses
porque oferece o que Você
necessita, a preços inferiores
aos da praça.

Faça-lhe uma visita ———
————— logo que puder

144.º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO DA

POLÍCIA MILITAR DO ——— ——— DISTRITO FEDERAL

Ministro NEGRÃO DE LIMA

Completa a Polícia Militar, no dia de hoje, 144 anos de existência inteiramente devotada à causa da ordem, da segurança e da tranqüillidade públicas. Se grande é esse acervo de serviços, vultoso também é o patrimônio moral desta Corporação, construído com tanto sacrifício por sucessivas gerações de policiais-militares.

De suas disciplinadas fileiras constituiu-se em 1865 o 31.º Batalhão de Voluntários, unidade gloriosa que pagou largo tributo de sangue durante toda a guerra do Paraguai, sofrendo seu batismo de fogo na batalha de Tuiuti e participando com galhardia das memoráveis jornadas do cerco de Uruguaiana, da tomada do forte de Itapirú, do combate de Estero Belaco, da famosa marcha de flanco, dos entreveros dos Campos de São Solano, da conquista do «Estabelecimento», do reconhecimento e ocupação das fortificações de Humaitá, das batalhas de Saraihyi, Lomas Valentinas, Rio Javaly e Angustura, entrando triunfalmente em Assunção a 3 de abril de 1869, onde desfilou ao som dos tambores de Tibúrcio, coberto de glórias, sob

o comando do legendário coronel Joaquim Fernandes de Assunção.

Durante sua longa existência, a direção da tradicional milícia reuniu nomes que a história já consagrou, dentre os quais avultam os de Caxias, Vidigal, Polidoro, Machado da Costa, Fernandes de Assunção, além de tantos outros que souberam conduzi-la à sua atual condição de tropa de escol, perfeitamente instruída e inteiramente devotada ao cumprimento do dever.

Muito se debate, presentemente, o papel das forças auxiliares do Exército e particularmente o da Polícia Militar do Distrito Federal, na estrutura social e política do Estado brasileiro. Se os dispositivos constitucionais e as leis orgânicas da força armada terrestre não lhe fixassem de modo claro e preciso a finalidade, como ocorre, aí estariam entretanto as constantes imposições do bem-estar do povo, apontando-lhe o caminho a seguir: a manutenção do clima favorável às boas práticas da democracia, a criação de condições propícias à harmonia social e ao progresso da Pátria. Se na guerra é de seu dever cumprir missões na zona

do interior ou no teatro de operações, fica-lhe na paz o papel de elemento preponderante, nas tarefas de execução policial, capaz de agir como simples polícia ou de ser empregado como organização militar, sempre que a natureza das perturbações da ordem ultrapassar a capacidade repressiva dos órgãos de caráter civil. Cumpre-lhe ainda eventualmente como força a serviço permanente da União, atender se necessário ao policiamento das fronteiras ou de qualquer região temporariamente sujeita à esfera de ação federal, sempre que motivos de ordem psicológica ou razões outras, desaconselhem o emprêgo das forças armadas nesses misteres.

Circunstâncias cuja análise não cabe neste momento, levaram a nossa Polícia Militar a viver até bem pouco tempo um dos momentos mais difíceis de toda a sua existência, com as suas fileiras seriamente desfalçadas, desprovida de recursos orçamentários para bem fardar sua tropa, tolhida por uma legislação confusa e anacrônica, incapacitada de concorrer substancialmente para o policiamento da cidade. Contando, porém, com a dedicação de seus comandantes e a alta compreensão de seus oficiais, conseguiu o governo equacionar devidamente os problemas fundamentais da secular milícia e alguns deles já se encaminham para soluções satisfatórias. Assim é que a crise de efetivos, ao que tudo indica, será brevemente superada com a concessão de um reajustamento de vencimentos aos cabos e soldados, ora em exame na Câmara dos Deputados. O orçamento vigente consigna verbas satisfatórias para bem alimentar e fardar as praças e o anteprojeto da

lei de meios elaborado pelo Executivo para o próximo ano, prevê a concessão de recursos mais amplos ainda.

Afora esse esforço da administração pública em prol da Corporação já pode o Governo citar outros recentes benefícios concedidos ao seu pessoal: execução integral do Código de Vencimentos e Vantagens, das leis de inatividade compulsória, de graduações, de promoção dos oficiais com 10 anos de subalterno, de reforma no posto imediato por serviços de guerra; a aprovação de novos regulamentos para a Escola de Formação e o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais; a concessão de férias anuais a cabos e soldados; o aproveitamento de praças na fiscalização do trânsito; a realização de estudos para a reforma de outros regulamentos e para a reorganização da Corporação; os sucessivos aumentos do valor da etapa e finalmente o fornecimento, pelas verbas do Ministério, em 1952, de recursos que somam quase 1 milhão de cruzeiros para a instalação de uma moderna lavanderia, para a construção de uma passagem independente na Penitenciária e para a aquisição de 2.500 pares de borzeguins. Examina-se presentemente a possibilidade de conseguir, para 4 oficiais, bolsas de estudo no exterior, a fim de que seja possível criar, com elementos da própria Corporação, um núcleo de instrutores altamente especializados, capazes de transmitir aos que freqüentam as escolas policiais, os mais modernos ensinamentos. Além dessas medidas, cogita-se de estabelecer um plano que proporcione, em curto prazo, os recursos necessários ao reaparelhamento da

Corporação e à substituição de seu armamento por outro mais moderno e adequado.

Como bem se pode concluir, atravessa a Polícia Militar uma fase de intenso progresso. E' de presumir, pois, que possa ela, dentro em breve, totalmente equipada e assistida pelo Govêrno, desincumbir-se a contento de suas obrigações. Nos dias que correm, quando a evolução do País se processa em ritmo acelerado, não poderá o poder de polícia ser exercido com êxito por quem não possua as indispensáveis condições de preparo psicológico, intelectual e material. Asseguradas à vossa corpora-

ção essas condições mínimas de trabalho, justo será que o Govêrno espere, da dedicação e do entusiasmo dos oficiais e praças, um fiel cumprimento do dever, uma participação ampla e eficiente no policiamento da cidade.

Assim, ao congratular-me com o ilustre comandante, oficiais e praças pelo transcurso desta data festiva, quero significar-lhes minha antecipada certeza de que o futuro reserva à Polícia Militar do Distrito Federal risonhas esperanças e dias tão auspiciosos como aquêles que marcaram indelêvelmente seu passado secular.

(Discurso pronunciado pelo sr. Ministro da Justiça, no dia 13 de maio último, por ocasião das solenidades comemorativas do 144.º aniversário de fundação da Polícia do Distrito Federal).

Comércio e Indústrias Arguiso Ltda.

FORNECEDORES DA FORÇA PÚBLICA

EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 925

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397

End. Teleg. «ARGUIISO»

— SÃO PAULO

Um soldado americano viaja num trem, mastigando o infalível chiclete; a um certo momento afasta os pés para deixar uma velhinha que se senta no banco à sua frente. O trem segue, o soldado mastiga, a velhinha olha atentamente. Depois, como que tomada de coragem,



Para que esta marca esteja em

BOAS MÃOS

pagamos o que custa o serviço!

O serviço de nossos aviões é levado ao máximo antes de cada vôo, graças aos recursos de que dispomos e à comprovada experiência do nosso pessoal técnico. Para que a milhares e milhares de nossos passageiros seja proporcionado em tôdas as ocasiões o *Conforto Aerovias*, mantemos uma equipe de homens e de máquinas rigorosamente selecionados.

Recife? Belém?

Sirva-se dos luxuosos

"Skymaster" da

AEROVIAS BRASIL

R. Libero Badarô, 320

Fones: 32-5133 e 34-6000

Encomendas:

Fones: 36-2960 e 36-4302

AEROVIAS BRASIL

PANAM - Casa de Amigos

Chave dos bons caminhos

O QUARTEL DO



Lendário

4.º Batalhão

Cel. Antônio Pietscher

E' esta uma crônica em poucas linhas que revolve um passado tão depressa esquecido.

Dentro em pouco não mais existirá esse prédio vetusto e pardacento, que enfeia a avenida Tiradentes. Não sabemos sua origem nem lhe conhecemos os proprietários. Conhecemos apenas o casarão que no passado abrigou o 4.º Batalhão de Infantaria e, posteriormente, abrigou dependências da Cruz Azul de São Paulo.

E ainda hoje, quem por ali passe, não pode olvidar que esse casarão de linhas sombrias, edificado quase na esquina da rua Bandeirantes, em notório abandono, encerre, na sua formação pelo tempo, páginas gloriosas da centenária Força Pública de São Paulo. Porém, o urbanismo contemporâneo exige sua demolição, entrando em cena a picareta do progresso, para consolidar os empreendimentos da engenharia, em busca de espaço. E com isso lá se vão os dias saudosos dos soldados então abrigados sob o seu teto amigo; a lembrança das memoráveis jornadas de junho de 1924, quando, na majestade de sua

imponência, lançava uma advertência ao Brasil e se alteava na consciência dos que ouviam o sibilar de balas que, galhardamente, simbolizava o cumprimento do dever de um punhado de soldados da Força Pública. Finda a contenda, nos lembramos bem, populares e representantes da imprensa acorriam em visita ao prédio, para verificar, nas cicatrizes das paredes, as cenas inenarráveis, ali ocorridas.

Apesar dessa bela página de heroísmo, logo mais, ante a sinfonia dos melhoramentos, o antigo quartel é entregue à Cruz Azul, para a instalação de seu ambulatório. O vetusto casarão transforma-se em sede de um órgão de assistência social.

Depois, com a construção do prédio do ambulatório, ali funcionaram os cursos preparatórios da mesma instituição.

E à noite, soldados, cabos, sargentos e civis, lá compareciam às aulas que os habilitariam a prestar exames de admissão às escolas de cabos, sargentos e oficiais. Professores que nas garoentas noites pau-

listas pontificavam nas humildes «escolinhas» da Cruz Azul, são hoje luminarees em nossas Faculdades.

Alunos que, sonolentos e cansados pelas «guardas» e «instrução», freqüentavam os cursos, são hoje graduados e oficiais, saudosos daqueles tempos (... do meu tempo!).

Nesse mesmo prédio funciona jardim de infância e um grupo escolar. Muitos de nossos soldados e graduados, são alunos dessa época.

E', pois, a Fôrça Pública que sente em sua carne, cada tijolo ar-

rancado, cada picareta nas paredes do velho casarão.

Velho prédio! Quando for arrancada a última pedra de seu alicerce, leve consigo minha prece e minha saudade ao sargento Advíncula, o primeiro a morrer em sua defesa, lutando pela ordem pública e pelas instituições.

Nossa antiga casa desaparece da avenida Tiradentes, mas continua e continuará a existir no coração de cada miliciano paulista, como um símbolo de tradições gloriosas.

RECEBEMOS

EFRAIN DE LA FUENTE GONZALEZ Capitan de Carabineros y Sub-Comisario de La Cisterna, saluda cordialmente a su distinguido hermano de América, Capitan sr. Francisco Vieira Fonseca, Director de la Revista MILITIA, y por este intermedio, le manifiesta que continúa recibiendo con toda regularidad los ejemplares de tan valiosa publicación. Su permanente sentido de superación, hace de ella una revista profesional deseada y a la que se espera siempre con viva ansiedad.

DE LA FUENTE, tiene agrado de comunicarle a su querido amigo, su nuevo grado y dirección, y la seguridad absoluta que siempre se seguirá sintiendo honrado al representar en su patria, tan digna publicación.

Con las consideraciones de su más cordial afecto, *De la Fuente*, ruega aceptar sus saludos y respetos.

La Cisterna, (CHILE) julio de 1953.

— Os delitos mais graves da vida são os que nascem da imaginação. As crianças por exemplo, vêem, com sua inocência, até mesmo o tudo no nada, enquanto os homens, com sua malícia, vêem o nada no tudo.

Leopardi



VIAGEM

— AO —

SUL



ILZA DAS NEVES

Tenho um mundo nos olhos.
Vejo a terra do alto.
A montanha e o rio,
A floresta e o planalto
Lá do céu eu contemplo.
Vejo o mar, vejo a serra,
A baía e o farol;
Vejo a nuvem que corre
A brincar com o sol.
Tôda a costa é cortada.
E' uma praia, sem fim.
O capricho da vaga,
A correr, fê-la assim.
Cada onda, que espuma,
E' qual renda em areia,
A tecer um' véu branco
Para a praia sereia.
Logo perto, um riacho,
A correr, serpenteia
Tôda a orla do mar.
Vai, alegre, cantando,
Outro rio buscar.
A planície é imensa
E, na côr, tem tons mil:
Vai do verde ao turqueza
E ao azul quase anil.
Há um lago tão grande,
Tão grande, que é um mar.
O outro lado da margem,
Ninguém pode avistar.
E' orgulho da gente,
Que nasceu lá no pampa
E que tem sangue ardente.
De cidade a cidade,
E' bem grande a distância.
Movimenta a paisagem,
A riqueza da estância,
Onde o gado, em sossêgo,
Aproveita a pastagem.
Tudo o mais é deserto,
E deserto de vida...
Nosso homem não viu
Essa terra de perto.
Essa terra que é grande
E gigante entre mil.
Nossa terra, que é um mundo
E se chama: BRASIL!

José Silva - Tecidos, S. A.

(Casa fundada em 1885)



End. Telegráfico «SILVIUS»

CAIXA POSTAL, 445

TEL. 48-28-95 (R&DE)

RIO DE JANEIRO, D. F.

TECIDOS E ARTEFATOS DE TECIDOS EM GERAL
— IMPORTADORES E EXPORTADORES —

FORNECEDORES DAS FORÇAS ARMADAS, INCLUSIVE
DA FORÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

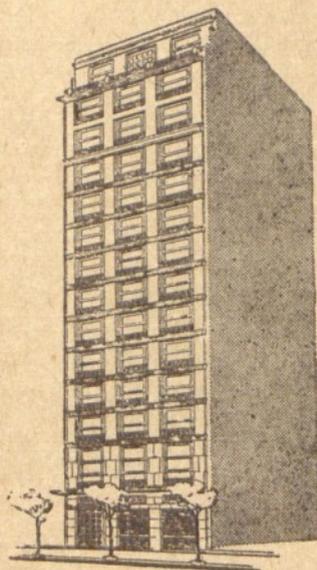
Departamento de vendas
em SÃO PAULO (Capital)

Av. Nova Anhangabaú, 702-3.º, Sala 32

Caixa Postal, 3021 —

En. Telegráfico, "SILVIUS"

Telefone: 33-2662



Sede no Rio de Janeiro



SECCÃO *feminina*

UM POUCO DE TUDO PARA AS FILHAS DE EVA

CONSULTAS

Se vocês tiverem algum problema a resolver, ou desejarem a receita de algum prato preferido, escrevam para:

RITA DE CASSIA

Redação de "Militia"
Rua Alfredo Maia, 106
São Paulo

pois teremos muito prazer
em lhes sermos úteis.



ORIENTAÇÃO DE

RITA DE CASSIA

(Bacharelada da Escola de
Jornalismo "Casper Líbero"
da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo)

FATO EM FOCO:

Pela primeira vez, no Brasil, pretendeu-se realizar um filme com artistas americanos e brasileiros. Entretanto, a experiência falhou.

Talvez devido a incompreensões entre Zampari, diretor da Cia. Cinematográfica "Vera Cruz" e Stillman, produtor americano; ou mesmo por ausência de espírito de colaboração, de ambas as partes. O certo, porém, é que Tônia Carrero, artista brasileira escolhida pelos cineastas da terra de Tio Sam, para o principal papel feminino em "O americano", saiu prejudicada.

Embora tecessem, as nossas artistas, seus pauzinhos para preencher a lacuna deixada por Tônia, a escolha recaiu sobre Sarita Montiel, também latina, mas não do Brasil.

E' uma pena que esta experiência, oportuna e vantajosa para nós, seja posta de lado, devido a má vontade e melindres de diretores e produtores.

Quantos estrangeiros estão atualmente filmando na Itália, e aproveitando artistas italianos? Quantas vezes um estúdio de Hollywood permuta seus astros, sem sentir-se aborrecido ou maguado com este fato?

Enfim, o problema já foi resolvido. A nós resta apenas esperar pelo término das filmagens de "O americano" para, no final das contas, ver quem realmente saiu perdendo.

RITA DE CASSIA

SER OU NÃO SER

Os maridos são senhores, na Alemanha; criados, na Inglaterra; na França, companheiros; carcereiros, na Itália; tiranos, em Espanha e, no Brasil... Bem, no Brasil o chefe é ele, mas quem manda é a mulher!...

—:—

Um médico de Munique acaba de revelar que os dedos dum violinista execu-

tam seiscentos movimentos por minuto, e os de um pianista, setecentos e quarenta. Por sua vez, os músculos faciais de um orador movem-se, em média, mil vezes por minuto.

—:—

Um naturalista calculou que se os pássaros desaparecessem da superfície da terra, esta não tardaria mais que nove

anos para se tornar perfeitamente inabitável pelos seres humanos. Todos os venenos conhecidos e os que se podem elaborar, não bastariam para destruir os insetos, que então existiriam .

—:—

Conta-se que um dos últimos reis da Inglaterra, ao adoecer, mandou chamar, para tomar parte em uma importante conferência a respeito de seu estado de saúde, um médico que também era professor

de uma das universidades do reino. Muito satisfeito e orgulhoso com o convite recebido, não mais se podendo conter, o lente contou, emocionado, aos seus alunos, que havia tido a insigne honra de ser nomeado um dos médicos de Sua Magestade.

Mal acabara de pronunciar as últimas palavras, viu seus discípulos, a um só gesto, levantarem-se todos e, vibrantemente, entoarem o "God save the King", isto é, o hino "Deus proteja o rei".

—:—

CHAPÉUS ORIGINAIS



Se você tem um casamento, um teatro ou uma reunião elegante para ir, mas não sabe qual o modelo de chapéu que melhor convém à sua tualete, eis aqui alguns modelinhos elegantes, simples e bonitos, que poderá utilizar. Escolha-os à vontade, pois todos são originais.



Leitora, você sabe palestrar ?

Não se admire de minha pergunta, pois saber palestrar é uma arte, e não muito fácil.

Para que todos gostem de conversar com você, é preciso que ao mesmo tempo em que saiba ouvir com atenção, não se esqueça também de intercalar idéias que se prendam ao assunto, assim como, por sua vez, entusiasme o orador a continuar em sua exposição.

Não se acanhe, quando alguém lhe for apresentado, por temer não saber o que dizer. A maioria dos erros de conversação é praticada pelas pessoas que falam em demasia e não pelas tímidas ou caladas. Entretanto, não vá cair no extremo, tornando-se sízuda demais, incapaz mesmo de pronunciar duas palavras.

Se quizer aprender a palestrar, comece sabendo ouvir para depois intercalar, nas ocasiões oportunas, pensamentos que entusiasmem e incitem seu companheiro a prosseguir no assunto.

Saiba palestrar, não deixando nunca a outrem o pesado encargo de manter sozinho uma conversação.

DE PARIS PARA VOCE

- 1 — Mais barato e menos pretensioso do que seus irmãos da alta costura parisiense, eis um modelo de Virginie, especialista em trajes de "jeune-fille". É em fustão, com saia franzida e dois grandes bolsos colocados acima de um babado. A blusa justa, sem mangas, é fechada e de gola tipo colarinho.
- 2 — Aproveitando ainda o mesmo chapéu e bolsa, você poderá usar este lindo e elegante vestido, confeccionado em alpaca-melângé e fustão branco.

A saia é justa e a blusa é enriquecida por uma guimpe de fustão. Os botões são pretos e uma prega funda na saia facilita o andar. Conforme a ocasião você poderá desprender do vestido a guimpe de fustão, que deverá ser feita à parte da blusa.



RECEITUÁRIO AMOROSO

Amor sem fim - Rio Grande do Sul -
Pelo que pude deduzir de sua carta, você nega-se a enxergar a realidade, prefere viver sonhando com o amor que passou. Tudo foi um sonho, passou e não mais voltará; porisso, minha amiguinha, é bom você despertar enquanto é tempo. Há muitos rapazes dignos, honestos e trabalhadores, capazes de fazê-la feliz. Ninguém vive de sonhos e se as coisas continuarem desse modo, um dia — que talvez seja tarde demais — você se certificará que perdeu o melhor de sua juventude procurando realizar um sonho impossível.

Acorde! Desperte para a vida, "Amor sem fim".

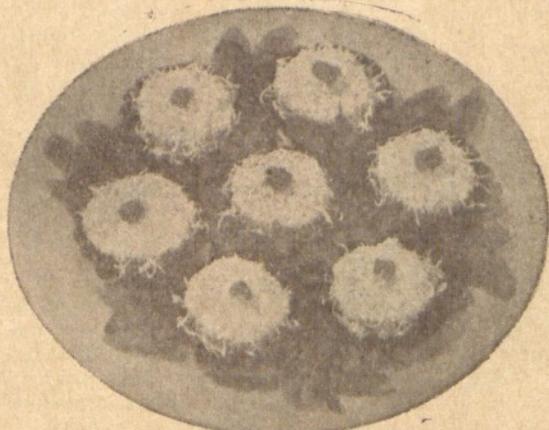
Vítima da sorte - Minas Gerais - Como muitas outras mocinhas inexperientes e levianas, você se deixou levar com facilidade por quem não soube lhe dar o devido valor. Você não foi a 1.^a e, infelizmente, não será a última. Tenha ânimo, não se deixe abater por esta desventura. Outros dias melhores virão. Afaste-se do rapaz, tente construir uma vida melhor, baseada em alicerces mais seguros, pois o que aconteceu lhe servirá de experiência. Arme-se de coragem e desabafe-se com sua progenitora. Ela, mais do que ninguém, tem a obrigação de aconselhá-la, assim como também de ajudá-la nesta fase difícil de sua vida. Tenha fé, pois a felicidade existe para todas nós.

ENRIQUEÇA SEU MENU

MÃE BENTA

Ingredientes : - 230 g. de creme de arroz; 230 g. de açúcar refinado; 230 g. de manteiga; 9 ovos; 1 coco ralado e 1 colher de sopa de fermento "Royal".

Modo de fazer : - Batem-se as claras, em ponto de neve. Juntam-se as gemas e continua-se a bater. Quando elas estiverem bem batidas, acrescenta-se a manteiga, previamente batida com o açúcar. Finalmente, juntam-se o creme de arroz e meio coco ralado. Bate-se tudo muito bem batido, acrescenta-se o fermento e leva-se para assar em forminhas untadas com man-



teiga, por uns 45 minutos. Depois de assadas, se desejar, passe-as pelo restante do coco ralado, enfeite-a com cravo, doce cristalizado ou passa e coloque as mãe-bentas em forminhas de pampas.

BOLO DE NOZES

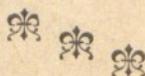


Ingredientes: - 2 xícaras de chá de açúcar; 1 xícara de leite; 2 xícaras de farinha de trigo; 1 xícara de maizena; 1 xícara de manteiga; 3 ovos; 1 quilo de nozes descascadas e mol-

das; 1 tablete de chocolate "Bhering" ou da marca que preferir, e 1 colher de sopa de fermento "Royal".

Modo de fazer: - Batem-se separadamente a manteiga com o açúcar e as claras

em ponto de neve; acrescentando-se depois, a essas claras, as gemas correspondentes. Mistura-se tudo e torna-se a bater. Posteriormente acrescenta-se, ao conjunto, o leite, a farinha de trigo, a maizena e as nozes; tendo o cuidado de deixar algumas para enfeitar o bolo, depois de pronto. Quando tudo estiver bem batido, mistura-se o fermento, bate-se mais um pouco e leva-se para assar, em forma previamente untada com manteiga. Depois de uns 45 minutos, retira-se o bolo do forno e deixa-se esfriar. Quando estiver frio, parte-se ao meio, coloca-se o recheio de creme de chocolate unindo as duas partes e, finalmente, cobre-se o bolo com glacê, também de chocolate, jogando em cima do mesmo as nozes que sobraram.



Muitos estômagos assimilam mal o feijão. Eis uma receita que tem a vantagem de facilitar a digestão desse alimento.

Põem-se os feijões de mólho, durante uma noite (qualquer qualidade de feijão). No dia seguinte escorre-se a água e colocam-se os feijões para cozer em água fria, fogo brando, e temperado apenas com cebola, alho, salsa, cenoura, sal e pimenta. Deixe-se ferver durante duas horas, tirando a espuma de vez em quando.

Enquanto isso, à parte, refogam-se duas cebolinhas finamente cortadas, num pouco de manteiga, juntan-

do-se-lhes depois dois tomates cortados ou, na falta destes, um pouco de massa de tomate.

Depois de bem cozidos, escorrem-se os feijões e lançam-se-os dentro da calda preparada, deixando ferver durante meia hora. Finalmente, passa-se pelo coador, aproveitando-se bem o purê, que se serve quente. Na ocasião de servir pode-se acrescentar uns pedaços de manteiga fresca.

CONSELHOS ÚTEIS

Há um ditado popular que deve servir de advertência, às criaturas que desejam vencer na vida: "O hábito faz o monge".

Evidentemente, não só a roupa basta para a vitória social, mas constitui por certo, fator decisivo para isso. Assim sendo, eis aqui alguns conselhos práticos, que você poderá por em ação:

- 1) Após tirar as indumentárias, pendure-as em seguida, a fim de que não se amarrotem. Tome cuidado, porém, para não pendurar o paletó pela gola; para este e os vestidos deve-se fazer, nos cabides, uma espécie de enchimento, para manter sempre correta a forma dos ombros das peças.
- 2) A escóva e o ar livre devem ser dois companheiros de suas roupas que, se forem de lã grossa, adquirirão, se bem escovadas, melhor aspecto.
- 3) Os lenços finos, as rendas e as fitas delicadas se conservam melhor se

forem envoltos em papel de seda, assim como



as meias negras, que não se tornam esverdeadas se lavadas pelo avesso com

água e sabão, sem se esfregar. Neste caso é bom enxaguá-las depois em água morna com vinagre, secando-as na sombra.

- 4) Para eliminar, das golas dos abrigos e palitós, os sinais de transpiração, passe pela parte afetada um paninho embebido em vinagre branco. Também é aconselhável colocá-lo na água em que se submergir peças de tons delicados, especialmente as de seda natural ou artificial, antes de lavá-las; providência que evita estragos. Nesta solução use uma colher de sopa de vinagre para 4 litros de água.

::

- 1) Mesmo que o tempo esteja muito frio, não queira o quarto aquecido, porque o uso desses aparelhos é prejudicial à saúde. Ponha mais um cobertor na cama e esteja certa que o efeito será bem melhor.
- 2) Para fazer parar o sangue de uma ferida, deve-se aplicar, imediatamente, um pedaço de algodão embebido em água bastante quente.
- 3) Para se evitar que o leite esturra, lança-se uma pitada de açúcar, no fundo da leiteira, antes de o levar para ferver.
- 4) Uma pedra de cânfora, renovada duas vezes por ano e colocada dentro do guarda-pratas, conservará os metais livres de umidade.
- 5) Para conservar bem as cebolas, pendure-as dentro de um saco de rede, em lugar onde recebam ar. Não é conveniente guardá-las em armários, a não ser que o frio seja demastado.
- 6) Depois de um dia ou dois, os bolos e tortas costumam ficar ressecados, o que lhes diminui o sabor. Se não possuir geladeira, o melhor meio de evitar que isso aconteça é colocar, dentro do guarda-comida, uns pedaços de maçã ou de batata crua, descascada.
- 7) Se, num copo de vidro, quizermos lançar um líquido fervente, envolvamo-lo primeiro num pano úmido, para que ele não se trinque ou mesmo arrebente.
- 8) Para se pintar grades ou objetos de ferro, deve-se dar a primeira demão com tinta preparada com óleo de linhaça e zarcão. Só depois é que se aplica a tinta da cor desejada. Deste modo teremos uma pintura perfeitamente aderente ao ferro.
- 9) Os copos sujos e embaçados tornam-se mais fáceis de serem limpos, quando empregamos sal e vinagre e depois o enxaguamos com bastante água.



Aspecto do almoço que teve lugar na Ilha das Palmas

O cel. João de Quadros visitou o 6.º B. C.

Acompanhado do cel. Cândido Bravo, inspetor administrativo e do cap. Simpliciano Silveira Machado, seu ajudante de ordens, o cel. João de Quadros, comandante geral da Força Pública, visitou o 6.º B.C., sediado em Santos.

Recebido pelo ten. cel. Cícero Bueno Brandão, comandante da unidade, foi o cel. Quadros cumprimentado, no quartel, por altas autoridades e representantes da imprensa santista.

Entre outros encontravam-se presentes os srs. Gustavo Martini, presidente da Câmara Municipal; dr. José Eduardo de Menezes Rosa, cônsul de Portugal; sr. Artur Parsole, cônsul dos Estados Unidos; cel. Waldemar Pio dos Santos, comandante da Praça de Santos; cap. de mar e guerra, Bertini Dutra, cap. dos Portos do Estado; cel. Otávio Confúcio, comandante do 6.º GAMC; cap. José Limongi França, comandante do Corpo de Bombeiros; maj. Joaquim Arquimedes Delgado, comandante da Ba-



O cel. Quadros entre os homenageantes

se Aérea de Santos; dr. Hugo Agripino de Azevedo, delegado auxiliar.

Ao cel. Quadros e comitiva, na Ilha das Palmas, foi oferecido um almoço.

Falaram o ten. cel. Cícero Bueno Brandão e cel. Cândido Bravo.

Encerrando a festa de cordialidade e agradecendo a homenagem que

lhe era prestada pelo 6.º B.C. e pelas mais representativas personalidades da cidade, discursou o cel. Quadros, externando a mais lisonjeira impressão sobre o que observou na unidade visitada.

Os clichês apresentam aspectos da visita e almoço levados a efeito.

Em conversa com Rodrigo Otávio, quando ainda se encontrava em Berlim, em 1901, disse o barão do Rio Branco:

"Não acredito que possa ser feliz à frente do Itamarati. Se bem que não se trate de função política, vou fazer parte do Governo e não sinto para isso inclinação alguma; acresce que estou desde muitos anos ausente do país; não conheço ali quase ninguém e estou desabituaado da sua prática e vida; parece-me que muitos outros no Brasil podiam fazer mais do que eu na pasta do Exterior".

(Transcrito do livro "Rio Branco", de Afonso de Carvalho).

21.º ANIVERSÁRIO DE FALECIMENTO DO

GEN. JÚLIO MARCONDES SALGADO



Aspecto da missa celebrada pelo capelão militar monsenhor Paulo Aurissol Cavalheiro Freire, na capela do Cemitério São Paulo.

Por iniciativa do Comando Geral da Fôrça Pública, foi solenemente comemorada no dia 23 de julho último, no Cemitério São Paulo, a passagem do 21.º aniversário do falecimento do gen. Júlio Marcondes Salgado. Estiveram presentes ao ato os srs. Cantídio de Moura Campos, presidente do Tribunal de Contas; César Salgado, procurador geral do Estado; cel. Odilon Aquino de Oli-

veira, presidente do Tribunal de Justiça Militar; cel. João de Quadros, comandante geral da Fôrça Pública; cel. José Lopes da Silva, representando o sr. governador do Estado; representantes dos srs. prefeito da Capital, secretários de Estado, cmt. da 2.ª R.M., cmt. da 4.ª Zona Aérea, reitor da Universidade de São Paulo, além de todos os cmts. de Unidades, chefes de Serviços e diretores de Es-

tabelecimento da Fôrça Pública, e representações das Unidades sedeadas nesta Capital.

Após a missa, que foi celebrada pelo monsenhor capelão militar Paulo Aurissol Cavalheiro Freire, fêz-se ouvir o capitão Joaquim Gouvêa Franco Júnior que, em nome da Fôrça Pública, pronunciou o seguinte discurso:

"Por uma honrosa designação do Exmo. Sr. Cel. Cmt. Geral, aqui estamos neste sacrossanto local, para prestar em nome da Fôrça Pública do Estado as homenagens justas de veneração, de respeito e de saudade, àqueles que regaram com o seu sangue generoso e bom a terra de São Paulo e, como heróis indômitos, ofereceram suas preciosas vidas em holocausto à Pátria,

na inesquecível e gloriosa Revolução Constitucionalista de 1932.

Este momento, pela sua sublimidade, não comporta uma grande e longa dissertação, pois aqui se exigem: silêncio, recolhimento, genuflexão e orações cristãs. Se assim não fôsse, precisaríamos falar muito da vida e da imortalidade dos que tombaram no campo da honra e no exato cumprimento do dever para o bem de São Paulo. Limitamos, portanto, a continuar orando quasi em silêncio as nossas orações pela bem-aventurança eterna no reino do céu, junto a Deus onipotente, para que eles, todos os heróis que hoje homenageamos, possam continuar olhando da região celeste por suas famílias, pela Fôrça Pública e pela Pátria, trinômio que tanto amaram em vida!



O cap. Joaquim Gouveia Franco Jr. falou em nome da Fôrça Pública.

Seria longo citar nominalmente a legião enorme dos heróis, conhecidos muitos, anônimos tantos outros, que succumbiram nos setores da luta, com honra e glória, na maravilhosa epopéia de 9 de julho!

Contudo, não podemos esquecer aquele que foi o nosso primeiro Capitão nesta venturosa carreira militar: Ruitemberg Rocha. Ainda trazemos em côres vivas na memória, quando atrás do cemitério de Buri, para animar-nos, numa luta desigual, êle, quasi fora da trincheira, desprezando o sibilar continuo das balas inimigas, mostrando-nos a sua coragem e o seu exemplo, tombou em nossos braços, vítima do petardo traiçoeiro. Eu bem me lembro do seu último olhar! Eu bem me lembro que a sua boca fechada que não mais podia articular palavras, falou pelos olhos em frações de segundo: "continuem a luta Paulistas, por Deus, pela Pátria, por São Paulo e pela Família"!

Eu bem que ouço, tôdas as vêzes que nos referimos à Grande Jornada, os nomes de Marcelino, Antônio Ribeiro Junior, Penha, Uchôa, e tantos outros.

Falemos de um, entretanto, na certeza de que o carinho, a saudade, o respeito e a homenagem, a todos hipotecamos com igual penhor.

Falemos, pois, da figura exponencial que se agiganta dentre êles: o nosso grande, bravo e heróico Patrono General Júlio Marcondes Salgado.

Paulista era êle, como nós outros, hã quatrocentos anos.

De origem simples, como simples, correta e exemplar fôra a sua vida. Devotado à família, à sociedade, à nossa estremecida Corporação, a São Paulo

que tanto amou e ao Brasil que procurou servir até ao instante supremo de seu trespasse.

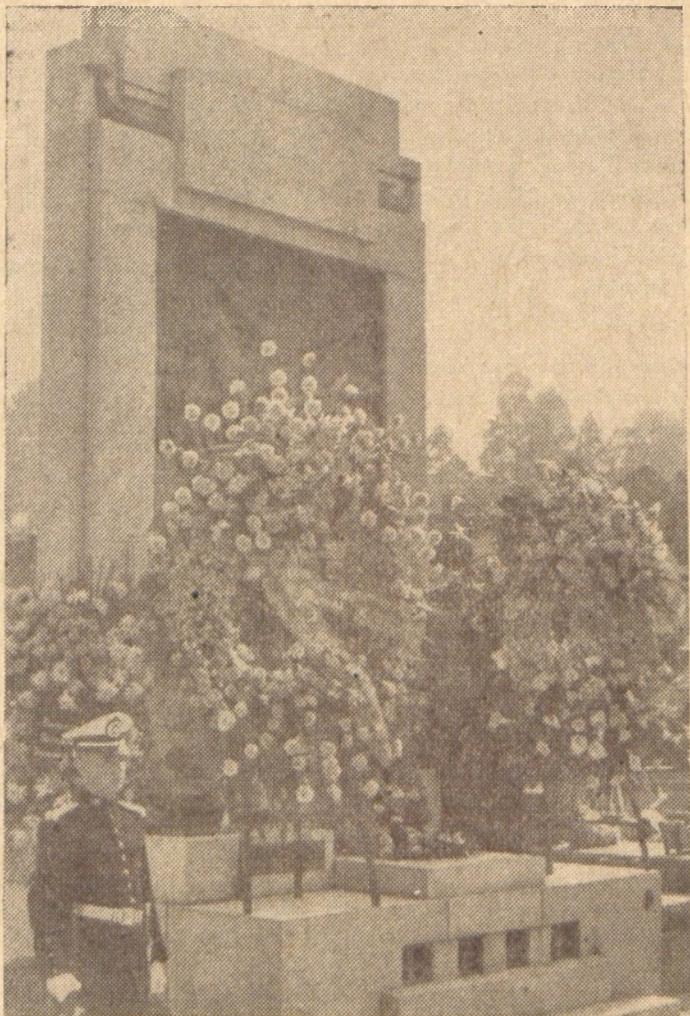
Homem de temperamento militar por excelência, muito moço ainda já pertencia às fileiras da Fôrça Pública. De exemplar conduta cívica e moral, conquistou com seu esforço próprio todos os postos de nossa hierarquia.

Investido das funções de Comandante Geral, na época em que o Brasil estava convulsionado e suspenso por faltas de garantias constitucionais, em que São Paulo sofria a opressão mal dissimulada do Govêrno Ditatorial e, por anseio de liberdade e de autonomia.

Pacientemente, com resolução firme e objetivo certo, o nosso grande Patrono General Júlio Marcondes Salgado, ia aos poucos, de comum acôrdo com o inclito Governador Pedro de Toledo e em harmonia com os sentimentos do Pernambucano ou Gaucho, Baiano ou Mineiro — a gente de São Paulo — robustecidos com o derramamento de sangue da mocidade Paulista, tão honrosamente representada pelos que nos legaram suas iniciais gloriosas MMDC, ia, reafirmo, pacientemente, aos poucos, preparando a Fôrça Pública, os batalhões auxiliares e o próprio povo para a arrancada sublime, redentora e imortal.

Senhores.

São Paulo estava ainda sangrando e perplexo com os efeitos da Revolução de 1930. São Paulo estava adormecido e despertou como Titan na manhã clara e radiosa de 23 de maio, e desta data ao memorável 9 de julho subsequente, quando os Paulistas invencíveis, numa irreduzível e sagrada união, de armas em punho, sacudiram e fizeram estremecer o Brasil de Norte ao Sul, de Este a



O túmulo do gen. Júlio Marcondes Salgado.

Oeste, por São Paulo e pelo próprio Brasil, com a mais gloriosa e a mais sublime das revoluções de todos os tempos: a Revolução Constitucionalista de São Paulo.

E esta gloriosa Revolução de São Paulo, a maior que o Brasil presenciou

e sentiu, teve na pessoa varonil do general Júlio Marcondes Salgado um dos seus grandes idealizadores, um dos seus grandes Chefes, um dos seus bravos, um dos seus grandes heróis.

Tombou êle em plena luta, como se estivesse nos contrafortes da Mantiquei-

ra, no Túnel, em Lavrinhas ou em Cunha, em Eleutério ou Itapira, em Buri ou às margens do Paranapanema nas planuras do Sul, em Apiaí ou Guaipará, em Mogi Mirim ou em Campinas nos derradeiros dias da epopéia, quando na manhã fatídica de 23 de julho, em Santo Amaro experimentava novo e poderoso engenho mortífero, para com êle enfrentar o inimigo.

Tombou coberto de glória!

Legou aos pósteros o exemplo do seu amor a São Paulo e ao Brasil.

General Júlio Marcondes Salgado!

São Paulo e o Brasil muito lhe devem e reverenciam o seu passado, o seu valor, a sua bravura, a sua glória imperecível!

A sua Fôrça Pública aquí está, em posição de sentido, perfilada, em gran-

de gala com apresentação de armas, e as baionetas prestando as honras de direito que lhe são devidas, as homenagens do nosso respeito e da nossa admiração e compungidamente chorando a sua perda.

Mortos queridos! Heróis de 32!
Heróis de São Paulo!

Considerai ainda e contemplai que a Fôrça Pública, desde o exmo. sr. cel. Cmt. Geral, todos os comandantes de Unidades, todos os chefes de Serviços, todo o seu efetivo até o último de seus soldados, aqui estão, por simbolismo embora, genuflexos, orando por vossas almas nas regiões celestes.

O toque de silêncio dos nossos clarins há de ressoar pelos céus de São Paulo, como hosanas de ventura e de glória, como preces que elevamos a Deus pela paz de vossas almas.

— :: —

A PRIMEIRA BANDEIRA

Sete de setembro de 1853. Formatura das tropas da guarnição da Capital em homenagem à data. Como sempre, primeiramente revista pelo presidente da Província, acompanhado pelo oficial mais graduado da guarnição. Em seguida, desfile da tropa.

Do local escolhido as altas autoridades civis e militares assistem à passagem das diversas unidades, que não são muita nem de efetivo elevado. «Raspam-se» os quartéis para se conseguir alguma cousa. Passam garbosos os contingentes de primeira linha. Em seguida os da Guarda Nacional e, finalmente, lá vem o Corpo de Municipais Permanentes. Embora não se apresente de maneira inferior aos que primeiro desfilaram, nota-se que falta alguma cousa aos nossos milicianos. Que será? Já por ocasião da revista não passara despercebida a falta ao Presidente da Província. E estando próximo ao comandante do Corpo, a mais alta autoridade do Estado interpela-o:

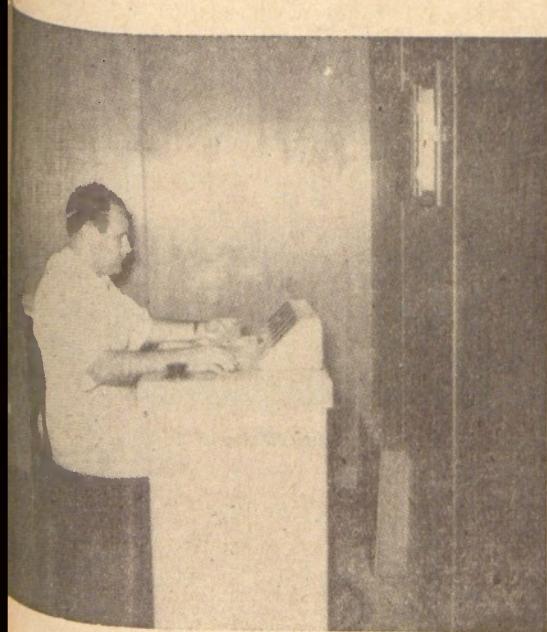
— Porque sua tropa está desfilando sem bandeira?

Veio então a triste verdade: o Corpo de Municipais Permanentes não possui a Bandeira Nacional! Não tem, sequer, a bandeira necessária, a ser hasteada em frente à fachada do quartel nos dias de festa nacional!...

Ordens foram dadas no sentido de ser sanada essa falha e, oito dias depois, o comandante participava ao Presidente da Província que, nos termos da ordem recebida, o corpo de seu comando já estava de posse do Pavilhão Nacional. Um, de seda, adquirido por 174\$000, outro, de filé, adquirido por 22\$000...

INAUGURADO NO HOSPITAL MILITAR

O SERVIÇO DE RADIOTERAPIA



Vista parcial da sala de controle

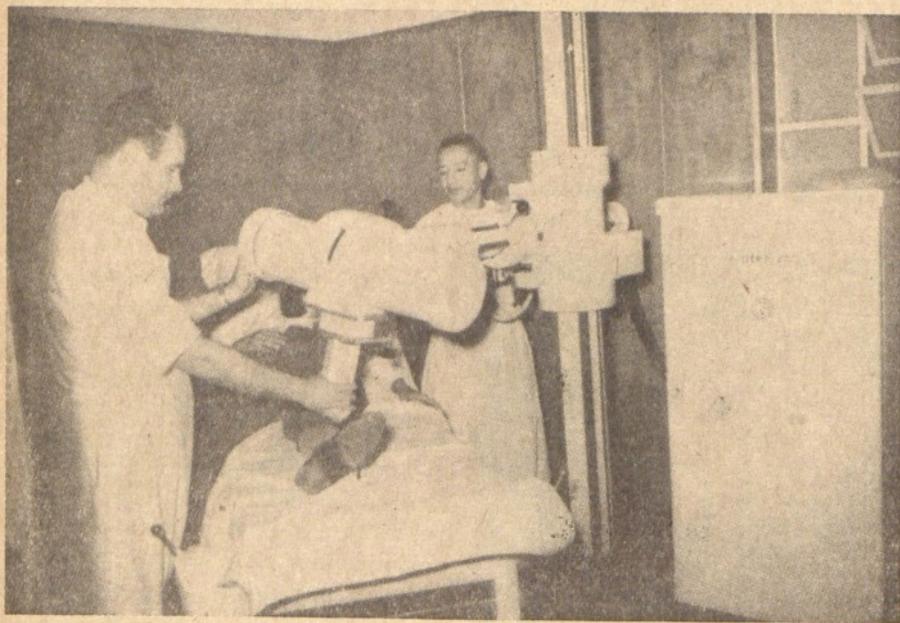
TEVE lugar no Hospital Militar da Fôrça Pública, no dia 16 de julho último, o ato solene de inauguração do Serviço de Radioterapia, a que estiveram presentes os srs. Elpídio Reali, secretário da Segurança Pública, cel. João de Quadros, cmt. geral da Fôrça Pública, cel. Luiz Gonzaga de Oliveira, chefe do Estado Maior, cel. Henrique Otávio Véspoli, chefe do Serviço de Saúde, cmts. de Unidades, chefes de Serviços e di-

retores de Estabelecimentos, assim como todos os oficiais-médicos ora servindo nesta Capital.

Trata-se, evidentemente, de mais uma vitória alcançada pela chefia do Serviço de Saúde que, numa seqüência elogiável de esforços, vem proporcionando aos nossos médicos maiores possibilidades de bem desempenhar a sua humana e dignificante missão.

A chefia dêsse importante serviço foi entregue ao cap. médico dr. Alvaro Cattini, um dos mais brilhantes e dedicados oficiais-médicos da nossa Corporação. Especialista em radioterapia, o dr. Cattini tem a acrescentar aos 5 anos de experiência adquirida na chefia do Serviço de Radioterapia do Hospital da Cruz Azul, cursos de aperfeiçoamento feitos no Instituto São Francisco de Assis e na Escola Paulista de Medicina.

As instalações do Serviço de Radioterapia estão situadas numa sala anteriormente pertencente à 3.ª enfermaria do H.M. A reforma foi executada pelo nosso Serviço de Engenharia que, segundo as exigências da técnica moderna, construiu 5 salas: 1) Sala de aplicações - inteiramente revestida de chumbo (6mm.), afim de evitar a passagem de radiações para as outras salas; 2) Sala de controle - onde se acha a mesa



O cap. médico Alvaro Cattini, e seu auxiliar subtenente enfermeiro João Batista Bertolino, na sala de aplicações.

de controle e o fichário. Nessa dependência há uma janela com vidro plumbífero, que também impede a passagem de radiações, e por intermédio da qual pode o médico observar o paciente na sala de aplicações; 3) Sala de exame dos doentes; 4) Sala de espera e, 5) Sala do médico onde se processa o fichamento clínico.

O aparelho instalado é um dos mais modernos do Brasil, com capacidade de 200 kilovoltes e 20 milampères. Possibilita aplicações profundas e superficiais.

A respeito das indicações da radioterapia, procuramos ouvir naquela oportunidade o cap. médico Alvaro Cattini que, com a gentileza que lhe é peculiar, nos declarou:

«Seu campo de aplicação é vasto, sendo que tôdas as especialidades da Medicina têm inúmeras moléstias com indicação para a radioterapia, tais como a Neurologia, a Dermatologia, a Cirurgia, a Otorrinolaringologia, a Oftalmologia e a Ortopedia e Traumatologia. Esta última, aliás, é a que nos envia 80% dos casos, aproximadamente.

Para se ter idéia da quantidade de casos que têm indicação, basta dizer que tôdas as inflamações podem ser tratadas com radioterapia, não falando ainda dos tumores, pois para êstes a radioterapia não é uma terapêutica de cura definitiva, mas sempre prolonga a vida, sendo que às vezes até durante anos».

POSSE DO SR. NICOLAU TUMA

O sr. Nicolau Tuma, recentemente eleito presidente da APISP, tomou posse do cargo em magnífica solenidade realizada no auditório D. João VI da Entidade dos profissionais da imprensa.

O jornalista Gumercindo Fleury, presidindo o ato, convidou para tomarem assento à mesa diversas autoridades presentes, entre as quais pudemos notar o cel. João de Quadros, Comandante Geral da Fôrça Pública, cap. Ari Menezes, representando o secretário do Govêrno, dr. Cunha Ferraz, representante do Prefeito Municipal e dr. Toledo Abreu, representando o secretário da Saúde.

Viam-se também inúmeros jornalistas, pessoas gradas, senhoras e senhoritas da sociedade paulista.

Inicialmente o sr. Gumercindo Fleury, discursando, lembrou a ação dos antigos presidentes da Associação e destacou o papel da imprensa através dos tempos, terminando por dar posse ao novo presidente.

Falaram, depois, os srs. Santa Paula Neto, Lima Neto e Darci Monteiro.

Por fim, discursou o sr. Nicolau Tuma, que traçou seu programa de ação na presidência da Associação dos Profissionais de Imprensa.

Nossos cumprimentos ao novo dirigente da APISP e os votos de fecunda gestão.



PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYLEA

MARCAS REGISTRADAS

**É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E
MAIS BARATO!**



Cap. Sérgio Rodrigues Caldas

FIALECIMENTOS

Vitimado pelas mãos assassinas de um bárbaro, faleceu, às dez horas do dia 30 de julho, o cap. Sérgio Rodrigues Caldas. Oficial de escola da Força Pública, muito cedo projetou-se em seu meio como autêntico líder da geração nova, graças à sua elevada cultura, sadio idealismo, absoluta honestidade de propósitos, levantado espírito público e, especialmente, à exuberante coragem moral de que era dotado. Em prol das boas causas, tomava posição decidida e na sua vitória punha todo o entusiasmo, ardor e empenho, quaisquer que fossem as circunstâncias e consequências. Era uma trincheira da Corporação e do bem público. Dedicado aos assuntos de História e Geografia Militar, aos quais emprestou o vigor de sua inteligência aguda, foi professor dessa matéria na Escola de Oficiais do Centro de Formação e Aperfeiçoamento da Força Pública.

As páginas de «Militia» sempre contaram com a sua colaboração primorosa. Possuidor de raros dotes de espírito e inteligência, os seus artigos ora expressavam sadio humorismo, ora afirmavam grande erudição no trato dos mais variados ramos do conhecimento humano.

Servia na Diretoria Geral de Instrução, em 1951, junto ao Gabinete Psicotécnico, do qual foi um dos maiores incentivadores, quando, por ato do Governo do Estado, foi designado para servir como conselheiro na Comissão Estadual de Preços e, mais tarde, no Departamento de Policiamento Econômico da COAP onde exercia as funções de Chefe da Fiscalização. Neste setor de atividades mais uma vez teve oportunidade de demonstrar sua capacidade de trabalho, o seu desprendimento, o idealismo com que sempre tratou das coisas públicas, a vivacidade intelectual, o senso de responsabilidade tantas vezes posto à prova. Inteiramente dedicado à família e à sua Corporação, o capitão Sérgio Rodrigues Caldas deixou, com seu prematuro desaparecimento, lacuna irreparável junto a todos que de perto o conheceram.

O extinto era filho do dr. Carlos Rodrigues Caldas, já falecido, e da sra. Dulce Carvalho Rodrigues Caldas. Deixa esposa, a sra. Dora Conde Rodrigues Caldas e três filhos menores: Marcos, Célia e Murilo. Deixa ainda os seguintes irmãos: Luiz Rodrigues Caldas, casado com Carmem Carneiro Rodrigues Caldas; Mário Rodrigues Caldas, casado com Maria Helena Rebouças de Araújo Rodrigues Caldas; Celso Rodrigues Caldas, casado com Dinise Calheiros Rodrigues Caldas; Irmã Isis, do Coração de Maria; Magdá Caldas de Oliveira,

casada com Angelo de Oliveira. Leilah Caldas Modesto Leal, casada com João Antônio Modesto Leal; Mariah Caldas Cesar Franco, casada com Milton Cesar Franco; Dulcina Caldas de Queiroz Rocha, casada com Martin Francisco de Queiroz Rocha; Renato Rodrigues Caldas e Osvaldo Rodrigues Caldas, solteiros.

Ao capitão Sérvio, além das honras militares, no ato do sepulta-

mento, foram prestadas condígnas homenagens do governo e povo paulistas, num reconhecimento incontestado dos valiosos serviços prestados pelo extinto ao Estado e à sociedade.

A Força Pública e os colegas do valoroso oficial dêle se despediram, à beira do túmulo, pela palavra comovida do Cap. Jaime dos Santos, seu grande amigo e companheiro de trabalho, que disse:

SERVIO, AMIGO INCOMPARÁVEL!

Trazemos a você as despedidas do Comando Geral da Força Pública, dos seus consócios do Clube Militar, de "Militia", de todos os camaradas da ativa, reserva e reformados da sua Força Pública, a qual você adorava, e dos amigos da COAP, a que você serviu com tanto empenho e dedicação!

Do seu convívio cotidiano aprendemos a admirá-lo e estimá-lo, com reconhecimento do seu valor sempre aplicado à carreira da qual fez profissão de fé. Confiança inabalável brotou e cresceu como consequência do nosso convívio diário, quando pudemos conhecê-lo mais e melhor, estreitando os laços da nossa gratidão, e os liames do ideal comum.

Comungam dêste mesmo sentimento, os jornalistas seus amigos que jamais olvidarão sua lhana e exuberante comunicabilidade.

Você combateu o bom combate e, como o Bandeirante do Evanegelho, guardou a sua crença sempre flamante nos destinos da Corporação, dedicando-lhe tôda a sua vida e o seu trabalho, com amor e desprendimento, norteado pelo mais sadio destemor e estimulado por nítida visão humanista das cousas.

Por isso, todos que tiveram a ventura de conhecê-lo de perto, galvanizaram-se pelo seu exemplo, que frutificará como semente bendita lançada em terra dadivosa. E' certo que a força de suas idéias será cada vez mais engrandecida, abrangendo tôda a Corporação.

SERVIO AMIGO.

O toque de clarim que iremos ouvir não significará para nós, apenas a homenagem póstuma dedicada ao amigo querido. Mais do que isso, valerá como um brado de reunir em tôrno do ideal e da jornada de renovação que constituíam os maiores anseios de sua vida, até seus últimos momentos, sempre pela grandeza da FORÇA PÚBLICA!



Aspecto da missa de sétimo dia celebrada na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora



Ten. Diomar de Melo Torquato

HOMO HOMINI LUPUS

(Minha contribuição às homenagens póstumas prestadas por MILITIA ao cap. Sérgio Rodrigues Caldas).

NEM o esforço de tantos educadores; nem as máximas de tantos pensadores; nem as criações de tantos inventores; nem os conselhos de tantos religiosos — todos, luminares das ciências — conseguiram diminuir o instinto de selvageria agressiva do homem, apesar dos séculos de civilização e de cultura. Não se nota sequer a mais leve atenuação da bestialidade humana.

Com uma tolerância, talvez excessiva, se procura justificar a agressividade humana, no que tange a certas ocasiões, que se carateri-

zam por duas situações fundamentais — rivalidade sexual e luta pela subsistência — embora o fato transcenda à bonomia dos justos e rompa os fios tênues da sensibilidade dos espíritos bem formados. Porém, quando a agressão se reveste de característica essencialmente perversa, essencialmente vingativa, sem um fragmento de lógica, nem mesmo a excessiva tolerância encontra uma consciente justificação. Já vi escrito alhures que «a nem tôdas as faltas se devem perdoar». Nem sei quem isto escreveu, mas reputo ver-

dade incontestável. Sou leigo em Direito, todavia creio que a Justiça usa êsse axioma.

O capitão **SERVIO** morreu. Foi estúpida e horrivelmente assassinado. Clamorosa brutalidade! Custa-me crer, apesar de dezesseis anos consecutivos de lides policiais, a despeito de ter visto tantos crimes praticados por indivíduos destituídos da menor parcela de sentimento, seja por ignorância absoluta, seja por selvagens recalques, custa-me crer, custa-me admitir que um homem, «feito à imagem e semelhança de Deus», mesmo elevado ao esto do paroxismo, consiga praticar tão horrenda barbaridade!

O capitão **SERVIO** morreu. Perda irreparável para a Fôrça Pública; perda irreparável para a elite dos oficiais da Milícia Paulista; perda irreparável para sua espôsa, filhos, pais e irmãos queridos. Uma grande perda!

Uma vez, num dos costumeiros prólogos de suas aulas de **GEOGRAFIA** e **HISTÓRIA MILITAR**, na Escola de Oficiais (eu tive a grande ventura de ter sido aluno do capitão **Sérvio**), em mil novecentos e quarenta e oito, êle disse estas palavras: «Como é bom ser bom!...». E nele, realmente, tudo era bondade: suas ações, seus gestos, seus movi-

mentos... Era bom, culto, zeloso, trabalhador, esforçado, honesto. Quantas qualidades boas!

Impenetráveis arcanos do destino! Insondáveis mistérios da vida! Repudiável realidade; o capitão **Sérvio** morreu. Foi estúpida e horrivelmente assassinado!

A esta hora quanto não estará sofrendo o seu matador!!! Êle que também foi um dos agraciados pela bondade sem limites do capitão **Sérvio**! Com que voracidade inaudita não estarão rolando, uma sôbre outras, as ondas tenebrosas do remorso, pela tragédia praticada! Que monstruosidade!!! Aquí não se aplicará o «**PERDOAI-LHES PAI, ELES NAO SABEM O QUE FAZEM**», porque o algoz sabia o que ia fazer: premeditou detalhadamente o crime.

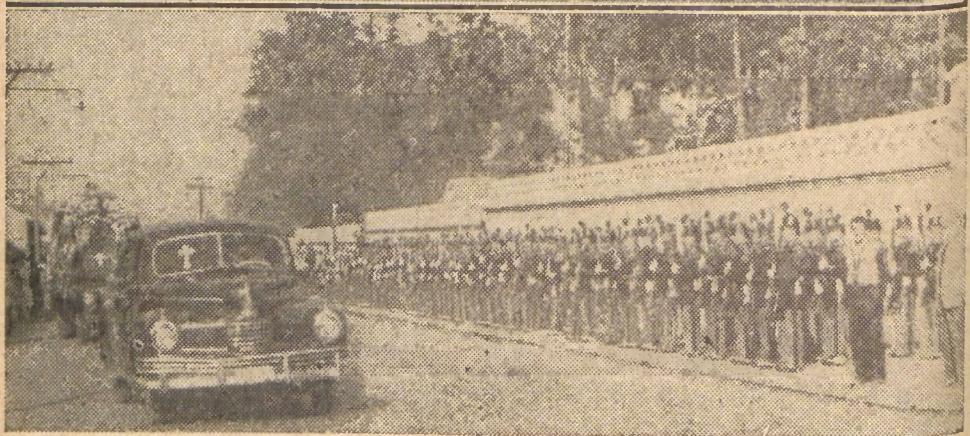
— Mas, capitão **Sérvio**, o vosso ideal será seguido por muitos. Ainda há alguém neste mundo, que luta pelo que é bom, pelo cumprimento do dever. O cabo **Antônio Duarte do Amaral** morreu salvando vidas; o capitão **Alcides dos Santos** sucumbiu ao querer salvar uma criança, em **Araçatuba**. Foram vossos companheiros de farda e de ideal. Outros serão imolados em holocausto ao juramento prestado!

Cel. Pedro Dias de Campos

Faleceu na Capital do Estado, a 5 do corrente mês, o cel. **Pedro Dias de Campos**, inolvidável e impar oficial da Fôrça Pública de São Paulo. Dêle, como maior homenagem, se pode dizer que foi o grande artifice da história de sua Corporação. Cres-

centemente projetou-a e a seu Estado, desde o momento em que envergonhou, para dignificá-la, a farda da Milícia Bandeirante.

De suas atividades múltiplas destacaremos alguns assinalados marcos de sua fecunda passagem pela Ins-



Flagrantes das homenagens póstumas prestadas ao col. Pedro Dias de Campos.

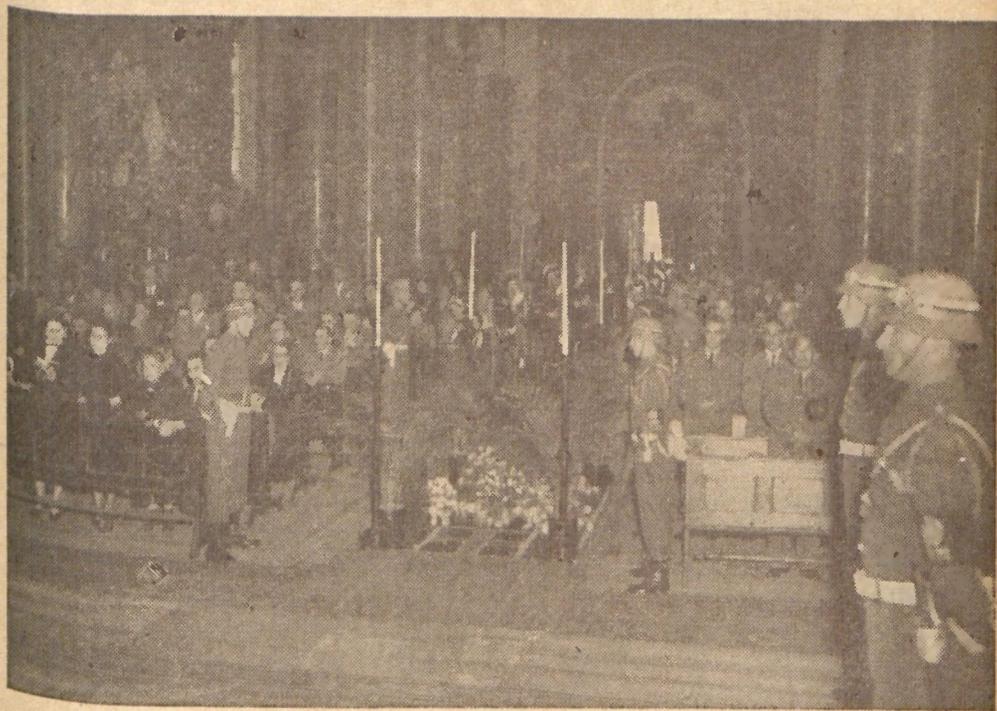
tuição. Foi, como tenente, o introdutor da esgrima no Brasil e o fundador da Escola de Educação Física da Força Pública, entidade pioneira na prática dos esportes em São Paulo. Com sua visão, inteligência agu-

da e espírito humanitário, compreendeu, desde cedo, a importância que os serviços assistenciais representavam na vida e aprimoramento da Corporação. Foi, assim, incentivador e um dos fundadores da Caixa Bene-

ficente da Fôrça Pública, entidade modelar, sobremodo honrosa para nossa organização e que foi o exemplo original para a fundação de outras, congêneres. Mais tarde, idealizou, planejou e materializou o monumento de assistência social e médico-hospitalar que é hoje a Cruz Azul de São Paulo. Nos dias tormentosos de 1924 e nos que se seguiram, o govêrno do Estado entregou a Pedro Dias de Campos o Comando Geral da Fôrça Pública e nele encontrou o baluarte da ordem, da legalidade e da própria sobrevivência do regime e da Corporação. Foi Chefe na maior expressão da palavra. Com justiça e energia férrea



No Quartel do Batalhão de Guardas





Cel. Pedro Dias de Campos quando comandante geral da Fôrça Pública.

consolidou a ordem, restabeleceu a segurança e implantou diretrizes e princípios que estruturaram a Milícia Paulista como alicerce imperecível da grandeza e projeção do Estado e da Pátria.

Já reformado, em 1932, quando São Paulo se lança no memorável Movimento Constitucionalista, Pedro Dias de Campos, apesar da idade avançada, se inflama, se apresenta e mais uma vez se projeta como grande soldado de Piratininga.

Depois, sempre com os olhos e coração postos em sua Fôrça Pública, continúa uma campanha paralela. É o incentivador e o diretor

das atividades relacionadas com o escotismo em São Paulo, de cuja associação brasileira foi um dos fundadores, com o alto intuito de aprimorar a raça; é profundo estudioso da história e geografia de nossa terra, projetando-se como membro de quase todos os Institutos Históricos e Geográfico do país e de alguns do estrangeiro.

Escreveu várias obras e, ainda há pouco, aos oitenta anos, publica «O Incola e o Bandeirante na História de São Paulo», trabalho que o perpetuará como pesquisador e historiador emérito.

O govêrno do Estado, em atenção aos excepcionais serviços prestados pelo extinto, prestou honras especiais ao cel. Pedro Dias de Campos, por ocasião de seu sepultamento. A Fôrça Pública e a sociedade paulista, consternadas, levaram ao grande soldado e patriota seu comovido adeus.

A beira do túmulo falaram entre outros, os senhores cel. Tenório de Brito, dr. Djalma Forjaz, dr. Roberto Moreira, dr. Ibraim Nobre e Judas Isgorogota, conhecido literário. Em nome da Fôrça Pública despediu-se do grande morto, em bellissima oração, o cmt. Naul de Azevedo.

«Militia», noticiando os dois infaustos acontecimentos, se cobre de luto e rende aos dois gigantes desaparecidos, cel. Pedro Dias de Campos e cap. Sérvio Rodrigues Caldas, a mais profunda e respeitosa homenagem.

*Discurso pronunciado pelo ten. cel. Naul de Azevedo,
em nome da Fôrça Pública:*

Senhores:

O Destino, na tessitura fatal dos acontecimentos, nestes últimos dias, vibrou na alma paulista da Fôrça Pública, dois golpes brutais.

Os olhos da Corporação ainda se humediciam na sangria branca das lágrimas derramadas sobre o corpo do Capitão Sêrvio Caldas — linda mocidade trágicamente roubada ao nosso convívio — e hoje nova e irreparável perda se verifica com o passamento do coronel Pedro Dias de Campos, que constituía, pela sua inteligência e pelo seu caráter, pelo seu patriotismo e pelo seu passado, a maior de tôdas as nossas reservas morais.

Dolorosa parábola descreveu a morte, atingindo, primeiro, a flor mais formosa da nova geração de oficiais para, depois, procurar o jequitibá gigante que fizera com que a Fôrça vivesse, sob seu comando geral, os seus dias de maior esplendor.

Consternado, como consternada está tôda Fôrça Pública; emocionado, como emocionada está tôda gente de Piratininga diante dêste dia de luto nacional, por delegação do coronel João de Quadros, nosso Comandante Geral, trago ao coronel Pedro Dias de Campos o adeus de seus camaradas.

O lutuoso acontecimento verificou-se ontem, no Hospital da Cruz Azul de São Paulo, instituição por êle fundada após os dias tortuosos de 1924. Na sua Cruz Azul, com o coração voltado para Deus e o pensamento voltado para a nelas abertas para a imensidade da Me-

Terra que tanto amou e dignificou, jatrópole que assistiu e ajudou a crescer, Pedro Dias de Campos desapareceu mansamente, forte e digno nos seus gloriosos 80 anos diante da magestade da Morte, que nem sequer conseguiu apagar o brilho de seus olhos azuis, tão vivos e tão cheios de esperança êles viveram!

De Pedro Dias de Campos não se dirá o que foi ou o que era e sim o que é, e continua ser, tão vivo êle está conosco, na luminosa presença dos seus Exemplos e dos seus Ensinamentos.

Soldado, escritor e jornalista, enalteceu, serviu e amou a sua Pátria.

Uma alta e generosa inteligência.

Um livre espírito escravizado à Honra.

Comandou a Fôrça Pública, dotando-a de artilharia e aviação, nesta instituindo, como pioneiro, o paraquedismo; foi o criador do escotismo no Brasil; fundou a Cruz Azul e ao lado de Gonçalves Teodoro — o velhinho santo e sábio que passou a vida inteira servindo as famílias de nossos soldados — o primeiro posto de puericultura em nosso Estado; historiador insigne, deixa farta contribuição às letras militares nacionais; foi, com seu espírito intransigentemente legalista, o baluarte seguro do regime e das instituições fundamentais do Estado e da República, reorganizando a Fôrça Pública, nas colinas históricas do Ipiranga, sob o troar da artilharia revolucionária de 1924; trazia ao peito uma constelação de condecorações as mais valiosas e significativas, destacando-se, dentre elas, as Pal-

mas de Ouro da Academia Francêsa, a Ordem do Dragão Verde, e as medalhas da Legalidade e Mérito Militar, conferidas, estas duas últimas, pelo Governo do Estado. Na campanha de Goiás, em 26 voltou a patentear a ática valentia de sua alma de soldado.

E houve um dia, senhores, em que Pedro Dias de Campos se agigantou ainda mais, armando-se cavaleiro da Homérica Epopéia que, em 1932, abalou a alma cívica da Nação. Ao sol daquelas horas gloriosas, durante aquele trimestre de eternidade, o grande chefe cujo aperfeiçoamento técnico se processara nas velhas academias militares da França e da Alemanha, percorreu, gloriosamente, vales e montanhas, guiando os moços de Ibrahim Nobre, reafirmando a nossa corografia com o coração e com o fuzil.

No comando do setor Iporanga-Tibiricá, admirável foi a sua bravura, tornando-se herói lendário no combate de Ribeirãopolis.

Agora mesmo, como contribuição de seu patriotismo ao IV Centenário da cidade de São Paulo, lançou trabalho de notável relevo étnico e histórico.

Pertencia, aliás, a diversas instituições culturais nacionais e estrangeiras, sendo sócio benemérito de nosso Instituto Histórico e Geográfico.

De tudo quanto se disse, pálidamente embora, verifica-se que onde quer que Pedro Dias de Campos servisse ou estivesse, em tudo e por tudo onde visse, a atuação do filho ilustre de Araçoiaba da Serra, um exemplo permanência de Honra e de Civismo, um Roteiro se ampliava de Claridade e de Fé.

Se verdade é que os mortos governam cada vez mais os vivos; que a ma-

téria retornando à sua condição de pó, deixa ao espírito, que é eterno, a sua fulguração de estrelas, Pedro Dias de Campos, lá dos Céus onde, desde ontem se encontra de volta à sua Espôsa querida, velará por nós, pela sua Força Pública, pelo seu São Paulo.

Homem cuja vida se traçou sempre numa ascendente vertical, deixa fôlha de serviços que vale como uma vitoriosa afirmação de Civismo e de Fé e a sua figura cada momento mais se atualizará pela sua eternidade e nos será cada vez mais presente no esplendor de seu símbolo.

Será êle sempre a coluna de luz a iluminar os nossos destinos, os destinos da sua Força Pública que sempre quiz forte como o próprio bronze e bela como só poderia imaginar, num delírio de sonho de fadas, o seu grande amor a São Paulo.

Coronel Pedro Dias de Campos:

Os vossos clarins, os clarins da vossa Força Pública, no momento que já se classificou como supremo inaceitável, da descida do corpo de um bravo à sepultura, farão calar tôdas as bocas, mas o coração da Força Pública, silenciosamente, como fervorosa oração de gratidão ao seu Grande Morto, murmurará, cariciosamente, o nome honrado e impoluto daquêle que foi seu chefe, como síntese radiosa da Pátria, pela Honra, pela Glória e pela Fé, afirmando que sobre o túmulo que se fecha, a nossa admiração, a nossa ternura e a nossa afeição, desde já inscrevem o mesmo glorioso epitáfio reservado aos heróis de 32:

"Quando se sente bater

No peito heróica pancada,

Deixa-se a fôlha dobrada

Enquanto se vai morrer".

Decálogo preventivo contra incêndios

- 1) — **NÃO** deixe fósforos ao alcance das crianças.
- 2) — **NÃO** saia de casa sem antes verificar se não esqueceu o ferro elétrico ligado ou a torneira de gás aberta.
- 3) — **NÃO** faça ligações elétricas “de emergência”; procure sempre técnicos competentes para fazê-las em definitivo.
- 4) — **NÃO** faça concorrência aos fabricantes de cêra, tentando fabricá-la em sua casa; essa economia não compensa o grande risco de um incêndio.
- 5) — **NÃO** jogue palitos de fósforos e pontas de cigarro usados, sem antes verificar se estão completamente apagados e escolha o lugar onde jogá-los.
- 6) — **NÃO** queira substituir o fuzível queimado por uma moeda ou outro recurso caseiro; use um fuzível novo e de capacidade adequada.
- 7) — **NÃO** trabalhe com material inflamável ou de fácil combustão sem antes certificar-se de que não há fogo por perto.
- 8) — **NÃO** queira dar uma “fumadinha” durante os instantes em que o tanque de seu automóvel está recebendo gasolina.
- 9) — **NÃO** guarde cêra, gasolina para limpeza, solventes ou álcool em lugares próximos de fogo e do alcance de crianças.
- 10) — **NÃO** solte balões nem queime fogos; ambos provocam acidentes dos mais graves, levando a destruição, o desemprego e a miséria a muitas famílias.

A IMPRUDÊNCIA e o DESCUIDO constituem os MAIORES INIMIGOS de sua VIDA, de seu LAR e de seu BOLSO !

Contribuição de «MILITIA».

NOVO DIRETOR PARA O

SERVIÇO DE ABRIGO

E TRIAGEM DE MENORES



MAJOR JOSÉ GLADIADOR

Em nosso número de maio do corrente ano, sob o título «Um exemplo», demos detalhado noticiário da ação do cap. Paulo Foot Guimarães frente ao Abrigo e Pensionato de Menores, em Sorocaba. Na mesma oportunidade ressaltamos que o caso merecia a atenção da Secretaria da Justiça e, por certo, encontraria aplausos e decisivo apóio da Fôrça Pública.

Hoje felicitamo-nos ao verificar que a nova cruzada rumo à assistência aos menores se vai concretizando no âmbito da Corporação. A Secretaria da Justiça, após entendimentos com o Comando Geral da Fôrça Pública, designou o maj. José Gladiador para dirigir o Serviço de Abrigo e Triagem de Menores, na capital paulista.

Assim, em simples porém, expressiva solenidade, exultantes, pudemos assistir à posse do maj. Gladiador no novo cargo, na manhã de 28 de julho último.

A cerimônia estiveram presentes os senhores prof. Loureiro Júnior, secretário da Justiça, cel. João de Quadros, comandante geral da Fôrça Pública, prof. José Maria de Freitas, diretor no Serviço Social de Menores, outras autoridades civis e militares, representantes da imprensa e do rádio, colegas e amigos do maj. Gladiador e grande número de pessoas de nossa sociedade.

Inicialmente falou o professor José Maria de Freitas, apresentando o novo diretor do Abrigo e salientando havê-lo indicado para o cargo, tendo em vista o conjunto de qualidades que exornam a personalidade marcante do oficial escolhido.

A seguir, o prof. Loureiro Júnior, secretário da Justiça, teceu as mais



Flagrante da solenidade de posse do major José Gladiador, vendo-se o prof. José Maria de Freitas ao proferir sua oração.

lisongeiros considerações acerca da Fôrça Pública, declarando-a uma reserva exuberante do Estado, onde cada oficial representa a retidão de caráter e de conduta posta, invariavelmente, a serviço da coletividade paulista. Frizou sua satisfação por ver materializada a colaboração da Milícia no desenvolvimento do Serviço Social de Menores, aduzindo que o fato deve ser motivo de orgulho para a Corporação, visto possibilitar-lhe cooperar na altruística obra da recuperação de menores, ao mesmo tempo que revela o prestígio e a consideração de que goza nos meios oficiais e sociais de São Paulo.

Finalmente falou o maj. José Gladiador, assegurando que tudo fará para corresponder à confiança nele depositada. Como representan-

te da Fôrça Pública, disse, «compreendemos o alcance de nossa missão e procuraremos criar, de fato, condições para a recuperação dos menores, capacitando-os para uma vida melhor, como homens de amanhã».

«Militia», registrando o acontecimento, se rejubila por ver em marcha um plano que patrocinou e felicita às autoridades estaduais pela feliz escolha do novo diretor, visto que o maj. José Gladiador, com suas excepcionais qualidades de caráter e de ação, sua sólida cultura, espírito humanitário e grande coração, levará a bom término a espinhosa missão que lhe foi atribuída. Ao maj. Gladiador e seus auxiliares, oficiais e praças de escol, nossos cumprimentos e votos de feliz gestão no novo campo de atividades.

Brigadiano!

Quem era êsse José Silva?

Foi um soldado da milícia gaúcha!

Poderia se chamar Fabrício Pillar, Bento Pôrto, Travassos Alves, Aparício Borges, Arizoly Fagundes, ou ainda por outros nomes aureolados, que constituíram a forja que temperou a legenda de glória da Brigada Militar do Rio Grande do Sul!

Foi mais um Brigadiano coronilha que tombou!

E como êles sabem morrer em qualquer chão! Na defesa da Pátria, da República, da lei e da sociedade quando ferida por intrusos malfetores.

Brigada Militar!

Coluna heróica do passado! A grandeza da tua história e a sublimidade do teu sacrifício não podem caber na estreiteza de uma crônica, que apenas simboliza, diante da sepultura de José Silva, o perfume das flôres agrestes das coxilhas que não chegaram a sentir a queda do corpo de mais um herói!

Rio Grande!

A tua trajetória foi feita, em considerável parte, tendo como vanguarda a Brigada Militar! Sem a ação fulminante de seus soldados não poderá ser escrita a tua história.

E esta palavra, que constituiu imensa alavanca, um dia deve ser gravada no altar da tua glória: "A Brigada velha" nunca soube dizer NAO!

Sim, fui testemunha, como outros também o foram, e a História há de levar nas suas páginas, que ela a perdeu e salvou, certa vez, a autoridade constituída, quando esta apelou para o Rio Grande, depois de tê-la desamparado.

E' que ela foi moldada à semelhança do espírito de renúncia do velho cerne da raça, simbolizado no ranger das longas carreteadas!

... Foi lá, nas alturas do Arroio do Só, dentro de um trem, quando êste corria nas orlas das coxilhas, ao pé da Serra Geral, prás bandas de Santa Maria.

José Silva!

Não te conheci. Mas desde piazote me acostumei a sentir e a vibrar com os guascas de tua têmpera! Daquele aço que não tinha mistura e que, de quando em vez, alguém nos mostra, porque ainda guarda como recordação!

José Silva!

Estou aqui contigo! De joelho, emocionado pela grandeza do teu gesto, de gaúcho destorcido que, mesmo apertado como em brete, ti-veste agilidade para responder à altura ao sicário que te colhia de inopino, prostando-o também sem vida.

Emocionado, sim! Porque imagino a velha guarda brigadiana te recebendo de braços abertos, num quartel engalanado e com melhores recompensas, práas bandas do infinito...

Agora, que já soou o toque de silêncio, ao ruído da terra amada do Rio Grande, que guardará o teu corpo de bravo, eu volto o meu pensamento para os teus três filhinhos, que ficaram te esperando, e pergunto se o silêncio do esquecimento descerá também sobre eles?

Permita Deus que tal não aconteça!

Mas se a êsse ponto chegar, ficará um patrimônio inalienável, que não poderá ser roubado, e que eles hão de saber respeitar na escarpa do sacrifício: a herança do teu sangue, que é o do "PÉ NO CHÃO" indomável!

Pôrto Alegre, 27 de Maio de 1953.

D'AVILA FLORES



1 PACOTE DE 400 GRAMAS

CUSTA MENOS

DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

TRIANGULO

OUTRO HERÓI



que tomba
no cumprimento
do dever

Mais um valente bombeiro encontrou a morte no cumprimento do dever. Trata-se do soldado Antônio Pereira da Silva que, na tarde de 20 de julho findo, quando, em serviço, procurava localizar um corpo no rio Tietê, imediações de Santana do Parnaíba, num dos mergulhos levados a efeito, pereceu afogado. O valoroso miliciano pertencia à guarnição de salvação do Corpo de Bombeiros.

Sua unidade prestou-lhe tôdas as honras fúnebres, ficando o corpo em câmara ardente numa das dependências do quartel.

A Fôrça Pública, por seu Comando Geral, oficiais e praças, rendeu ao extinto as mais sentidas homenagens.

Assim, como exemplo do cumprimento do dever, mais um nome se inscreve na galeria de nossos heróis — Antônio Pereira da Silva, a quem «Militia», reverentemente, homenageia.

A saúde, a instrução e a educação — a saúde em primeiro lugar — são, incontestavelmente, os alicerces, os fundamentos seguros e firmes da energia da independência e da prosperidade de um povo.

BELISÁRIO PENA

DECISÕES

Por se tratar de assuntos de interesse das polícias militares, transcrevemos as seguintes decisões relativas à Força Pública de São Paulo:

1 — Registro de óbitos

Tendo o comandante geral da Força consultado o juiz Corregedor Geral da Justiça sobre se os oficiais do Registro Civil eram obrigados ou não ao registro de atestado de óbito passado por perito médico militar, em face da recusa do sr. Manoel Policarpo de Azevedo Couto, referente ao ex-aluno, cabo Mário Rossini, do C.B., deu o referido juiz a seguinte solução:

«No caso objetivado na consulta do sr. comandante geral da Força Pública do Estado, isto é, quando se tratar de óbito de elemento, daquela corporação, ocorrido em exercícios militares, os oficiais do Registro Civil poderão lavrar o respectivo assente, no livro próprio, mediante comunicação explicativa da autoridade militar competente e apresentação de atestado passado pelo médico militar que tiver procedido ao exame cada- vérico, independentemente de «Visto» ou «Sepulte-se», fornecido pelo Gabinete Médico Legal da Polícia Civil do Estado.

Realmente, estando afeta à Justiça Militar, na hipótese focalizada na consulta, a apuração dos fatos de que resultou o falecimento, através do inquérito previsto na legislação especial, não há por que recusar validade, para o efeito de registro de óbito, ao atestado firmado pelo médico daquela milícia. Valerá esta

decisão como determinação de ordem geral para ser cumprida pelos oficiais do Registro Civil, sempre que o caso como o de que trata a consulta, envolver exclusiva competência da Justiça Militar».

2 — Grandes oficinas — Comissão nomeada

Nomeio o ten. cel. Naul de Azevedo, do S.M.B.; caps. Hamilton Rangel Gama, do Q.G. adido ao S.T.M., Oscar Pereira Éboli, do C.B. e 2.º ten. Ubirajara Spínola Bravo, do S.T.M. e dr. Gurgel Saint'Clair, para, em Comissão, sob a presidência do primeiro, elaborarem a planificação e regulamentação dos serviços nas Grandes Oficinas.

Essa planificação e regulamentação deverá ter em vista, principalmente:

- 1 — Organização das oficinas em moldes industriais;
- 2 — desburocratização da administração interna das oficinas;
- 3 — estímulo ao aperfeiçoamento profissional do operário mediante o estabelecimento de uma classificação de acôrdo com sua habilitação técnica e capacidade de produção;
- 4 — permitir a admissão de novos operários, com vencimentos correspondentes à sua capacidade profissional e,
- 5 — isentar os operários e artífices, das obrigações policiais.

Caixa Beneficente da Fôrça Pública

Em sessão ordinária da Diretoria, realizada a 3 do corrente mês, foram despachados os seguintes processos:

Pensões concedidas — Sebastiana Maria Dias, 4.199,40; Elza Guedes dos Santos, 3.000,60; Maria das Dores de Oliveira Silveira, 2.100,00; Maria das Dores Pinto, 1.600,20; Maria José Coelho, 1.470,60; Maria da Silva Campos e filha, 1.260,00; Olímpia de Carvalho Lima e filho, 1.139,40; Nair Monteiro de Camargo e filhos, 1.139,40; Rosa Ermínia Paiane, 1.020,60; Jacy Gomes Pedroni, 1.008,00; Maria do Carmo Amaral e filhos, 987,80; Georgina Flora da Silva (genitora), 633,00; senhorita Aparecida Gomes, 1.560,60; menores Iolanda de Melo e irmãos, 1.050,30.

Empréstimos hipotecários - 1.ºs tens. Pedro Antônio dos Santos, 278.000,00; Darcy Vital dos Santos, 231.200,00; 2.º ten. Afro Batista de Camargo, 207.200,00; subten. Valdomiro de Carvalho, 90.000,00.

Empréstimos suplementares — Cel. Roberval de Menezes, 140.000,00; 2.º sgt. Holando de Oliveira, 30.000,00.

Empréstimo complementar - cap. Frederico Rodrigues Gimenez, 260.000,00.

Empréstimos sob compromisso — 1.º ten. Lázaro Walter Ribeiro, 165.300,00 e 2.º ten. Olavo Soares, 200.000,00, ambos condicionalmente; 2.º ten. Gumercindo Guimarães, 200.000,00; subten. Alfredo Leite da

Silva, 156.000,00; 2.ºs sgt. Aureliano da Silva Reis, 136.000,00; Jerônimo Francisco dos Santos, 128.000,00; Jorge Gaudie Peres, 121.000,00; cabo Joaquim José dos Santos, 60.000,00.

Requerimentos despachados — Zulmira Maria dos Santos, pedindo benefício de pensão pelo falecimento de seu espôso, 2.º sgt. rfm. Vicente Quirino dos Santos, ocorrido em 21-XII-1926: — «**Indeferido por falta de amparo legal**»; subten. Antônio Teodoro da Silva, pedindo empréstimo hipotecário para aquisição de terreno e construção de residência: — «**Prove o alegado**»; pensionistas Maria Olinda Zeferino da Silva, Assunta Martucci Fernandes, Joana Maria Tacon Araujo, Benedita Maria dos Santos, Aurora de Souza Castro, Augusta Maria Rocha, Adair de Almeida e Eugênio José Joaquim, pedindo a remessa de suas pensões mensais para as cidades de Socorro, Taquaritinga, Santa Rita do Passa Quatro, Aparecida, Campinas, Botucatu, distrito de Domélia e Guararapes, respectivamente: — «**Deferido**»; Pedro Francisco Pereira, pedindo pagamento de importância deixada pelo falecido sd. Francisco Nunes de Souza, para sua genitora d. Zulmira Barbosa de Souza: — «**Deferido em termos**. Provada a qualidade de procurador pelo signatário devolva-se a importância de 1.099,50, de acôrdo com o Regulamento em vigor»; 2.º sgt. rfm. Franquolino Marques, pedindo exclusão do quadro

de contribuinte: — «Nada há que deferir, visto ser contribuinte obrigatório nos termos do Regulamento em vigor»; Vicente Damásio dos Santos, procurador de d. Ana Damásio dos Santos, solicitando devolução de documentos: — «Entregue-se mediante recibo, apenas os documentos referidos no parecer da Procuradoria»; cap. Antônio Luiz de Sá, pedindo majoração de contribuição: — «Deferido. Faça-se a carga regulamentar»; 3.º st. rfm. Teodoro de Oliveira, pe-

dindo majoração de contribuição: — «Processar a majoração»; 1.º sgt. Aristides de Oliveira Santos, da 1.ª C.I.B., pedindo empréstimo para pagamento de um lote de terreno e construção de casa própria em Santos: — «Indeferido por falta de amparo legal».

São convidados a comparecer à Caixa Beneficente, para esclarecimentos, o sd. rfm. Joaquim Gonçalves de Moraes, e o 1.º ten. rfm. Rolão Costa.

DUQUE DE CAXIAS

Soldado ANIBAL PINTO RIBEIRO

Nascido a 25 de agosto de 1803 e descendente de nobres heróis, trazia no sangue o ardor de impávido guerreiro Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias.

Espêlho da honra na carreira militar, desde cedo sonhou defender as côres do nosso Pavilhão Nacional.

Na data de hoje, 25 de agosto de 1953, comemoramos o 150.º aniversário do nascimento do grande vulto e a êle elevamos nosso pensamento, procurando exaurir de seus exemplos os mais puros ideais de honra, patriotismo e brasilidade.

Caxias, de vitória em vitória, dando provas de coragem, bravura e disciplina, nos mais decisivos momentos, ergueu aos píncaros o nome do Brasil.

Em 8 de maio de 1880 descansaste, mas teu heroísmo ficou imortalizado nos corações de teus compatriotas.

Salve glorioso Marechal! Grande glória da nacionalidade!

AULA DEMONSTRAÇÃO NO R. C.

INSTITUTO DE IDIOMAS YÁZIGI



O INSTITUTO DE IDIOMAS YAZIGI é organização especializada no ensino de línguas pelo Método YázigI que condensa a aplicação, nesse campo, de toda a moderna técnica pedagógica. Isso o torna dinâmico, eficiente e inédito, assegurando ao INSTITUTO vários anos de adiantamento entre a maioria das organizações congêneres existentes.

O INSTITUTO DE IDIOMAS YAZIGI vem ganhando maior impulso dado o avultado número de interessados que o procuram, principalmente para o estudo de inglês, cuja atualidade todos reconhecem valioso fator que é para projeção profissional, cultural e social.

Lançado o curso de inglês sob o título de «Course of Conversatio-

nal English» em moldes deveras revolucionários, teve ampla repercussão. Prova sua apresentação simultânea pelo Diário de São Paulo, Rádio Tupi e Televisão PRF3 TV, e classes na própria sede do INSTITUTO.

O inglês ensinado pelo Método Yázigi é vivo, tal como é falado nos Estados Unidos e Inglaterra. O inglês ensinado geralmente no Brasil é o histórico, ignorado do povo e apenas do conhecimento dos estudiosos da língua habituados aos textos clássicos ingleses.

O primeiro estágio do «Course of Conversational English» que permite o bom conhecimento da sintaxe e fonética, além de regular vocabulário, tem a duração de 6 meses. O ensino ministrado pelo professor é suplementado pela utilização de discos fonográficos que contêm a gravação dos textos das lições. O tempo, pois, de real aprendizagem, é dilatado segundo a vontade e as possibilidades dos alunos. Estes falam desde a primeira aula, entendendo o sentido das frases por mímica, pois os professores só falam inglês, e aprendendo a entonação das sentenças e a pronúncia perfeita das palavras pela fonética e repetição.

Em caráter extra-curricular o INSTITUTO DE IDIOMAS YÁZIGI promove uma série de atividades que, além de desenvolver a sociabilidade dos alunos, concorrem para melhor pronúncia e desembaraço da linguagem. Com esse objetivo promovem-se no INSTITUTO exposições de «English

by Film», audições e ensaios em côro de músicas populares americanas e inglesas, teatro ensaiado e dirigido pelos próprios professores com a participação efetiva do corpo docente, reuniões dansantes e, mais recentemente, excursões pelos países cujos idiomas o INSTITUTO ensine.

Esgotada a capacidade do INSTITUTO para ter em sua sede novas classes, principiou a instalá-las em firmas comerciais, indústrias, bancos e associações, entre elas e Círculo Militar, do que resultou certamente o interesse dos militares pelo Yázigi Method.

Funcionam, no momento, duas classes no Corpo de Bombeiros e uma no Regimento de Cavalaria da F.P., já tendo recebido o INSTITUTO pedido de instalação de uma turma no C.F.A. da Fôrça Pública e dado uma aula-demonstração na Escola Preparatória de Cadetes.

Precedendo à instalação da classe no R.C., ali compareceu o sr. Cesar Yázigi, dando uma aula-demonstração, de que fixamos alguns aspectos. No foto superior do clichê vemos, à mesa, os ceis. João de Qaudros, comandante geral da Fôrça Pública, que a presidiu; Cândido Bravo, inspetor administrativo (faltando); Luiz Gonzaga de Oliveira, chefe do Estado Maior; João de Oliveira Melo, diretor geral de instrução; e o sr. Cesar Yázigi. Na foto inferior, uma objetiva da sala de aula do R.C., onde aparecem numerosos oficiais que assistiram à demonstração em apreço.

————— :: —————

O hábito de amar é tão fácil de se adquirir como de se perder.

Mme. D'ARCONVILLE

GENERAL DE EXÉRCITO

ELEUTHÉRIO BRUM FERLICH



Promovido a general de brigada, vem de transferir-se para a reserva, no elevado posto de general de exército, o antigo comandante geral da Fôrça Pública.

Oficial de brilhante fôlha de serviços ao Exército Brasileiro, emprestou à nossa Corporação sua inteligência de escol e grande capacidade de trabalho.

Sua passagem pelo comando da Milícia Paulista deixou traços indeléveis da ação de um chefe de concepções arejadas, práticas e evolucionistas. Plenamente integrado em nosso meio, o general Ferlich conduziu a novos rumos a Fôrça Pública de São Paulo, dinamizando-a, em consonância com os ideais de seus componentes. Espírito eminentemente democrático, acolhia as sugestões de seus subordinados, o que possibilitou entre nós crescente interesse pelas coisas da Corporação e a mentalidade sadia e renovadora que hoje empolga seus quadros. Grande apologista da elevação cultural da classe, muito contribuiu para o nascimento e consolidação desta revista.

Ao general Ferlich nossos efusivos cumprimentos.



CLICHES
TRACO
TRICROMIA
AUTOTIPIA

Fotogravura
MODERNA

VIUVA ARDINGHI & FILHOS LTDA
R. GUAIANAZES, 467 - TEL. - 52-2966 - S. PAUL.



AMAZONAS

MAIS UM CARRO PARA OS BOMBEIROS

A capital amazonense possui um Corpo de Bombeiros Voluntários, integrado de homens destemidos e desinteressados, tendo à frente o sr. José Antônio Ventura, pioneiro da valiosa e patriótica organização. Falando à imprensa, o sr. Ventura declarou que a corporação voluntária vai possuir mais um carro, com capacidade para 1.200 litros d'água e com uma tripulação de 12 homens. E' este o segundo veículo construído pelos próprios elementos que integram o Corpo de Bombeiros Voluntários de Manaus.

BAHIA

ESTAÇÃO DE RADIO NO Q.G. DA P.M.

Vem de ser inaugurada, no Quartel General da P.M. baiana, uma emissora destinada exclusivamente ao

serviço interno da corporação. Com esta providência ficou desafogado o Serviço de Comunicações da Secretaria de Segurança Pública.

PROMOÇÕES NO QUADRO DE INTENDÊNCIA

Por ato recente do governador do Estado, foram promovidos, no Quadro de Intendência: — a major, por merecimento, o cap. Manoel Ramos Deiró, que já exerce as funções de Tesoureiro Geral da Corporação; — a capitão, por merecimento, os 1.ºs tens. Segismundo Rodrigues de Melo e José Eloi de Carvalho; e, por antiguidade, o dito Odilon de Freitas Militão; a 1.º tenente, por merecimento, o 2.º dito Itami Santa Bárbara.

CONFRATERNIZAÇÃO POLICIAL-MILITAR

Estando em visita ao nosso Estado, em viagem de estudo e recreio, professores e alunos do Curso de Formação de Oficiais da Fôrça Pública de São Paulo e a Embaixada «Governador Jucelino Kubistchek», composta de alunos do Colégio Estadual de Minas Gerais, e chefiada pela exma. sra. Eunice Gonçalves, espósa do cel. Nélio Gonçalves, comandante geral da Polícia Militar deste Estado. Quis a Polícia Militar da Bahia prestar suas homenagens aos ilustres representantes daquelas co-irmãs, e, com este objetivo, o cel. José Isidro de Souza, seu Comandante Geral, recepcionou-os em sua residência, acompanhado de oficiais e suas famílias, alunos da Escola de Oficiais e pessoas de destaque na sociedade baiana.

O major Alvim Rodrigues de Melo, em brilhante discurso, saudou os visitantes em nome do anfitrião e da Polícia Militar, salientando os laços de amizade que de há muito prendem as Polícias Militares de São Paulo, Bahia e Minas Gerais, desde quando, lado a lado, em ocasiões diversas, pugnaram em defesa da Ordem e da Legalidade, razões que certamente justificavam aquela alegria e cordialidade, evidentes entre todos os convivas.

Agradecendo a deferência desta homenagem, falou o prof. Melo Rodrigues, tanto pelos seus companheiros de «tournée» como pela Embaixada de Minas Gerais.

Em seguida, a mocidade valorosa dos três Estados chamou a si os últimos momentos da festa. Realizou-se um pequeno «show», que, com muita propriedade, foi denominado pelos cadetes paulistas como o «Show da Confraternização Policial-Militar». Desta hora de arte participaram os alunos-oficiais da Fôrça Pública de São Paulo, alunos da Escola de Oficiais da Bahia e alunos do Colégio Estadual de Minas Gerais, declamando, cantando e contando pequenas histórias humorísticas, num ambiente de viva alegria e da mais íntima cordialidade.

EXONEROU-SE DA POLÍCIA MILITAR

Por ter aceito a nomeação para o cargo de Comissário de Polícia, classe J, exonerou-se da Polícia Militar o capitão Moacir da Silva Azevedo, que já vinha exercendo o cargo de Delegado da 3.ª Circunscrição Policial, na Capital do Estado.

CEARÁ

DE MACACAO, O CHEFE DE POLICIA FOI FAZER A RONDA

O coronel Cordeiro Neto, chefe de polícia do Ceará, tem ficado em atividades no seu cargo até altas horas da noite. Desejando fazer uma investigação mais direta, o chefe de polícia vestiu-se, há dias, com um macacão, usando um boné de operário, e saiu pelos botecos mais afastados do centro da cidade, numa fiscalização disfarçada. Chegando a um dêles, localizado numa ponta de rua, abançou-se. Pediu cachaça e bolacha. O taberneiro trouxe.

O chefe de Polícia iniciou a conversa, perguntando se a venda da aguardente não estava proibida pela polícia. O vendedor declarou que estava, mas que quem mandava ali era ele mesmo. Despejou em seguida uma série de insultos contra o chefe de polícia.

Estava no auge do desabafo quando o chefe de polícia, disfarçado que estava, fez funcionar o seu apito, chegando em seguida a polícia e a rádio-patrolha, para conduzirem o «valiente».

INSTALAÇÃO DE UMA CIA. DA P.M. NO INTERIOR CEARENSE

Um dos objetivos principais da viagem do coronel Cordeiro Neto, secretário da Polícia, ao interior, é instalar uma companhia da polícia militar na cidade de Brejo Santo. Em sua viagem o coronel Neto se fez acompanhar do coronel Markan e de uma companhia organizada, que constituirá uma garantia inestimável

para toda aquela zona ultimamente tumultuada pela ocorrência de crimes de natureza política.

CAPELÃO MILITAR

O padre Arquimedes Bruno, consagrado orador sacro cearense, vem de ser convidado para exercer a função de capelão da Academia Militar das Agulhas Negras.

O padre Arquimedes Bruno, já nosso conhecido, de vez que já esteve em nossa redação, conosco mantendo amável palestra, já exerceu idênticas funções junto à co-irmã cearense, mas ainda não respondeu ao convite.

DISTRITO FEDERAL

POLÍCIA MILITAR)

REESTRUTURAÇÃO GERAL NOS QUADROS DA P.M.

A P.M. carioca vem de dar um grande passo no sentido da sua recuperação. O seu comandante, cel. João Ururahy de Magalhães, concedendo uma entrevista coletiva à imprensa do Rio, deu a boa nova à população carioca. Melhor aparelhada para as suas funções, em homens e material, espera o cel. Uruurahy, em cooperação com a Polícia Civil, estender a rede de vigilância, melhorando o policiamento da cidade em cinquenta por cento. E o que mais contribuirá para o comando eliminar o «deficit» de 4.100 homens, ora existente, será a elevação dos vencimentos dos homens daquela milícia, recentemente concedida pelo governo.

Sobre o assunto apresentaremos noticiário mais amplo, oportunamente.

MAIORES VENCIMENTOS PARA AS PRAÇAS DA P.M. E DO C.B.

O presidente da República sancionou, a 11 deste mês, a lei que reajusta os vencimentos dos cabos e assemelhados e soldados e assemelhados da P.M. e do C.B.

O aumento ora concedido, sem prejuízo dos direitos e vantagens conferidos pelo Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares, é, em alguns casos, até de oito referências. Outros detalhes:

— criação, no C.B., do quadro de motoristas, composto de 10 primeiros sargentos, 30 2.ºs srgts., 50 3.ºs srgts. e 60 cabos;

— supressão, no quadro de músicos da P.M., de 1 2.º ten., 6 srgts. ajds., 21 1.ºs srgts., 19 2.ºs srgts. e 6 3.ºs srgts.;

— as praças da P.M. não poderão servir fora da corporação, em atividades que não sejam estritamente policiais-militares (funções de vigilância, trânsito, garantia individual e manutenção da ordem pública).

PROMOÇÕES E MOVIMENTAÇÃO DE OFICIAIS

Por merecimento: a ten. cel., o major Silvestre Travassos Soares e classificado no comando C.S.A.; a major, o cap. Flávio Martins de Albuquerque e classificado no sub-comando do 3.º B.I.; a major, o cap. Djalma de Andrade Jacob e classificado no E.M. Por antiguidade: a major, o cap. Raimundo Quaresma Gonçalves e classificado no sub-comando do 5.º B.I.; a major, o cap. Idalberto Soares e classificado no sub-comando do 7.º B.I.

ACHOU 16 MIL CRUZEIROS E FOI PROMOVIDO

Em solenidade especial o comando da P.M. promoveu, no dia 11 d'êste mês, ao posto de cabo, o sd. Djalma Luiz Pereira. A cerimônia estiveram presentes soldados e comandantes de todos os batalhões e serviços da corporação.

Djalma Pereira, dias antes, encontrou, num dos trens da Central, uma carteira contendo 16 mil cruzeiros, devolvendo-a ao seu dono, sr. Alcino Gomes Pimentel, e ainda recusando 3 mil cruzeiros que lhe foram oferecidos a título de gratificação.

DISTRITO FEDERAL

(CORPO DE BOMBEIROS)

CONCLUSÃO DE CURSO E ENTREGA DE DIPLOMAS

Em razão de terem concluído a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, receberam diploma os 2.ºs tens. Onildo Pereira de Brito, Ernesto de Carvalho, José Osias da Silva (laureado), Jorge Pereira da Silva, Osvaldo Paulo dos Santos (laureado) e Darci José Custódio. E por terem cursado a Escola de Sargentos, receberam também diplomas os sargentos Generino José Lopes, Gastão Wigberto Soares Brasil, Edgard Balter, Paulo Jesus Lopes, Tito da Silva Mendes e Jarbas Corrêa de Melo.

VISITA DE ALUNAS

Visitaram o quartel central, no dia 17 de julho p.p., as alunas da Escola Técnica do Serviço Social, em companhia da sua diretora, sra. Maria Calazans. Foram designados para recepcioná-las e as orientarem durante a visita os cap. Armando Jacaran-

dá, e tens. Nelson Gomes de Lima e José Osias da Silva.

OFICIAL DESIGNADO PARA SERVIR NA SECÇÃO DE SEGURANÇA NACIONAL

Por portaria do ministro da Justiça, o cap. José de Moraes foi designado para exercer a função de membro do Corpo Técnico da Secção de Segurança Nacional, daquele Ministério.

PARQUE INFANTIL

O cel. Sadock de Sá inaugurou, no dia 4 d'êste mês, um magnífico parque infantil na escola «2 de Julho», mantida pela corporação, em S. Cristóvão.

IDADE LIMITE PARA PROMOÇÃO A ASPIRANTE

O Senado Federal vem de aprovar projeto oriundo da Câmara Federal elevando para 43 anos a idade limite para a promoção de aspirante a 2.º tenente.

REFORMA COM 25 ANOS PARA AS PRAÇAS

O presidente Getúlio Vargas sancionou decreto estendendo também às praças que contarem 25 anos de serviço, as vantagens concedidas aos oficiais inválidos da corporação, nas mesmas condições.

ESPÍRITO SANTO

CINEMA MAIS BARATO PARA OS ELEMENTOS DA P.M.

Atendendo a um apêlo do comandante geral da polícia, as empresas cinematográficas concederam o abatimento de 50 por cento em suas casas de diversões, aos militares dessa Corporação.

MINAS GERAIS

DESTACAMENTO DE BOMBEIROS PARA MONTES CLAROS

A Associação Comercial de Montes Claros, em representação ao governador mineiro, entre outras providências, solicitou a criação de um destacamento do Corpo de Bombeiros, anexo a uma companhia da Polícia Militar, cuja transferência foi solicitada, de Diamantina para aquela cidade. Solicitou ainda o aumento do número de fiscais de trânsito e a criação de uma inspetoria regional de trânsito.

HOMENAGEM DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA AO CEL. NELIO

O cel. Nélio Cerqueira Gonçalves, comandante geral da Polícia Militar, no dia 6 de julho último, recebeu manifestação de simpatia da Faculdade de Farmácia e Odontologia da UMG. Comparecendo incorporados à residência daquele oficial, a direção, professores e assistentes daquele estabelecimento de ensino superior lhe tributaram a homenagem do seu apreço, oferecendo, na ocasião, ao casal Nélio Gonçalves, um quadro a óleo do pintor Gentil Garcez. A entrega do presente foi feita pelo prof. Ubiratã Viana Novais, diretor da Faculdade em apreço, que dirigiu, ao ensejo, palavras de elogio ao comandante da P.M., que em seguida agradeceu.

PROJETA-SE NO CENÁRIO FEDERAL A ESCOLA «CAIO MARTINS»

Os processos educacionais e de recuperação de menores desvalidos

empregados na Escola «Caio Martins», da Polícia Militar, têm chamado para aquele núcleo rural o interesse de grande número de entidades e pessoas dedicadas ao estudo e à solução de problemas de natureza social do nosso país.

No dia 19 de julho último, chegaram a Belo Horizonte o cap. Serpa Pinto, diretor da Escola de Jacarepaguá, da Fundação «Darcy Vargas», o sr. Antônio Vangrando, da Legião Brasileira de Assistência, que foram enviados pela sra. Getúlio Vargas, para conhecer a organização da Escola «Caio Martins».

Em companhia do ten. cel. Manuel José de Almeida, presidente do Conselho Diretor da organização criada e mantida pela Polícia Militar, os visitantes estiveram no núcleo central das Esmeraldas, onde permaneceram dois dias.

PARÁ

REGRESSO DE ESTAGIARIO

Regressou a Belém o ten. Serafim Silva, do Corpo de Bombeiros local, que vinha fazendo um curso de aperfeiçoamento no Corpo de Bombeiros do Distrito Federal.

ESTIVERAM EM GREVE OS COMISSARIOS DE POLICIA

O ten. Lobato, diretor do presídio S. José, da capital paraense, vem de esclarecer um mal entendido havido na administração policial, em consequência do que comissários de polícia passaram a se alimentar com «bóia» melhorada naquele Presídio, sem a necessária previsão de meios. Tal medida obrigou aquela administração a reduzir 20 cruzeiros da diá-

ria a que faziam jus, ocasionando um movimento grevista por parte daqueles policiais.

PARAIBA

CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS

No dia primeiro de maio p.p., no salão da Biblioteca dos Oficiais, tiveram lugar as solenidades para a abertura das atividades do C.F.O. da Polícia Militar. As referidas solenidades estiveram presentes o cel. Ivo Borges da Fonseca Neto, seu comandante geral, autoridades civis e militares, oficiais e sargentos, prontos no quartel e ainda o corpo de professores escolhidos para o mesmo Curso.

Os trabalhos de abertura foram presididos pelo sr. secretário do Interior e Segurança Pública, dr. Osias Nacre Gomes.

Inicialmente, fêz uso da palavra o cel. Ivo Borges, como comandante da Corporação e diretor de Ensino da mesma, o qual improvisou uma eloqüente oração, externando a satisfação com que naquele momento dava início aos trabalhos para o funcionamento do Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar e fazendo sentir, ainda, a necessidade, para a Corporação e o Estado, de novos oficiais possuidores de conhecimentos mais aperfeiçoados, motivo por que solicitou dos professores o máximo de rigor, durante o funcionamento do Curso.

O corpo discente do mencionado Curso está composto dos seguintes alunos: subten. Ivanile Lopes Lordão, sargentos Antônio Pereira Gama, José Alves de Lira, Raimundo Cordeiro

de Moraes, Luiz Gonzaga de Melo, Clodoaldo Alves da Lira, Joaquim Sinfrônio da Silva, Manuel Brás Tavares e Geraldo Gomes da Silva.

O corpo docente ficou constituído dos seguintes professores (primeiro ano): dr. Rômulo de Almeida (Direito), dr. José Coêlho (Matemática), prof. Milton D'Lone (Português), prof. Hilkias Fernandes (Geografia), major Clodoaldo Passos Fialho (Armaamento e Tiro e Educação Física) e major do E.B. Aldenor Valente Quinderé (Inst. Geral).

O C.F.O. terá a duração de dois anos. O primeiro ano, compor-se-á de ensino mais teórico do que prático, sobre as disciplinas acima referidas.

O segundo ano, além da continuação de algumas matérias do 1.º ano, terá mais outras disciplinas como sejam: Topografia, Combate e Serviço em Campanha, Transmissão e Educação Moral.

Neste último ano, pela natureza das matérias a serem ensinadas, os alunos obedecerão um regimem de aulas mais pendentes ao campo prático.

Com este, já são dois Cursos de Formação de Oficiais, que funcionam na P.M., visando o alevantamento moral, intelectual e profissional da Corporação. O anterior funcionou em 1942, sob a direção do cel. do E.B. Anacleto Tavares da Silva.

PERNAMBUCO

CONTRA A CONCESSÃO DO PORTE DE ARMAS

Cresce, cada dia que passa, o movimento da opinião pública contra a facilidade com que a polícia dali concede «registros», «portes» e

«cartões de licença», dando aso para que aumente o índice de criminalidade entre os pernambucanos.

REAPARELHADA A CIA. DE BOMBEIROS — DEMONSTRAÇÃO AS AUTORIDADES

Quase tôdas as corporações de combate ao fogo do país, não obstante o prestígio invejável e sempre crescente que desfrutam no seio da população, decorrente, sobretudo, do esforço, da dedicação e do heroísmo dos seus componentes, além de lutar contra o fogo, têm que se haver ainda com a falta d'água, deficiência do material e cexins, inimigos que têm sido, muitas vêzes, piores que as labaredas.

A Companhia de Bombeiros da Polícia Militar, graças ao operante e saudoso governador Agamenon de Magalhães, vem de romper barreiras difíceis e quase inexpugnáveis, conseguindo a obtenção de precioso e moderno equipamento de combate ao fogo e salvação. E no dia 3 dêste mês, no Cais de Santa Rita, no Recife, fêz uma demonstração da eficiência e da capacidade do novo material, constituído de sete viaturas e aparelhos auxiliares (escafandros, aparelho de cortar metais, etc.). Essa demonstração, assistida pelo governador Etelvino Lins e demais autoridades, constou de: inspeção do material, pelo governador; funcionamento e capacidade dos auto-bombas de 750 GPM; eficiência da auto-escadamecânica de 39 metros; capacidade do aparelho de cortar metais, a acetileno; descida na trave de salvação e saltos em paraquedas; «desarmar geral» e «retirar».

O inegável impulso que a corporação tomará com o material que vem de receber, por certo entusiasmará mais ainda os heroicos bombeiros recifenses, dando-lhes alento — agora melhor equipados e senhores de técnica moderna — para que atinjam alto grau de desenvolvimento profissional.

RIO DE JANEIRO

UM «CHOQUE» PARA CAMPOS

«De há muito que a cidade de Campos vem sofrendo a ação nefasta dos «moços de boa família», rapazes de fato pertencentes a famílias respeitáveis, mas que, ostentando sua atlética musculatura, entendem que não devem o respeito a quem quer que seja. Entretanto, os tais moços que se previnam, pois a polícia não entrará em conflito por êles promovidos para aconselhá-los a se portarem melhor, mas exercerá ação repressiva com tôda a violência. Os que nada tiverem com o conflito, que façam o que a polícia civil fará com a chegada do «choque»: retirem-se». São estas palavras do ten. cel. Lourival Ventura, comandante do 2.º B.C. da P.M., sediado em Campos.

A população campista, cansada dos distúrbios que se sucediam a meúdo, causados por aqueles «moços de boa família», vinha dando visíveis sinais de inquietação, através de constantes apelos às autoridades policiais do Estado. E outra alternativa não restou ao delegado Mário Mendonça sinão aprovar a sugestão do comandante Lourival Ventura, no sentido do emprêgo da polícia repressiva em grau condizente

com a natureza e intensidade daqueles distúrbios.

O «choque» destacado para Campos acha-se alojado no quartel do 2.º B.C. e se compõe de 20 homens sob o comando de um oficial, dispondo eles de viatura própria, casquetes de borracha, bombas lacrimogêneas e metralhadoras portáteis, calibre 45.

RIO GRANDE DO NORTE

DIRETORIA DA S.O.P.M.

Foi eleita e empossada a nova diretoria da Sociedade de Oficiais da Polícia Militar, que ficou assim constituída:

Diretoria: presidente ten. cel. Jose Vitoriano de Medeiros - vice-pres., cel. Antônio de Castro Bezerra - secretário geral, major Francisco M. de Carvalho - 1.º secr., capitão Severino Bezerra - 2.º secr., 1.º ten. Zeferino G. de Oliveira - 1.º tesoureiro, cap. José Nicácio Sobrinho - 2.º tes., major Pedro Ceciliano Lustosa - orador, 1.º ten. Geraldo Gonzaga da Costa - bibliotecário, 1.º ten. José Mesquita;

Comissão Fiscal: pres., major Celso Carlos Pinheiro - conselheiros, major Luiz G. Cesar de Paiva e cap. Mário Cabral de Lima;

Suplentes: major Pedro Vicente de Lima, e 2.ºs tens., Alcides Roque da Silva e Benedito Pereira dos Santos.

Em sessão solene, realizada no dia 11 de junho último, sob a presidência do cel. Severino Elias, foi empossada a diretoria supra, a cujo ato compareceu um grande número de associados.

Aos presentes foi servido um coquetel, ocasião em que discursaram vários oradores.

SOLENEMENTE INSTALADOS OS CURSOS DE FORMAÇÃO E DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Teve lugar, no quartel da P.M., no dia 15 de junho p.p, o ato de instalação dos cursos de Formação e Aperfeiçoamento de Oficiais, constituído de solenidades internas, presididas pelo cel. Luciano Veras Saldanha, comandante da milícia potiguar, estando presentes, além da respectiva oficialidade, os corpos docente e discente dos referidos cursos.

Acham-se lecionando no C.F.O.: prof. Ivanaldo Lopes, português; prof. Celestino Pimentel, inglês; prof. Geraldo Gonzaga, matemática; prof. Francisco Revoredo, geografia geral e corografia; dr. Leide Moraes, socorro de urgência e higiene; cel. Luciano Veras Saldanha, topografia. Instrutores: major Altino Cordeiro (informações e emprêgo das transmissões); e cap. José Franco Ribeiro (armamento e tiro).

No C.A.O. lecionam: dr. Emídio Cardoso, ten. cel. Sebastião Revoredo, dr. Alvamar Furtado, cel. Luciano V. Saldanha, major Ulisses Cavalcanti e major Altino Cordeiro.

O primeiro curso, de três anos de duração, tem como alunos sargentos e civis, ao fim do qual serão declarados aspirantes a oficial. O segundo, como o próprio nome indica, servirá para melhor preparação dos oficiais para a execução de suas missões profissionais.

Está funcionando ainda uma Escola Regimental, tendo como alunos sargentos, cabos e soldados, em nú-

mero de 132, sob a regência do prof. Adalberto Rodrigues.

RIO GRANDE DO SUL

ATRIBUIDA À BRIGADA MILITAR A SEGURANÇA INTERNA DA CASA DE CORREÇÃO

O governo do Estado, premido pelas circunstâncias atuais da Casa de Correção, atribuiu à milícia gaúcha a execução do serviço de segurança interna daquele instituto penal, que carece de «uma vigilância mais eficiente, a fim de assegurar a ordem, disciplina e custódia dos internados». Está, pois, a Casa de Correção, entregue à total vigilância da Brigada Militar, isto é, interna e externamente, além de o seu administrador ser um oficial da mesma corporação, consoante o que noticiamos em número anterior.

O COMANDANTE TISIANO VISITOU O CORPO DE BOMBEIROS DE PELOTAS

Esteve em Pelotas, acompanhado do ten. Mário Brandão, inspecionando a unidade de bombeiros ali sediada, o ten. cel. Tisiano de Leoni, comandante do Corpo de Bombeiros da Brigada Militar.

Em companhia do major João Paranhos da Costa, comandante dos bombeiros pelotenses, o cel. Tisiano visitou também o prefeito Mário Meneghetti, dando-lhe, prazerosamente, o motivo da sua visita a Pelotas: levar farto material para os homens do fogo daquela cidade (fardamento e equipamento) e anunciar a próxima chegada de um novo carro para o destacamento local.

COMANDO DA POLÍCIA RODOVIÁRIA

O governo estadual colocou à disposição do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem o major Jorge Adão Fetter, a fim de exercer a chefia da Polícia Rodoviária, em vias de ser criada.

DEFINIÇÃO DE SERVIÇO E EXTENSÃO DE VANTAGENS

Por decreto de 30 de junho último, o governador do Estado, depois de algumas considerações, decretou que os oficiais e praças da B.M., quando destacados em serviço na Casa de Correção, Colônia Penal e Agrícola, Manicômio Judiciário e cadeias civis do interior do Estado, sejam equiparados aos elementos em serviço de policiamento, circunstância que lhes dá direito à percepção da diária de policiamento prevista pela Lei n.º 2043.

TRANSFERÊNCIA DE OFICIAIS PARA A RESERVA

Foram transferidos para a reserva os ceis. Milton Gomes da Silva e Hermes Gomes Fernandes e o major Jerônimo Saraiva Pires. éste no posto de ten. cel.

O 2.º B.C. FOI TRANSFERIDO PARA SANTA MARIA

Por decreto estadual de 3 de julho pp., o 2.º B.C. foi transferido de Pôrto Alegre para Santa Maria, devendo ficar aquartelado no mesmo prédio em que se acha o Regimento Cel. Pilar.

PROMOÇÃO DE OFICIAIS

Por merecimento: a cel., os tens. ceis. Waldo Gonçalves Barbosa de

Menezes e Hermes Gomes Fernandes; a ten. cel., os majores Max Herbert Hanke e José Lanes Velasques; a major, os caps. Otacillo de Moura Escobar, Aristides Monteiro, Nelson Futuro Rocha e José Müller; a cap., os 1.ºs tens. tens., Apolo Hausen, Salvador Soares da Silva e José de Souza Antunes; a 1.º ten., os 2.ºs tens. Mário Musachio Heredia e Manoel Jerônimo Marcos; a 2.º ten., os asps. a oficial Edy da Silva Cardoso, Odilon Alves Chaves, Walter Lucas Guimarães e Iriovalde Maciel de Vargas.

Por antiguidade: a ten. cel., os majores Carlos Miguel Tavares Nobre, Jacinto Francisco Targa e José Luiz de Vasconcelos; a major, os caps. Otávio Machado e Jerônimo Saraiva Pires; a cap., os 1.ºs tens. Dinóh Ramos, Vasco Melo Leiria e Manoel Licurgo Pereira; a 1.º ten. os 2.ºs tens. Ivan da Silva Bueno e Oscar Maia Paranhos; a major médico, o cap. med. dr. José Carlos Ferreira de Medeiros; e ao posto de cap. dent. o 1.º ten. dent. Ari Silveira de Castro.

SANTA CATARINA

CORPO DE BOMBEIROS DE ITAJAÍ

Graças aos esforços dos dirigentes da Associação de Bombeiros de Itajaí, já se encontra nos armazéns da firma Renaux a bomba reboque contra incêndio, adquirida, por compra, da firma Machado & Cia., pela quantia de Cr\$ 100.000,00, produto de donativos de várias firmas da cidade.

Portanto, a iniciativa de um grupo de pessoas, em organizar uma as-

sociação que tenha por finalidade atender os moradores da cidade em qualquer sinistro, tornou-se num facto concreto, para o que muito contribuiu o esforço e a boa vontade, do dr. José Bonifácio Schmidt, dirigente daquela corporação recém-organizada.

BOMBEIROS TAMBÉM PARA BLUMENAU

O prefeito municipal de Blumenau, sr. Hercílio Deeke, atendendo a um convite da Associação Comercial e Industrial daquela cidade, compareceu a uma reunião em que ficou decidida a criação de uma corporação de bombeiros para aquela cidade, ocasião em que recebeu o apoio de numerosos associados e interessados no empreendimento.

Ficou ainda resolvido que, por não dispor a Prefeitura, neste ano, de verba destinada àquele objetivo, o financiamento para a compra do material indispensável será feito por meio de adiantamento, por particulares, voluntariamente, descontando-se as importâncias adiantadas quando dos futuros pagamentos de impostos.

ANIVERSARIO DO C.B. DE JOINVILLE - REAPARALHAMEN- TO DA CORPORAÇÃO

O Corpo de Bombeiros de Joinville comemorou o 16.º aniversário de fundação, realizando uma série de festejos populares, que contou com a adesão do povo da cidade. A festa tinha a finalidade de angariar fundos destinados ao melhor aparelhamento da útil e dedicada corporação dos soldados do fogo.



Direção do cap. Francisco A. Bianco Jr.

ÉCOS DE UMA VISITA ~

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Em caráter oficial, visitando nosso país, passou por São Paulo o sr. embaixador da Bélgica, Marcel Henri Jaspas, fato de que já nos ocupámos no número anterior.

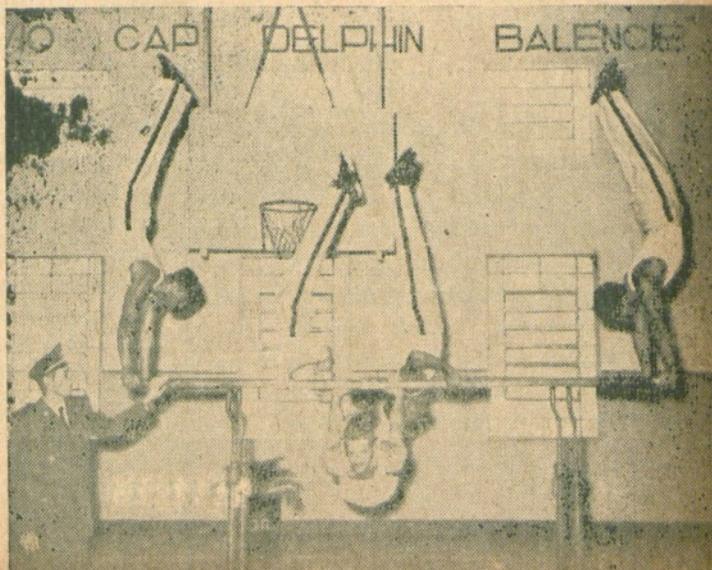
Quiz também aquêle diplomata reservar uma hora do seu programa para conhecer o que já ouvira falar de há muito: - a organização da nossa Força Pública. A escassês do tempo, porém, ensinou-lhe uma rápida visita ao Quartel General e, logo após, ao nosso estabelecimento de Educação Física, a fim de presenciar

alguma coisa simples, mas que sempre diz das tradições dos nossos mestres franceses.

Chegada das Autoridades

As 9,00 horas, acompanhado pelos srs. Elpidio Reali, secretário da Segurança Pública, cel. João de Quadros, cap. Stat Muller, remanescente da Missão Francêsa e nosso prezadíssimo amigo, coronel Inspetor Administrativo, comandantes de corpo e chefes de serviço, chegava ao Ginásio «Delphin Balancier» a refeida autoridade.

Sob a supervisão do ten. Valter Lara, elementos especializados levaram a efeito demonstrações de ginástica de aparelho.



Monitores da E.E.F.,
especializados na execução
do bailado ginástico francês
"Joinville-Le-Pont".



Apresentação da Escola

Após a execução dos hinos Belga e Nacional, por uma secção do nosso Conjunto Musical, s. excia. passou em revista o Contingente da Escola que, em diversos uniformes para demonstrações, alinhava-se impecavelmente, dispostos por secções, sob o comando do major Romeu de Carvalho Pereira.

Como homenagem ao ilustre visitante, a Escola de Educação Física organizou um programa modesto, contando com as seguintes modalidades:—

Chefe da Representação: cap. Francisco A. Bianco Jr.

1.ª parte: - a) - esgrima ornamental, executada pelos monitores especializados de esgrima; b) - assaltos técnicos: - florete: subten. Santini e sgt. Freire; espada: - cap. Bianco e subten. Aix Gomes; **2.ª parte:** - ginástica de aparelhos: a cargo do ten. Valter Lara e elementos es-

pecializados da Escola; a) - saltos no plinto, paralela e barra fixa.

3.ª parte: - bailado ginástico francês: quadrilha de monitores da Escola de Joinville-Le-Pont, executada pelos monitores da Escola.

Considerações

Na simplicidade dessa apresentação ligeira, pôde a Escola de Educação Física, mais uma vez, continuar as tradições indeléveis que nos legaram os mestres da velha França. Soube s. excia., porém, bem apreciar o que lhe foi apresentado, trazendo com seus aplausos a satisfação que se contagiava aos que naquele recinto desportivo tiveram a oportunidade de tomar assento.

Os elementos da Escola, oficiais, sargentos, cabos e soldados especializados, desempenharam suas missões com entusiasmo e apuro, na certeza de que o embaixador da nação amiga levará esta nossa singela homenagem como recordação de sua passagem por nosso velho e tradicional centro de educação física.

Campeonato de Desportos Coletivos

Mais uma etapa vencida pela Escola de Educação Física —
Equipes vencedoras — Outras notas

Cumprindo seu programa desportivo para o corrente ano, a Escola de Educação Física finalizou em junho último, os campeonatos de fu-

tebol de quadra, bola ao cesto e voleibol, para os círculos de oficiais e sargentos da Corporação. Como nos anos anteriores, houve boa organiza-



No alto, o ten. cel. Rubens Teixeira Branco entrega ao ten. Jatir o troféu a que fêz jús o R.C. (1.º lugar em bola ao cesto); em baixo, no primeiro plano e a partir da esquerda, ten. cel. Otávio Gomes de Oliveira, ten. cel. Jaime Bueno de Camargo, cel. João de Oliveira Melo, cap. Ciriaco de Carvalho e ten. cel. Rubens T. Branco.

ção, muito entusiasmo e as equipes representativas lutaram com ardor, procurando a vitória para suas Unidades.

Melhorou o padrão técnico de jogo nas diversas modalidades, observando-se, também, uma renovação de valores nos quadros, o que vem atestar insofismavelmente o gosto por êsses ótimos desportos coletivos. Se, como é real, as equipes aguardavam os louros das primeiras classificações, elas também obtiveram a aproximação sempre necessária aos

nossos círculos, na amizade a mais fraterna, onde existiu a lealdade e o cavalheirismo. Vencedores e perdedores, todos se atiraram com vontade ao campo da disputa. Brillhantes partidas eletrizaram as torcidas que lotaram quase sempre as dependências da Escola. As equipes representativas contaram, em tôdas as ocasiões, com o apóio irrestrito de seus comandantes, prestigiando-os durante o desenrolar dos jogos.

Esta parte do campeonato da Fôrça Pública encerrou-se brilhante-



Da esquerda para a direita, em pé, ten. Jatir, ten. Wilson, ten. Humaitá, cap. Ciriaco, ten. Bráulio e cap. Djanir. No primeiro plano, cap. Dagoberto, ten. Viana, ten. Montemor, asp. Orlando e ten. Geraldo Corrêa. Integraram as equipes de bola ao cesto do R.C. (1.º lugar) e Quartel General (2.º).

Grupo formado pelos sargentos que integraram as equipes de bola ao cesto do Batalhão Policial (1.ª classificação) e Centro de Formação e Aperfeiçoamento (vice-campeã).



mente, comparecendo. além dos srs. ceis. Comandante Geral e chefe do E.M., os comandantes de corpo e chefes de serviço, oficiais e numerosas delegações das unidades. Valiosos prêmios coletivos para as equipes, e individuais para os seus componentes, foram conferidos aos vitoriosos. Foram também distribuídos prêmios de tiro, do Campeonato de 1952, às unidades campeãs e aos que individualmente fizeram jús a trofeus e medalhas.

Nesse ritmo de progresso, em breve teremos equipes em grande forma para as futuras peléjas em que, necessariamente, teremos de nos

empenhar, como tem sido feito, honrando as tradições de nossas grandes vitórias intermilitares e interestaduais.

Resultados gerais

Círculo de oficiais: — futebol de quadra - 1.º lugar R.C.; 2.º lugar, C.B.; Bola ao cesto - 1.º lugar, R.C.; 2.º lugar, Q.G.; voleibol - 1.º lugar, C.B.; 2.º lugar, Btl. «Tobias de Aguiar».

Círculo de sargentos: — futebol de quadra - 1.º lugar, Btl. «Tobias de Aguiar»; 2.º lugar, B.P.; bola ao cesto - 1.º lugar, B.P.; 2.º lugar, C.F.A.; voleibol - 1.º lugar, C.B.; 2.º lugar, B.P.

PROVA CAPITÃO ALCIDES TEODORO

Homenagem à memória de um esportista — Venceu o estreante sargento Antônio José Alves — Vitória coletiva do 5.º B. C. —
Outras classificações

Proseguíu na manhã do dia 16 de maio, o II.º Campeonato Interno de Pedestrianismo, cabendo à E.E.F. patrocinar a segunda prova do calendário prestando justa homenagem à memória de um verdadeiro esportista, o capitão ALCIDES TEODORO DOS SANTOS que, em 1949, soube morrer com desprendimento e heroísmo no cumprimento de seus deveres, dando-nos mais um exemplo de que o verdadeiro esportista, com sua lealdade, sangue frio e coragem, reafir-

ma nas situações difíceis e temerosas as qualidades individuais que o esporte sadio soube desenvolver para o bem comum da sociedade.

Está de parabens a E.E.F., pela feliz lembrança de homenagear, em provas esportivas, a memória dos camaradas extintos que em vida souberam dar exemplos de devoção esportiva.

A PROVA

Exatamente às 9,00 horas, conforme previsão, no Estádio da E.E.F.

foi feita a chamada dos 53 atletas que defenderiam as 11 unidades inscritas. Grande expectativa reinava entre os atletas e afeiçoados do pedestrianismo que, apesar de conhecerem bem os valores dos nossos fundistas, não ousaram afirmar seus prognósticos pois o equilíbrio de forças era evidente.

Organizada a partida, coube ao Instrutor de Corridas da E.E.F., apresentar os atletas ao cel. João de Oliveira Melo, D.G.I., que se achava acompanhado dos comandantes do B.G., 4.º B.C. e da unidade patrona que, com suas presenças, prestigiaram mais esta iniciativa em prol do atletismo pátrio.

Em seguida, o major Romeu de C. Pereira, fiscal da E.E.F., em breve mas entusiástico improvisado, lembrou aos atletas o significado da prova.

Exatamente às 9,30 horas o cap. Ulisses Teodoro dos Santos, irmão do homenageado, operoso e eficiente instrutor de educação física, deu o tiro de partida para a corrida dos 4.000 metros.

De início os corredores contornaram a pista e vários atletas, entre os quais alguns pouco experimentados, forçaram «a ponta» para, aos poucos, cederem lugar àqueles mais treinados e possuidores de melhor preparo. A acirrada disputa que se seguiu foi a exaltação das condições de resistência e preparo físico dos nossos pedestrianistas.

Venceu o estreante 3.º Sgt.

Antônio José Alves

Terminado o percurso com a clássica volta na pista, o resultado de um

modo geral não apresentou surpresas, vencendo os mais categorizados. Entretanto, a vitória do sargento Alves constitui verdadeira revelação para o nosso pedestrianismo, pois, embora credenciado, estreou com atletas experimentados e possuidores de bons índices técnicos.

O sargento Alves, com 4 anos de serviço e 24 anos de idade, só no início do presente ano, quando se candidatou ao C.M.E. Física, teve descobertas suas reais qualidades para o esporte de Nurmi. Assim é que, nas provas de campo, obteve o extraordinário resultado de 2 (dois minutos) e 48 (quarenta e oito segundos) na prova de 1.000 metros rasos. Até então o sgt. Alves não havia pensado em se dedicar ao atletismo, mas, informado de suas possibilidades e estimulado por companheiros, tratou de participar das provas da Federação Paulista de Atletismo, onde representa o Clube de Regatas Tietê. Em 26 de abril do corrente ano, venceu com elevado índice a VOLTA DA PENHA, prova para estreantes da F.P.A., em percurso de 3.000 metros, aproximadamente. Com estas vitórias o sgt. Alves mostrou possuir qualidades superiores, sendo desde já considerado na forma do regulamento, atleta de categoria «A».

Vitória coletiva do 5.º B.C., seguido do Batalhão «Tobias de Aguiar».

Confirmando seu favoritismo, o 5.º B.C., com 4 atletas bem treinados, logrou merecidamente conquistar os louros da vitória e, por isso mesmo, desejamos felicitar aqueles esforçados atletas.

Não menos mérito teve a equipe do Batalhão «Tobias de Aguiar» que, com turma homogênea, apesar de integrada por elementos novos, repetiu o feito da primeira prova secundando bem de perto a vencedora.

CLASSIFICAÇÃO COLETIVA

- 1.º lugar — 5.º B.C. com 11 pts. perdidos
- 2.º lugar — Batalhão «Tobias de Aguiar» com 13 pts. perdidos
- 3.º lugar — Batalhão de Guardas com 38 pts. perdidos
- 4.º lugar — Batalhão «Tobias de Aguiar» com 60 pts. perdidos
- 5.º lugar — 6.º B.C. com 69 pts. perdidos
- 6.º lugar — 4.º B.C. com 74 pts. perdidos

Observações: — O 3.º B.C. perdeu o mesmo número de pontos que o 4.º B.C., porém, o último da equipe teve classificação individual inferior (pior) que o daquela unidade.

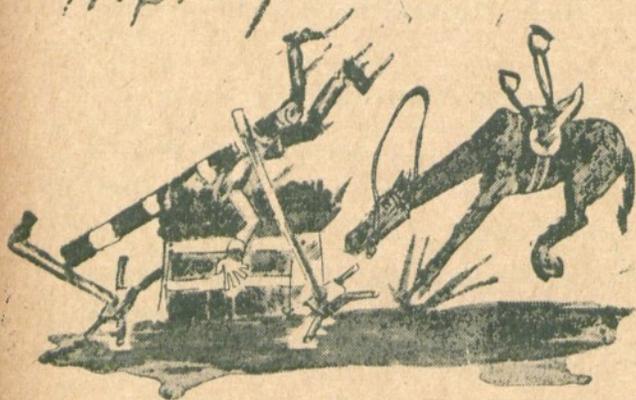
CLASSIFICAÇÃO INDIVIDUAL

- 1.º lugar — sgt. Antônio José Alves — B.T.A.;
- 2.º lugar — sd. José Vitoriano — 5.º B.C.;
- 3.º lugar — sd. João da Silva — 5.º B.C.;
- 4.º lugar — sd. Nelson Muniz de Souza — B.T.A.;
- 5.º lugar — sd. Benedito Teodoro — 2.a Cia. Ind.;
- 6.º lugar — sd. Waldemar Eloi Pereira — 5.º B.C.;
- 7.º lugar — sgt. Osvaldo Gonçalves Mendes — 5.º B.C.;
- 8.º lugar — sd. Aloísio Bezerra — B.T.A.;
- 9.º lugar — sd. Cláudio Gomes Jardim — B.G.;
- 10.º lugar — sd. Elias Mariano — 6.º B.C.

Esta revista deseja congratular-se com o 3.º e 4.º Batalhões, pela adesão de suas equipes ao promissor campeonato, formulando votos de pleno êxito às suas representações.

No dia 11 de junho, como parte integrante das festividades do aniversário da Unidade, o Serviço de Intendência patrocinará a próxima prova do campeonato oferecendo valiosos prêmios aos vencedores.

HIPISMO



Capitão

Plínio
Desbrousees
Monteiro

PROVA "9 DE JULHO"

No dia 25 de julho o R.C. realizou em seu picadeiro descoberto, a prova acima, que como seu nome indica é uma homenagem aos que lutaram a nossa mais brilhante pugna, aos que contribuíram com seu trabalho ou com o seu sangue para a vitória moral de São Paulo, na inolvidável epopéia de 1932. Visou ainda estimular os aspirantes que ora se iniciam na prática do salto de obstáculos, dando-lhes a oportunidade de concorrerem. Transcorreu a prova com intensa disputa, indo os classi-

ficados ao 3.º desempate, visto que se tratava de uma prova de barragem, com desempate em tempo.

Classificação:

1.º lugar - 1.º ten. Nelson Tranchesi, conduzindo de forma correta «Galã», com zero pontos perdidos por falta, em 52"; 2.º lugar - cap. João de Aquino, montando «Farrapo», com zero pontos por falta 59'7/10; 3.º lugar - ten. Bráulio Guimarães, sobre «Tamoio» 1' 4"2/10; 4.º lugar - cap. Adérito Augusto Ramos, montando «Xingú».

TEMPORADA SANTISTA

De há muito não conquistava a Força Pública tantas e tão honrosas classificações em uma temporada hípica; ou, digamos melhor, foi sumamente brilhante a atuação dos cavaleiros do R.C. na série de concursos

de salto de obstáculos realizada em Santos, durante o mês de julho do ano em curso.

O 1.º ten. Roldão Nogueira de Lima, cujas vitórias nesta temporada na cidade de Braz Cubas, bem



O 1.º ten. Roldão Nogueira de Lima recebe, das mãos do representante do Secretário da Segurança Pública, o prêmio a que fêz jús.

dizem do seu valor como cavaleiro, nos permite afirmar ter sido êle e o seu «Shangay» o ponto alto daquelas provas. Concorrentes e assistentes em elevado número e animados de grande entusiasmo esportivo, deram, ainda, maior valor aos resultados que abaixo transcrevemos com verdadeiro júbilo:—

Prova «Câmara Municipal de S. Vicente» - 3.º lugar - ten. Roldão N. Lima, montando «Shangay II»;

— prova «Vice-Prefeito Artur Rivian» - 1.º classificado - ten. Roldão, conduzindo «Shangay II»;

— prova «Patrick J. Mulkay» - 2.º lugar - ten. Roldão, sôbre «Shangay II»;

— prova «Prefeito Jânio Quadros» - 2.º posto - ainda o 1.º ten. Roldão, desta vez sôbre «Galã»;

— prova «Assoc. Comercial de Santos» - 1.º lugar - ten. Augusto dos Santos Cordeiro, em bellissima condução de «Cuiabá»;

— prova «Irmandade do Hospital S. José» - mais uma vez o 1.º ten. Roldão Nogueira de Lima, com «Shangay II», obteve o 3.º lugar.

A classificação geral, quanto à Fôrça, ficou assim dividida sômente entre dois valores: tens. Roldão e Cordeiro, com um total de 95 pontos, que asseguraram o 3.º lugar para o Regimento de Cavalaria.

FINAL DE TEMPORADA

Neste espaço, geralmente destinado a descrevermos com satisfação as festas esportivas, nas quais a F.P. toma parte no setor hípico, nos dispomos a biografar, hoje, um elemento relacionado com êsse nobre esporte, e que bem pode servir de exemplo esportivo, e porque não dizermos mesmo, de magnífica demonstração de ardor e dignidade combativos.

Há os que ao primeiro sinal de fadiga abandonam a arena de sua luta. Outros existem que, até o seu último alento, até a sua derradeira energia, procuram bem desempenhar suas funções, e só se deixam ficar pelo caminho quando inutilizados para prosseguir ou quando sofreados pela morte. Diz-se, então, que êsse indivíduo tinha fibra, tinha valor, foi um herói ou qualquer outro termo de acôrdo com as circunstâncias e o local em que o «de cujus» se revelou.

O indivíduo, que aqui estamos citando, era um atleta da Fôrça Pública, e para ela conquistou incontáveis e incontestáveis louros, e chegou mesmo a vice-campeão brasileiro de sua especialidade.

Dia 20 de julho último, quando treinava no picadeiro do R.C., ao saltar um obstáculo, tombou morto vítima de síncope cardíaca. Esportista de fibra morreu na prática do esporte! Final de sua temporada.

Chamava-se «Corcovado», mas todos o conheciam por «Baio», pois tinha a destacá-lo dos demais essa

pelagem, algo rara em cavalos de salto.

Grande cavalo! Grande exemplo nesta época de desfibramento moral que atravessamos.

Conduziram-no à vitória os então sgt. Jocelino do Prado, os tens. Anselmo Peres, Adérito Ramos, Bráulio Guimarães e Dirceu de Carvalho Bruno. Tendo êste último ten. por cavaleiro, o Baio atingiu o seu apogeu, obtendo as classificações que se seguem:

em 1945 - um 3.º, um 2.º e um 4.º lugar;

em 1946 - dois 2.º e um 4.º lugar;

em 1947 - em 26-IV - 4.º lugar na «Taça Fôrça Policial do Estado»;

em 29-IV - 2.º lugar na «Prova Leopoldo Pio Bastos e 3.º lugar na «Prova João Carlos Kruel»;

em 6-VIII - 3.º lugar na «Prova Sub-Prefeitura de Sto Amaro»;

em 22-X - 4.º lugar na «Prova Cap. Rocha Marques»;

em dezembro - em Belo Horizonte, na temporada Inter-Estados, em 4 difíceis provas realizadas com obstáculos de 1,30 a 1,50, contribuiu para que a equipe da F.P. de São Paulo conquistasse o 1.º lugar e mais o 3.º lugar na prova «Gen. Silva Ramos» e zero pontos por faltas na prova «Dr. Franzen de Lima» de classe «C»;

em 1948 - em 6-II - 1.º lugar no Parque da Água Branca, prova «Exposição dos Municípios».



O TIRO AO ALVO EM CAMPINAS

PROVA "CAPITÃO SCHEFFER"

O capitão Nelson Simões Scheffer de Oliveira foi homenageado, no dia 19 de julho passado, em Campinas, pelo Clube Campineiro de Tiro e Esgrima. Além da realização de prova de revólver com seu nome, foi-lhe ofertado um artístico trofeu.

Quando ainda tenente e pertencendo ao 8.º B.C., êsse distinto oficial da Fôrça Pública e grande atirador de revólver prestou inestimáveis serviços aos atiradores da terra de Carlos Gomes, ministrando-lhes valiosos ensinamentos de tiro ao alvo, o que lhes possibilitou melhoria em seus índices técnicos. Foi também o cap. Scheffer o idealizador e construtor do magnífico Estande de Tiro do 8.º B.C. e que serve aos atiradores de Campinas para seus treinos e competições. Daí a homenagem que recebeu. Em nome do Clube Campineiro de Tiro e Esgrima saudou-o

o capitão Cálío de Campos Montes, presidente da entidade.

O C.C.T.E. ofertou medalhas, até o 5.º lugar, em cada classe (A e B) aos disputantes da Prova Capitão Scheffer. (Prova de revólver 32/45 - 20 tiros - 25 metros - Alvo Sulamericano).

Resultado da Prova - Classe «A»

1.º lugar - maj. Fausto Quirino Simões, 186 pontos; 2.º lugar, cap. Cálío de Campos Montes, 172 pontos; 3.º lugar - sargento Afonso Caetano, 158 pontos; 4.º lugar - Benedito Rossi, 150 pontos; 5.º lugar - srta. Thea Gut, 149 pontos.

Classe «B»

1.º lugar - ten. Antônio Bruno; 2.º lugar - José Alfredo do Nascimento; 3.º lugar - ten. Valdomiro Portes; 4.º lugar - ten. Osvaldo Teixeira Pinto; 5.º lugar - prof. Borgia.

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

EOLIVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — cap. Saul Herbas Casanovas.

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Prefectura General (Valparaiso) — capitán Franklin Troncoso Bacler.

— IV Zona de Carabineros (Concepcion) — capitán Moysés Suty Castro

ACRE (Guarda Terretorial)

— Q.G. (Rio Branco) — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque.

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — cap. Cavalcante Maranhão.

AMAPA (Divisão de Segurança e Guarda)

— Sêde (Macapá) — Raimundo Walter Luz.

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— Major Caetano Felix do Nascimento

BAHIA (Policia Militar)

— Q.G. (Salvador) — cap. Gestsemani G. da Silva.

CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — 1.º ten. Antônio Nilson Rodrigues.

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — major Darcy Fontenelle Castro.

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — ten. Manoel Apolinário Chaves.

— 6.º B.I. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Hélio Miranda Quaresma.

— Escola Técnica do E.B. — cel. pe. João Tenei de Camargo e Silva.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — 1.º ten. Alfredo P. Barroca.

GOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — 2.º ten. Brasil Coury.

MARANHÃO (Fôrça Policial)

— Q.G. (São Luiz) — major Arlindo Faray.

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Q.G. (Cuiabá) — ten. cel. Gonçalo Romão de Figueiredo.

— 2.º B.C. (Campo Grande) — ten. cel. Hermenegildo T. do Nascimento.

MINAS GERAIS (Policia Militar)

— B.G. (Belo Horizonte) — cap. Antônio Norberto dos Santos.

PARA (Policia Militar)

— Q.G. (Belém) — cap. Walter Moreira Cals.

PARAÍBA (Policia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — 1.º ten. José Belarmino Feitosa Filho.

PARANÁ (Policia Militar)

— Q.G. (Curitiba) — cap. Washington Moura Brasil.

— Guarda Noturna (Curitiba) — sr. Floriano José da Costa.

RIO DE JANEIRO (Policia Militar)

— Q.G. Capitão Walter Zulmiro Pereira de Castro.

RIO GRANDE DO NORTE (Policia Militar)

— Q.G. Capitão Antônio Moraes Neto.

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

- Q.G. (Porto Alegre) — 2.º ten. Ernani Pereira de Aquino.
- 4.º B.C. (Pelotas) — cap. Renato Moro Ramos.
- 2.º R.C. (Livramento) — 2.º ten. Carlos Cravo Rodrigues.

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

- Q.G. (Florianópolis) — 2.º ten. Manoel Gomes.

SÃO PAULO (Força Pública)

- Q.G. (Capital) — cap. Nelson Agostinho Ferreira.
- C.F.A. (Capital) — 1.º ten. Osvaldo Hildebrand.
- B.G. (Capital) — 1.º ten. João Vieira de Lima
- Btl. Tobias de Aguiar (Capital) — 2.º ten. Jorge Paes Leme.
- R.C. (Capital) — 2.º ten. Gumercindo Guimarães.
- C.B. (Capital) — cap. Samuel Rubens Armond.
- B.P. (Capital) — 2.º ten. Hélio Guaicuru de Carvalho.
- 2.º B.C. (Capital) — 1.º ten. Ricardo Gonçalves Garcia.
- 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — 1.º ten. Odilon Spinola Neto.
- 4.º B.C. (Bauru) — 2.º ten. Alaôr de Souza Campos.
- 5.º B.C. (Taubaté) — 2.º ten. Mário Ferreira.
- 6.º B.C. (Santos) — 1.º ten. Luiz Nobrega e Silva.
- 7.º B.C. (Sorocaba) — ten. Alvaro Parreiras.
- 8.º B.C. (Campinas) — 1.º ten. Osvaldo Teixeira Pinto.
- S.M.B. (Capital) — cap. Olivio Franco Marcondes.
- S.E. (Capital) — cap. Augusto de Abreu.
- S.I. (Capital) — 1.º ten. José Picelli.
- S.F. (Capital) — 2.º ten. Mário Costa e Silva.
- S. Trns. (Capital) — cap. Joaquim Gouvea Franco Junior.
- S. Subs. (Capital) — ten. Tiago Vilaverde Prior.
- E.E.F. (Capital) — 1.º ten. Ademar Ferreira.
- S.T.M. (Capital) — 1.º ten. Hildebrando Chagas da Silva.
- S.S. - H.M. (Capital) — cap. Irani Paraná do Brasil.
- 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — 1.º ten. Manoel Molicca.
- 2.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — 1.º ten. José Ribeiro de Godoi.
- 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — cap. Divo Barsotti.
- 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — cap. Antônio Augusto de Souza Filho.
- 1.ª C.I.B. (Santos) — cap. José Limongi França.
- Rádio Patrulha (Capital) — sr. Epaminondas Caldas Camargo.
- Cia. Policiamento Rodoviário (Capital) — 1.º ten. Jalmir C. Costa.
- Polícia Florestal (Capital) — cap. Alfredo Costa Junior.

SERGIPE (Polícia Militar)

- Q.G. (Aracaju) — 2.º ten. José Félix da Silva.

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.

SECÇÃO DE ÉDIPO

3.º TORNEIO DE 1953

JULHO — AGOSTO — SETEMBRO

CHARADA AUXILIAR

- 17 — + no = tecido de linho, algodão, etc.
 + no = velas do navio
 + no = inteligente
 + no = durmo
 conceito: - Indivíduo ridículo.

Paulista Velho

CHARADAS NOVISSIMAS

- 18 — Antes do princípio do dia, há o alvorecer — 2-2

Pompeu Júnior

- 19 — Pessoa de baixa estatura não descobre o manancial sem descalçar o chinelo - 2-2.

Cel. S. O. Silva



- 20 — D. Manoel, o Venturoso, foi um rei aparatoso - 2-1.

K.D.T.

- 21 — Alavanca de madeira não oferece proteção contra choque - 2-1.

Eufrásio

- 22 — E' um mau costume, que oferece dificuldades, o de falar linguagem obscura - 2-1.

CON YTRA

16 — ENIGMA FIGURADO



4L



Veterano

CHARADAS SINCOPADAS

- 23 — Mandioca com café - 3-2.
 K.D.T.
- 24 — Sujeito insignificante não agüenta a prova - 3-2.
 CON YTRA
- 25 — Superior desacreditado não tem autoridade - 3-2.

C. Bento

- 26 — Todo mandachuva tem autoridade - 4-2.

Pompeu Júnior

CHARADAS CASAIS

- 27 — Minha irmã é minha companheira inseparável - 2.
 Cel. S. O. Silva
- 28 — Ter macaco à mesa é uma grande impertinência - 2.
 CON YNTRA
- 29 — Naquele capão de mato foi perdido um chocalho grande - 4.
 K.D.T.

CHARADA ANTIGA

- 30 — Pareça, embora, mentira - 1.
 E' real o que vos digo: - 2.
 Aplicado sob a ira
 Não é correto o castigo .
 P. Q. Nino



PALAVRAS CRUZADAS

Problema de Plínio D. Monteiro

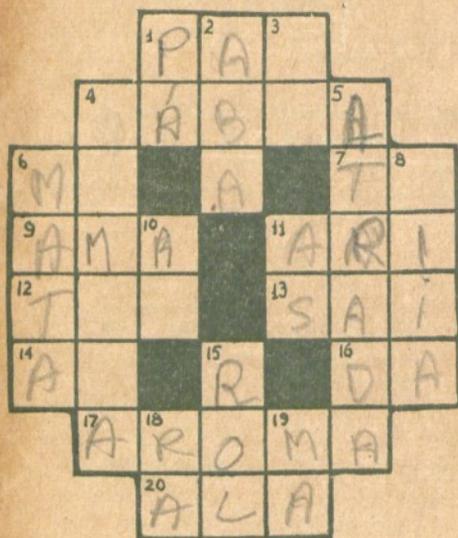
Horizontais: — 1 - Diapasão; 7 Laços de crina de cavalo para apanhar perizes; 8 - Doçura (fig.); 9 - Atração; 10 - Amarrar; 12 - Ruminante da Ásia; 15 - Eros; 17 - Paralisia; 19 - Cada uma das seis divisões de cada antiga tribo ateniense; - 20 Variedade de caracteres tipográficos; 22 - Gorduroso.

Verticais: — 1 - Sacerdote budista entre o mongóis e os tibetanos; 2 - Pequena ala; 3 - Dá massagem em; 4 - Sair; 5 - Monarca; 6 - Ruído; ondulação ruidosa; 11 - Que tem fendas; 13- Ré-gulo (pl.); 14 - Alburno; entrecasco; 16 - Fundo de peneira; 18 - Espécie de dança; 21 - Igreja episcopal.

Problema de Eufrásio

Horizontais: — 1 - Hóstia consagrada; 4 - Capanga; 6 - Tumor, também chamado arrieira; 7 - Nota musical; 9 - Governanta; 11 - Nome de homem; 12 - Semelhante; 13 - Verbo sair; 14 - Paralisia; 16 - Oferece; 17 - Perfume agradável; 20 - Fileira.





Verticais :— 1 - Instrumento agrícola; 2 - Rebordo de chapéu; 3 - Sufixo designativo de agente; 4 - Quarto de dormir; 5 - Ligada para ação comum; 6 - Bosque; 8 - Melodia; 10 - Outra coisa; 11 - Pessoa exímia em qualquer atividade; 15 - Lista; 18 - Denominação geral para os anuros pequenos; 19 - Flexão feminina de mau.

Correspondência

Eufrásio, capital. Inscrito com o máximo prazer.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos os números de julho e agosto, de o "Enigmista", que se publica em Santos e os números de agosto e setembro, de a "Esfinge", desta Capital.

Ambos contém excelentes trabalhos e sua leitura é aconselhada aos amantes do charadismo e cruzadismo.

ERRATA

O enunciado da charada novíssima, n.º 6, do número passado, é: A menina entra na dança e vive alegre porque, para os folguedos tem propensão. 3-2.



NOSSA CAPA

Vista parcial da Via Anchieta (São Paulo-Santos), fixada no dia 1.º de maio último, quando das solenidades de inauguração da 2.ª pista pelo governador Lucas Nogueira Garcez.

militia

Revista de assuntos técnicos, policiais,
militares e culturais em geral.

ÓRGÃO DO CLUBE MILITAR DA FORÇA
PÚBLICA DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

Fones } externo 34-6488
 } interno 142

SÃO PAULO, S. P. _____ Brasil

A N O VI —

Agosto de 1953

N.º 39

DIRETOR GERAL	cel. José Anchieta Torres
DIRETOR RESP. E GERENTE :—	cap. Francisco Vieira Fonseca
REDATOR-CHEFE: —	maj. Bento Barros Ferraz
SECRETARIO · —	1.º ten. Hildebrando Chagas (E.J.C.L.)
TESOUREIRO : —	major Manoel Pereira da Silva
REDADORES :	
— ten. ccl. mons. Paulo A. Cavalheiro Freire	} ILUSTRAÇÃO :
— maj. Milton Marques de Oliveira	
— cap. Felix de Barros Morgado	
— cap. Paulo Monte Serrat F.º	
— cap. Ari José Mercadante	
— cap. Francisco Antônio Bianco Jr.	
— 1.º ten. Miguel M. Sendin	
— 1.º ten. Antônio Silva	
FOTOGRAFIA :	
	— Ludovico Paraschin

ASSINATURAS .

Por 12 números Cr\$ 50,00

Número avulso Cr\$ 5,00

AOS COLABORADORES E LEITORES

- * A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou eligioso-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.
- * Toda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar seis páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sobre cartolina ou papel branco forte.
- * Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sobre a sua publicação.
- * A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

▪ Desejamos estabelecer permuta

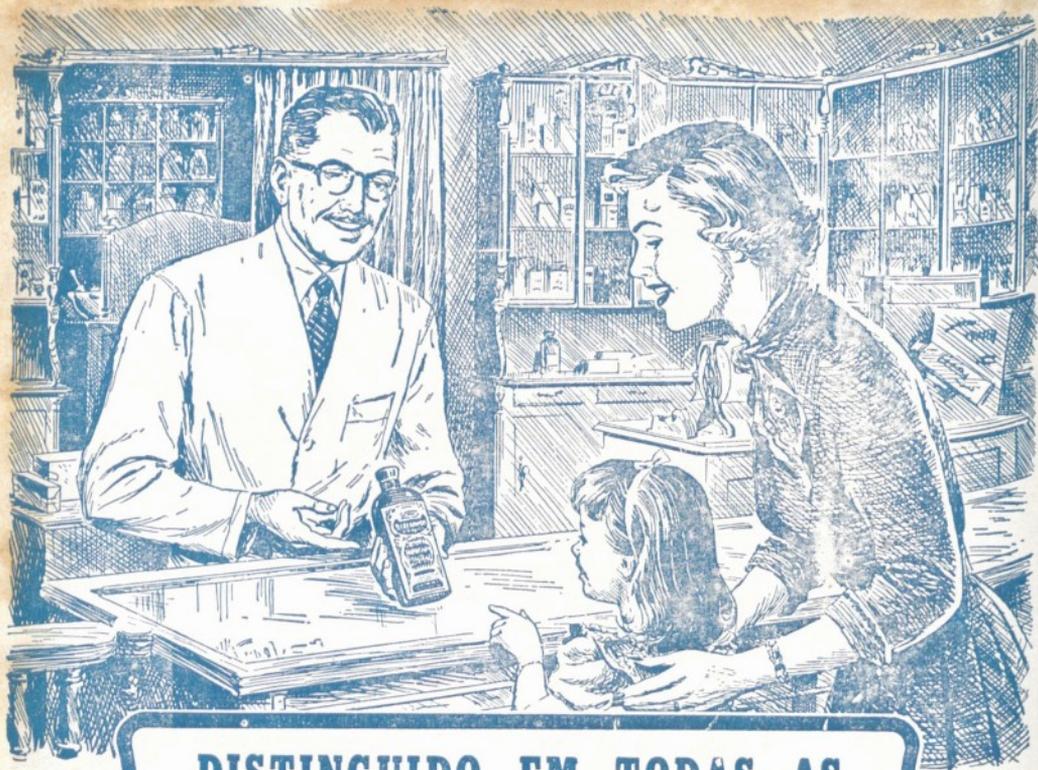
▪ Desejamos estabelecer el cambio

▪ Desideriamo stabilire cambio

▪ On désire établir échange

▪ We wish to establish exchange

▪ Austausch erwünscht



DISTINGUIDO EM TODAS AS FARMÁCIAS DO BRASIL

Peça o vidro gigante que oferece estas vantagens:

- Economia no preço, por igual número de doses.
- A história do "Jeca Tatuzinho", de Monteiro Lobato.
- Tratamento mais prolongado, sem interrupção, com o mesmo vidro.



A Farmácia é uma "Casa do Bem" onde se encontram os melhores recursos para a defesa da saúde. Cumprindo as determinações do médico, ela entrega ao público medicamentos de comprovada eficácia, de absoluta confiança. É o caso do Biotônico Fontoura. Quando o organismo exige poderoso reconstituente -- Biotônico Fontoura é sempre indicado. É o mais ativo medicamento contra anemia, raquitismo, fraqueza geral e neurastenia. Em todas as farmácias e drogarias

BIOTÔNICO

o mais completo fortificante!

FONTOURA